



DTecS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO,
TECNOLOGIAS E SOCIEDAD

PEDRO TORRES DE MELO PEDROSA

**MORFOLOGIA URBANA E SUAS VIVÊNCIAS: ESTUDO DE CASO
SOBRE UMA NOVA CENTRALIDADE URBANA EM ITAJUBÁ/MG**

ITAJUBÁ - MG

2019

PEDRO TORRES DE MELO PEDROSA

**MORFOLOGIA URBANA E SUAS VIVÊNCIAS: ESTUDO DE CASO
SOBRE UMA NOVA CENTRALIDADE URBANA EM ITAJUBÁ/MG**

Dissertação submetido à banca de defesa do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade, na Universidade Federal de Itajubá, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade.

Área de Concentração: Desenvolvimento,
Tecnologias e Sociedade.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento e Sociedade.

Banca:

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daniele Ornaghi Sant'Anna

Examinadora Externa: Prof^a. Dr^a. Luciana Botezelli

Examinador Interno: Prof^o. Dr^o. Rogério Rodrigues

ITAJUBÁ - MG

2019

A meu filho João Vitor (JV10) e a todos que acreditam no meu potencial e torcem para que meus sonhos se realizem.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Ao meu filho João Vitor, por aguentar as ausências e as vezes que eu não pude jogar bola e jogar vídeo game com ele, por estar me dedicando a esta pesquisa: não fico longe de você por mais nada.

À companheira Thaissa Carlos Rodrigues Martins, pelo imenso carinho e apoio durante toda essa jornada no DTecS.

À minha mãe Benvinda Torres de Melo e ao meu pai Pedro Batista Neto pela paciência que têm comigo, pelo amor incondicional, e por serem pais do meu filho junto comigo quando precisei ficar meses me dedicando à pesquisa.

Ao meu tio Tibúrcio e à tia Júlia, pelo amor e cuidado com a minha formação escolar e acadêmica, com minha saúde e com minha satisfação, amo muitos todos vocês, somos laçados pelo compromisso eterno.

Aos moradores do bairro Estiva, que mesmo a bordo do barco sem rumo que é o progresso, seguem esperançosos.

Meu agradecimento eterno aos moradores que participaram da pesquisa e dispuseram do seu tempo e conhecimento para compartilhar; aos que me inspiraram com suas histórias de lutas e superação, meu muitíssimo obrigado.

À Universidade Federal de Itajubá, por proporcionar ensino de alta qualidade e gratuito, na minha própria cidade.

Ao Programa de Pós-graduação DTecS, pela inovação nos caminhos mentais, e alimentar a construção de caminhos alternativos ao colocado como certo e único.

À orientadora Daniele Ornaghi Sant'Anna, por ser a luz no fim do túnel na minha trajetória neste programa, pelas orientações sempre com muito humor, dedicação e carinho.

À professora Luciana Botezzeli, pelas inestimáveis contribuições, pela disposição e simpatia, obrigado por participar desta jornada conosco.

Ao professor Rogério Rodrigues pelo apoio durante o curso, pelas opiniões que me faziam raciocinar e refletir, obrigado pelas contribuições neste trabalho.

Luiz Guilherme Rodrigues Antunes, Raquel Félix e Rafaela Maltauro pela ajuda inestimável, vocês foram essenciais para a realização e conclusão desta pesquisa.

Aos professores do PPG DTecS, cujas visões de diferente áreas, focadas no debate sobre desenvolvimento, enriqueceram minha formação acadêmica, sob a luz crítica à pós-modernidade.

Colegas do PPG DTecS, parceiros e parceiras de debates em aula e em botecos.

Conselho de Aprimoramento de Pessoal Superior (CAPES) pela bolsa de estudos que me possibilitou a dedicação exclusiva para esta pesquisa e para outras atividades acadêmicas desenvolvidas ao longo do curso, imprescindíveis para a minha manutenção e conclusão no curso.

E finalmente, às companheiras e companheiros do Núcleo Travessia, por abrir as portas de novos mundos e ampliar a minha percepção quanto à importância das questões do rural e do homem do campo na sociedade.

“Se o indivíduo é passivo intelectualmente, não conseguirá ser livre moralmente”.

Jean Piaget

RESUMO

Dentro da área de “Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade”, realizou-se esta pesquisa interdisciplinar sobre desenvolvimento urbano, a partir da redefinição das centralidades urbanas, que tem sido capaz de reorganizar a reprodução do capital diante da crise da industrialização pós década de 1970. Dessa forma, as novas centralidades urbanas alteram a morfologia da cidade e as vivências reproduzidas nela, provocando profundas rupturas nas dinâmicas sociais e econômicas. A presente pesquisa norteia-se pela seguinte pergunta: quais implicações do crescimento do bairro Estiva na morfologia urbana e nas vivências dos moradores do bairro? Justifica-se na ampliação da percepção da sociedade sobre os impactos de uma nova centralidade urbana, de forma a contribuir no debate sobre questões urbanas do município estudado. Considerando indícios de uma nova centralidade urbana em Itajubá (MG), a pesquisa tem como objetivo geral verificar as implicações do crescimento do bairro Estiva na morfologia urbana e nas vivências dos moradores do bairro. Como objetivos específicos buscou-se: (i) evidenciar o crescimento do bairro Estiva nos últimos 30 anos; (ii) realizar diagnóstico do bairro Estiva quanto ao uso e ocupação do solo; (iii) verificar o possível surgimento de uma nova centralidade urbana em Itajubá (MG); e, (iv) investigar a percepção de moradores sobre o crescimento do bairro Estiva. Como metodologia de pesquisa partiu-se para uma pesquisa quali-quantitativa. Utiliza-se como técnicas de coleta de dados secundários o levantamento documental, englobando a legislação pertinente e imagens orbitais de alta resolução. A coleta de dados primários será obtida através da aplicação de entrevistas semiestruturadas, aplicadas nos moradores da região estudada e em servidores da prefeitura municipal de Itajubá (MG). O processamento e análise de dados deram-se por meio da análise de conteúdo por frequência e por categorias temáticas, além do uso de técnicas de geoprocessamento de imagens de satélite. Como resultados apresenta-se que o bairro Estiva cresceu a taxas maiores que o resto da cidade nos últimos 30 anos, ao passo que conta com 87% de sua área ainda não construída. Ao final apresentam-se as percepções dos moradores sobre crescimento do bairro Estiva, indicando mudanças profundas na morfologia e nas vivências dos moradores. Verificou-se que, de acordo com a literatura, a área pesquisada indica o surgimento de uma nova centralidade urbana.

Palavras-chave: Novas Centralidades Urbanas; Morfologia Urbana; Expansão Urbana.

ABSTRACT

Within the area of "Development, Technologies and Society", this interdisciplinary research was carried out on urban development, from the redefinition of urban centralities centralities has been able to reorganize the reproduction of when confronted with the crisis of industrialization after the 1970s. Thus, the new urban centralities alter the morphology of the city and the experiences reproduced on it, provoking deep ruptures in the social dynamics and and economic development. The present research is guided by the following question: what are the implications of the growth of the Estiva neighborhood's growth in the urban morphology and in the experiences of residents? It is justified in broadening the perception of society about the impacts of a new urban centrality, in order to contribute to the debate on urban issues of the municipality on which this study is focusing on. Considering the indications of a new urban centrality in Itajubá (MG), the research has as general objective to verify the implications of the growth of the Estiva neighborhood in the urban morphology and the experiences of Estiva neighborhood's habitantes. Specific objectives are: (i) to demonstrate the growth of the Estiva neighborhood in the last 30 years; (ii) diagnose the Estiva neighborhood regarding the use and occupation of the land; (iii) verify the possible emergence of a new urban centrality in Itajubá (MG); and (iv) to investigate the perception of residents about the growth of the Estiva neighborhood. As a research methodology first it starts for a quali-quantitative research. It is intended to use the documentary survey techniques as a secondary data collection, encompassing the relevant legislation and high resolution orbital images. The primary data collection will be obtained through the application of semi-structured interviews, with the residents from the region studied and with attendants of the municipal government of Itajubá (MG). Data processing and analysis were performed through the content analysis by frequency and by thematic categories, in addition to the use of geoprocessing techniques of satellite images. As a result, the Estiva neighborhood grew at higher rates than the rest of the city in the last 30 years, while it has 87% of its area still to be built. At the end it is displayed the residents perceptions about the growth of the Estiva neighborhood, indicating profound changes in morphology and residents' experiences. It was verified that according to the literature, the researched area indicates the emergence of a new urban centrality,

Keywords: *New Urban Centralities; Urban Morphology; Urban Expansion;*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização do bairro Estiva no município de Itajubá (MG)	25
Figura 2 - Delimitação do bairro Estiva conforme a resolução de sua criação, em 1992	27
Figura 3 - Design da pesquisa.....	37
Figura 4 - Mapa temático de classificação	40
Figura 5 - Mapa da evolução da mancha urbana no município de Itajubá durante os períodos de 1986-2001 e 2001-2017	41
Figura 6 - Mapa com loteamentos e condomínios fechados de alto padrão no entorno da nova centralidade	42
Figura 7 - Mapa de localização A do recorte de pesquisa no município de Itajubá (MG), 2016	45
Figura 8 - Mapa de localização B do recorte de pesquisa no município de Itajubá (MG) , 2016.....	45
Figura 9 - Mapa de localização C do recorte de pesquisa no município de Itajubá (MG) , 2016.....	46
Figura 10 - Mapa com os bairros no entorno do bairro Estiva	47
Figura 11 - Mapa com a localização das principais instituições existentes no recorte da pesquisa.....	48
Figura 12 – Crescimento do bairro Estiva nos períodos de 1986-2001 e 2001-2017	49
Figura 13 - Mapa do bairro Estiva com sobreposição do zoneamento municipal	51
Figura 14 - Mapa do recorte da pesquisa com sobreposição do zoneamento municipal.....	52
Figura 15 - Diagnóstico do uso e ocupação do solo no bairro Estiva	56
Figura 16 - Uso e ocupação do recorte da pesquisa	56
Figura 17 - Faixa etária dos participantes da pesquisa.....	59
Figura 18 – Sexo dos participantes da pesquisa	59
Figura 19 - Ocupação dos moradores do bairro Estiva participantes da pesquisa.	60
Figura 20 - Nível de escolaridade dos participantes da pesquisa.....	60
Figura 21 - Respostas acerca do tempo que o participante mora na cidade de Itajubá (MG)	61
Figura 22 – Respostas sobre qual bairro o entrevistado mora	61
Figura 23 – Respostas sobre o tempo que o entrevistado mora no bairro	62
Figura 24 - Cidades de origem dos entrevistados não nascidos em Itajubá	62
Figura 25 – Respostas sobre a qual referência da região.....	63
Figura 27 - Respostas sobre aumento de IPTU, aluguel, água e luz.	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pergunta principal e perguntas auxiliares da pesquisa.....	2
Quadro 2 - Síntese do referencial teórico com as principais obras utilizadas	7
Quadro 3 - Fontes documentais da pesquisa	31
Quadro 4 - Dimensão, categoria e subcategoria	36
Quadro 5 - Quadro metodológico	38
Quadro 6 – Subcapítulos apresentados nos resultados	39
Quadro 7 - Permissões de uso e ocupação do solo no bairro Estiva	53
Quadro 8 - Classes de uso e ocupação do solo da região estudada	54
Quadro 9 - Panorama de porcentagem do recorte de pesquisa quanto às áreas construídas e áreas ociosas	58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados sobre território e população de Itajubá (MG)	26
Tabela 2 - Dados o crescimento de áreas construídas em Itajubá (MG) nos períodos entre 1986-2001 e 2001-2017	41
Tabela 3 - Dados o crescimento de áreas construídas em Itajubá (MG) nos períodos entre 1986-2001 e 2001-2017	50
Tabela 4 – Área total e panorama de porcentagem do uso e ocupação do solo no recorte de pesquisa	57

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos moradores do bairro Estiva	98
APÊNDICE B – Roteiro final da entrevista com fiscal urbanista da prefeitura	99
APÊNDICE C - Ofício nº 1 de solicitação de informações à prefeitura	100
APÊNDICE D - Ofício nº 2 de solicitação de informações à prefeitura.....	102
APÊNDICE E - Ofício nº 3 de solicitação de informações à prefeitura.....	103
APÊNDICE F - Transcrição da entrevista com o fiscal urbanista da prefeitura de Itajubá	104
APÊNDICE G - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	106
APÊNDICE H - Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos.....	111
APÊNDICE I - Mapa A3 da expansão da mancha urbana de Itajubá (MG) nos períodos entre 1986-2001 e 2001-2017	112

LISTA DE ABREVIATURA DE SIGLAS

- AIA – Área de Interesse Ambiental
- AIT - Área de Interesse Tecnológico
- APL - Arranjo Produtivo Local
- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEP - Comitê de Ética em Pesquisa
- CF - Constituição Federal de 1988
- DTecS - Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade
- EC - Estatuto da Cidade
- EFEI – Escola de Engenharia de Itajubá
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
- IEI – Instituto Eletrotécnico de Itajubá
- IEMI – Instituto Eletrotécnico Mecânico de Itajubá
- INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
- IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano
- ONU - Organização das Nações Unidas
- PCTI - Parque Científico e Tecnológico de Itajubá
- PD - Plano Diretor Municipal de Desenvolvimento
- PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
- PPG – Programa de Pós-graduação
- SEMUP - Secretaria de Planejamento Municipal de Itajubá/MG
- SIG - Sistemas de Informação Geográfica
- TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UNIFEI – Universidade Federal de Itajubá
- ZEU - Zona de Expansão urbana
- ZRP - Zona Predominantemente Residencial

APRESENTAÇÃO

De acordo com Lefebvre (2016) as questões urbanas já não se encontram estritamente em círculos de técnicos e especialistas, e passam para o domínio público através da mídia e livros com interesses diversos, assim, o urbanismo está na moda. E como um assunto popular, gera divergências de opiniões, seja sobre os pontos fracos e fortes da cidade ou sobre como melhorar as condições no bairro em que mora.

Os delineamentos contemporâneos acerca das cidades médias estimulam um novo tipo de crescimento urbano, conduzindo-as ao desenvolvimento de dinâmicas econômicas, culturais e demográficas que organizam os fluxos de pessoas, mercadorias e de capitais. Esse crescimento tem-se pautado pela pulverização dos antigos centros urbanos, redefinindo noção de centralidade, causando uma ruptura nas dinâmicas econômicas e sociais pós-modernas.

Ao mergulhar nas modificações urbanas na pós-modernidade no âmbito das cidades médias, a pesquisa debate sobre a morfologia da cidade e suas vivências a partir do surgimento de uma nova centralidade urbana. O fenômeno da pulverização das centralidades tradicionais nas cidades tem criado municípios multicêntricos, provocando rupturas nas dinâmicas econômicas e sociais. Este fenômeno ultrapassa o caos urbano das grandes cidades e passa a ser percebido também em cidades médias.

A minha formação em Gestão Pública para o Desenvolvimento Econômico e Social, com ênfase no setor público, no Instituto de Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, despertou meu interesse pelas questões relacionadas à cidade e ao planejamento urbano, direcionando-me para uma análise multidisciplinar sobre estes temas.

Já o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Tecnologias e Sociedade, da Universidade Federal de Itajubá, ampliou minha visão acerca do desenvolvimento e do “progresso¹”, sob o desabrigo da interdisciplinaridade, em um campo aberto de crítica ao desenvolvimento hegemônico.

Partindo de questões que sempre me intrigaram, relacionadas à expansão urbana, segregação territorial e ao direito à cidade, no início de 2018, iniciou-se a pesquisa que dará origem a esta dissertação. A pesquisa surge da vivência e questionamentos do pesquisador enquanto morador da cidade desde criança, e, à época da pesquisa, morador de um bairro

¹ O uso das aspas, neste caso, atribui-se à ironia, devido a crítica profunda do PPG DTecS ao termo “progresso” e todas suas simbologias.

vizinho onde foi realizada a pesquisa. Busca-se dar voz à sociedade por meio das percepções dos moradores da cidade a respeito do crescimento do seu bairro. Esse processo de tradução do conhecimento, não é desacompanhado das críticas aos delineamentos contemporâneos à cerca da reprodução do espaço urbano.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Problema de pesquisa	1
1.2 Justificativa	2
1.3 Interdisciplinaridade e campos do saber.....	3
1.4 Estrutura da dissertação.....	4
2. OBJETIVOS DA PESQUISA.....	6
3. REFERENCIAL TEÓRICO	7
3.1 O debate sobre o desenvolvimento	8
3.2 O desenvolvimento da cidade moderna.....	10
3.3 Morfologia urbana e percepções sobre a cidade.....	13
3.4 Novas centralidades urbanas.....	14
3.5 Especulação imobiliária e segregação social	19
4. MATERIAL E MÉTODOS	22
4.1 Caracterização da pesquisa	23
4.2 Caracterização do estudo de caso.....	24
4.3 Caracterização e escolha dos sujeitos do estudo	28
4.4 Plano de coleta de dados	29
4.5 Plano de análise de dados	33
4.6 Síntese metodológica.....	36
5. RESULTADOS	39
5.1 Delimitações e crescimento do bairro Estiva.....	39
5.1.1 Crescimento da mancha urbana de Itajubá/MG	39
5.1.2 Surgimento do bairro Estiva.....	42
5.1.3 Crescimento do bairro Estiva nos últimos 30 anos.....	44
5.2 Diagnóstico do bairro Estiva quanto às classes de uso e ocupação do solo	50
5.2.1 Zoneamento urbano do bairro Estiva.....	50
5.2.2 Categorias de uso e ocupação do solo.....	53
5.3 Caracterização dos sujeitos do estudo e o surgimento de uma nova centralidade urbana em Itajubá (MG).....	58
5.3.1 Caracterização dos sujeitos do estudo.....	58
5.3.2 Surgimento de uma nova centralidade urbana em Itajubá (MG).....	63
5.4 Percepções dos entrevistados sobre o crescimento do bairro Estiva	67
5.4.1 Percepções quanto à morfologia do bairro.....	67
5.4.2 Percepções quanto às vivências no bairro.....	70

6. DISCUSSÃO	75
6.1 Crescimento do bairro Estiva nos últimos 30 anos	75
6.2 Uso e ocupação do solo no bairro Estiva	77
6.3 Caracterização dos sujeitos do estudo e o surgimento da nova centralidade urbana em Itajubá (MG)	79
6.4 Percepções dos entrevistados sobre o crescimento do bairro Estiva	85
6.4.1 Percepções quanto à morfologia do bairro.....	86
6.4.2 Percepções quanto às vivências no bairro.....	88
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
ANEXOS	97
APÊNDICES	98

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento urbano altera significativamente a forma das cidades e as experiências reproduzidas nela, expondo um debate amplo e complexo sobre a ocupação e a produção do espaço. As técnicas e racionalidades hegemônicas estabelecem novas formas de intervenção no espaço urbano, interligando modelos globais e locais em escala mundial (OLIVEIRA, 2008).

Parte-se da perspectiva de que as cidades são articuladas com as necessidades de reprodução e acumulação do capital de forma a submeter seu espaço urbano à dilatação do mundo das mercadorias. Leva-se em consideração as dinâmicas contemporâneas de (re)produção e uso do espaço urbana, de onde emerge o debate sobre as fragilidades do discurso hegemônico de desenvolvimento e de progresso (FURTADO, 1974; HARVEY, 1980; OLIVEIRA, 2008; LEFEBVRE, 2016).

Desta forma a pulverização de área Áreas distantes do centro geográfico deixam de ser periferias através das ações do Estado e do setor imobiliário, que valorizam o terreno, assumindo características de novas centralidades urbanas (RITTER; FIRKOWSKI, 2009)

Portanto, parte-se para uma abordagem interdisciplinar do fenômeno da urbanização e do surgimento de NCUs. Essa abordagem caracteriza-se pela combinação de técnicas e ferramentas de pesquisa de diversos campos do saber, como o Planejamento Urbano, Administração, Sociologia, Economia e Geografia, a fim de construir uma metodologia que atenda à complexidade do problema estudado.

A cidade de Itajubá (MG) foi escolhida para esta pesquisa por apresentar o fenômeno estudado na pesquisa, do surgimento de novas centralidades urbanas em cidades médias, gerando uma expressiva alteração na morfologia urbana e nas vivências dos moradores do bairro em que localiza. Essa região passa por um intenso processo de urbanização, processo que tem características particulares, de uma nova centralidade administrativa e cultural, ao passo que o centro antigo concentra as atividades de serviços e comércios.

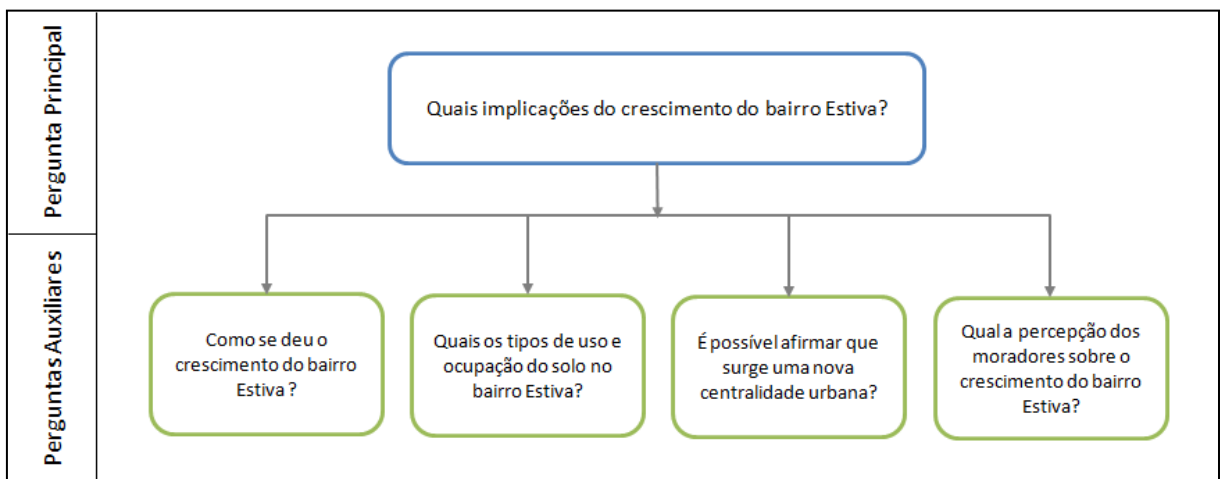
1.1 Problema de pesquisa

O investimento público e privado em infraestrutura orienta expansão da cidade de Itajubá (MG) em direção ao bairro Estiva, com a instalação de importantes símbolos da centralidade municipal em seu entorno, indicando o possível surgimento de uma nova centralidade urbana.

Desta forma, a morfologia da cidade imprime novas realidades no território, consequentemente proporcionando outras vivências, tanto nas proximidades de onde ocorrem as transformações, quanto no município em toda sua extensão. Torna-se importante indagar sobre as implicações do crescimento do bairro Estiva para refletir sobre o seu desenvolvimento social e econômico.

Buscando refletir sobre o desenvolvimento urbano e seus efeitos no município de Itajubá (MG), esta pesquisa norteia-se pela seguinte pergunta: quais implicações do crescimento do bairro Estiva na morfologia urbana e nas vivências dos moradores do bairro? Conforme esquematizado no Quadro 1.

Quadro 1 - Pergunta principal e perguntas auxiliares da pesquisa



Fonte: elaboração própria.

Portanto, a pergunta principal desdobra-se quatro perguntas auxiliares: (i) Como se deu o crescimento do bairro Estiva nos últimos 30 anos? (ii) Quais os tipos de usos e ocupação do solo existente no bairro no bairro Estiva? (iii) É possível afirmar que surge uma nova centralidade urbana em Itajubá (MG) e, (iv) Qual percepção dos moradores sobre o crescimento do bairro Estiva?

1.2 Justificativa

Itajubá (MG) é uma cidade média do sul de Minas Gerais, onde é possível observar diferentes formas de (re)produção de espaços urbanos. Dessa forma, esta pesquisa justifica-se na ampliação da percepção da sociedade sobre as questões urbanas relacionadas aos impactos do surgimento de uma nova centralidade urbana no município estudado.

Um dos motivos para o aumento dos estudos sobre cidades médias e pequenas deve-se

à repercussão de pesquisas acadêmicas sobre o assunto, que ocorre principalmente devido à interiorização dos cursos de graduação e de pós-graduação (LOPES; HENRIQUE, 2010). Neste sentido Oliveira (2008) acrescenta:

O crescente número de estudos sobre cidades médias nas últimas décadas, que denotam uma específica preocupação com a sua (in)definição, aponta para a fragilidade teórica que historicamente embeveceu a construção do seu conceito, ainda impreciso [...] (OLIVEIRA, 2008, p. 207).

Essas novas dinâmicas que se apresentam nas cidades de médio porte resignificam o papel e a relevância delas nas redes urbana (OLIVEIRA, 2008, p. 207).

Não obstante, os gestores públicos permanecem atuando sem o devido conhecimento das demandas socioespaciais, fazendo com que essas localidades tenham problemas semelhantes aos grandes centros urbanos, porém em escalas menores (BACELAR, 2009; ENDLICH, 2011)

Os delineamentos contemporâneos das cidades médias estimulam um novo tipo de crescimento urbano. Nessa perspectiva, é fundamental estudos desse teor, de acordo com Oliveira (2008, p. 206), “para a compreensão dos novos processos geradores de fluxos de capital, mercadorias, pessoas”, que se suporta em novas dinâmicas de comércio e serviços urbanos modernos, “em outras palavras, novas formas de reprodução e acumulação do capital”.

De acordo com Ferreira (2008) e Gonçalves (2009) os pequenos núcleos urbanos já não se caracterizam como bucólico e pacatos há tempos. A habitual percepção de que as cidades pequenas são lugares sossegados e socialmente acolhedores, sem a coexistência de violência, poluição e o estresse urbano, já não condizem com a realidade. A justificativa para estudos em cidades médias e pequenas estão relacionadas ao aumento da urbanização dessas cidades, onde as dinâmicas econômicas, demográficas e culturais tornaram-se significativas (LOPES; HENRIQUE, 2010).

Desta forma, a pesquisa justifica-se pelo aprofundamento na reflexão sobre porque e para quem a cidade é (re)produzida, e quais os impactos em populações mais carentes.

1.3 Interdisciplinaridade e campos do saber

Posto os entraves teóricos e epistemológicos ao abordar temas complexos, é exigido uma metodologia de forma a possibilitar a conversa entre diversas disciplinas. Assim, urge a

necessidade de uma abordagem interdisciplinar, a fim ajudar a construir uma metodologia específica para a pesquisa.

A construção da interdisciplinaridade pretendida na pesquisa está sendo construída de forma a extrapolar a dureza da disciplinaridade metodológica, adequando métodos de pesquisa variados para o estudo do problema proposto.

De forma a apontar a interdisciplinaridade pretendida na pesquisa, listou-se as áreas e subáreas do conhecimento pelas quais percorre os trajetos desta pesquisa: inicia-se nas Ciências Humanas, principalmente na Sociologia Urbana e da Geografia Urbana, onde se busca entender sobre as cidades modernas, assim como os conflitos inerentes à sua dinâmica. A técnica de georreferenciamento de imagens de satélite e análise de mapas é bastante utilizada por urbanistas e geógrafos, ajudando a compor o quadro de técnicas e métodos da pesquisa.

Posteriormente, parte-se para as Ciências Sociais Aplicadas, através das disciplinas de Administração Pública, na parte de Políticas e Planejamento Governamental, da disciplina de Planejamento Urbano e Regional, para alinhar compor a parte teórica do trabalho. Esta última disciplina é, por si só, interdisciplinar, pois lida com metodologias e conhecimentos da economia, geografia, engenharia, direito e administração (DUARTE, 2009).

Conforme Lefebvre (2016), as ciências não podem se debruçar a temática do urbano e das cidades sem abdicar de sua especificidade, mantendo contato entre diversas áreas, entre elas a economia política e a demografia, exigindo cada vez mais uma totalidade do conhecimento. Essa característica do estudo sobre as cidades impele para estratégias do conhecimento no sentido do direito à cidade, isto é, à vida urbana.

Desta forma, buscam-se conceitos e técnicas de diversas disciplinas para compor metodologias novas, que abordem a complexidade dos temas envolvendo o desenvolvimento urbano.

1.4 Estrutura da dissertação

A presente pesquisa está estruturada em nove capítulos. Subsequente ao capítulo introdutório apresenta-se o segundo capítulo com os objetivos da pesquisa. No terceiro capítulo expõe-se o eixo teórico e a perspectiva conceitual da pesquisa, através da revisão bibliográfica sobre o desenvolvimento, a cidade e as novas centralidades urbanas.

O capítulo quatro apresenta detalhadamente a metodologia e os procedimentos de coleta e análise de dados. O capítulo cinco traz os resultados da pesquisa, seguido pelo capítulo seis, com a discussão. Finalmente o capítulo sete expõe as conclusões da pesquisa.

2. OBJETIVOS DA PESQUISA

O objetivo geral desta pesquisa é verificar as implicações do crescimento do bairro Estiva na morfologia urbana e nas vivências dos moradores do bairro.

Este objetivo desdobra-se em quatro objetivos específicos: se:

- (i) Evidenciar o crescimento do bairro Estiva nos últimos 30 anos, de forma a comparar com a expansão da mancha urbana municipal no mesmo período;
- (ii) Realizar diagnóstico do bairro Estiva quanto às classes de uso e ocupação do solo, por meio de Sistemas de Informação Geográfica (SIG);
- (iii) Verificar o possível surgimento de uma nova centralidade urbana em Itajubá (MG);
- (iv) Investigar a percepção dos moradores sobre o crescimento do bairro Estiva.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo tem o objetivo de apresentar o eixo conceitual e a perspectiva teórica abordada nesta pesquisa. Está dividido em cinco tópicos: (1) O debate sobre desenvolvimento; (2) O desenvolvimento das cidades modernas; (3) Morfologia urbana e percepções sobre a cidade; (4) Novas centralidades urbanas; (5) Especulação imobiliária e segregação social.

O Quadro 2 sintetiza as principais obras que compõe cada tópico deste referencial teórico.

Quadro 2 - Síntese do referencial teórico com as principais obras utilizadas

<p>3.1 O debate sobre o desenvolvimento</p> <p>Desenvolvimento: FURTADO (1974) SACHS (2004) DOWBOR (2016)</p>	<p>3.2 O desenvolvimento das cidade moderna</p> <p>Surgimento das cidades: LEFEBVRE (2016, 2008)</p> <p>Planejamento urbano: DUARTE (2009)</p>	<p>3.3 Morfologia urbana e percepções sobre a cidade</p> <p>Definição de morfologia urbana: ROSSI (2001) SPÓSITO (2001)</p> <p>Morfologia urbana e as vivências: LAMA (1989) ROSSI (2001)</p> <p>Bairros e percepção: PIAGET (1967) LYNCH (1997)</p>
<p>3.4 Nova centralidades urbana</p> <p>Revolução urbana: HARVEY (1980) OLIVEIRA (2008) LEFEBVRE (2016)</p> <p>Novas centralidades urbanas: SINGER (1980) OLIVEIRA (2008) DUARTE (2009) SPÓSITO (1998, 2001)</p>	<p>3.5 Especulação imobiliária e segregação social</p> <p>Especulação imobiliária e segregação: SINGER (1980) VAINER (2002) OLIVEIRA (2008) SANTOS (2008)</p>	

Fonte: elaboração própria.

Para o debate sobre o desenvolvimento utilizou-se Furtado (1974), Sachs (2004) e Dowbor (2016), por meio de suas análises sobre as finitudes do crescimento econômico e novas possibilidades de desenvolvimento. O posicionamento histórico sobre as cidades é baseado na análise crítica de Lefebvre (2008, 2016) e na sua teoria da revolução urbana; as questões sobre o planejamento urbano foram pautadas em Duarte (2009).

Rossi (2001) e Spósito (2001) contribuem para a definição de morfologia urbana e Lamas (1989) para o desvelar das relações complexas entre a cidade e o homem. A percepção sobre a cidade aporta-se em Lynch (1997), e o tema novas centralidades urbanas baseou-se na teoria marxista do espaço de Harvey (1980), em Singer (1980), Lefebvre (2016), com o aporte de Spósito (1998,2001), Oliveira (2008) e Duarte (2009).

Finalmente, para abordar a especulação imobiliária e a segregação social fundamentou-se com Singer (1980), Vainer (2002), com aporte de Oliveira (2008) e Santos (2008).

3.1 O debate sobre o desenvolvimento

Este tópico apresenta os autores que irão basear o conceito de desenvolvimento abordado nesta pesquisa. Para isso, entende-se que o desenvolvimento não se desvincula da condição humana no mundo, ampliando o entendimento sobre as possibilidades de desenvolvimento e as dinâmicas urbanas na sociedade contemporânea.

O discurso hegemônico acerca do desenvolvimento está atrelado ao conceito de progresso, de modernidade e de crescimento econômico. O pensamento cepalino² contribuiu para desmistificar o desenvolvimento pautado estritamente pelo econômico, colocando o desenvolvimento é um mito, no sentido de ser um discurso farsante dos países centrais para continuarem explorando os países periféricos, mantendo-os em uma condição permanente e estrutural de o subdesenvolvimento (FURTADO, 1974).

No último quarto do século XX houve o aumento do peso da dívida interna e externa, que somados aos problemas estruturais já herdados, causam o aumento da concentração de riquezas nas mãos de uma minoria e o aumento das diferenças sociais. O crescimento econômico é o grande motor desses problemas, sendo considerado através da experiência prática, que pode haver o crescimento quantitativo sem o desenvolvimento qualitativo. Assim, o fetiche da modernidade encobre a estagnação das relações sociais (SACHS, 2004).

Logo, em contraposição à perspectiva hegemônica de desenvolvimento, parte-se para o entendimento de um desenvolvimento como um instrumento de superação da desigualdade social e da pobreza, pois mesmo quando bem sucedido na dimensão econômica, o crescimento pode levar os países subdesenvolvidos na direção de um "*mal desenvolvimento*",

² Referencia aos teóricos da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), entre eles Celso Furtado.

mesmo como as taxas crescentes do PIB, a desigualdade social aumenta (DOWBOR, 2016; SACHS, 2004, expressão e grifo do autor).

Deste modo, não há consenso sobre o que é desenvolvimento, o que há são projetos de desenvolvimento, disputados num campo repleto de conflitos políticos, sociais, ambientais, culturais, econômicos, urbanos e rurais. Essa multidimensionalidade do conceito desenvolvimento é muitas vezes ignorada pelos economistas, e ainda hoje está posta a dificuldade de desvincular o desenvolvimento do crescimento econômico (FURTADO, 1974).

Não se admite que o progresso tenha que sacrificar o indivíduo, o social e o meio ambiente. No contexto atual, quando as tecnologias nos permitem feitos fantásticos, o acesso a uma cidade ambientalmente organizada deve ser um direito, compatível com o desenvolvimento (DOWBOR, 2016).

Para desconstruir o discurso dominante sobre desenvolvimento é necessário entender as dimensões sociais, ambientais e políticas não como consequências do desenvolvimento, mas como caminho para alcançá-lo. O social é expandido para além da saúde, educação, habitação, assistência social, etc., são também as intervenções que buscam reduzir desigualdades, segregações e exclusões sociais, contribuindo para expansão da cidadania. De forma sintética, a dimensão social está atrelada à garantia de direitos e à garantia de acesso a esses direitos, como o direito a um trabalho com remuneração justa, à saúde e educação de qualidade, à moradia digna e à segurança pública, entre outros (CARVALHO, 2001).

Com relação à dimensão ambiental parte-se da perspectiva de Sachs (2004) de desenvolvimento sustentável e de segurança ambiental, apontando para a geração de emprego que valorizem as potencialidades locais, como possibilidade de desenvolvimento. A dimensão econômica vincula-se ao desenvolvimento como instrumento para superação da desigualdade social e da pobreza. O desenvolvimento econômico, social e ambiental de fato não é resolvido pela mão invisível do mercado, e já é claro que o crescimento estritamente econômico não nos conduzirá à distribuição, portanto, precisamos de mecanismos de intervenção que envolva todos os atores sociais (DOWBOR, 2016).

Portanto, o desenvolvimento, conforme posto nesta pesquisa, tem multifacetadas que lhe dão características plurais e abrangentes, contendo para além da dimensão econômica, a dimensão social, ambiental e humana. Desta forma, desatrela-se o desenvolvimento do crescimento econômico (SACHS, 2004).

3.2 O desenvolvimento da cidade moderna

A cidade tem um papel central nesta pesquisa, pois é nela que se verifica o espaço urbano, não somente como produto da ação do homem, mas como condicionante da ação sobre ela própria. Este subcapítulo apresentam-se os autores que irão basear o conceito de cidade abordado nesta pesquisa, de forma a trazer um panorama sobre o surgimento e desenvolvimento das cidades modernas.

Esta pesquisa adota o conceito de cidade e de urbano de Lefebvre (2016). Para o autor, a cidade é um objeto definido e definitivo, sendo um campo de ações concretas, enquanto o urbano seria a síntese teórica das questões marcantes às sociedades contemporâneas.

O processo de industrialização, iniciado há dois séculos, é considerado o grande motor das transformações da sociedade. Este fenômeno é o dínamo do surgimento das cidades como as conhecemos hoje e também indutor dos problemas relativos ao crescimento urbano. Assim, a industrialização é o ponto de partida da reflexão sobre a cidade nos tempos atuais (LEFEBVRE, 2016).

O espaço urbano é uma construção das relações sociais, não neutras, nem desligadas das relações produtivas, desta forma a cidade não é o resultado apenas de matéria, mas sim, o resultado das relações dos seres humanos, tornando um espaço dinâmico de integração entre material e vida humana. O processo de industrialização e sua influência na morfologia urbana não são naturais, contendo intenções e vontades. Neste processo atuam ativamente e de forma voluntária “classes ou frações de classes dirigentes, que possuem o capital (os meios de produção) e que geram não apenas o emprego econômico do capital e os investimentos produtivos, como também a sociedade inteira (...)” (LEFEBVRE, 2016, p. 23).

Mascaró e Yoshinaga (2005, p. 45) afirmam que “pode-se dizer que um mundo novo estava começando a partir desse momento, dando início ao que se chamaria de [...] Primeira Revolução Industrial, que afetaria fortemente o mundo e suas cidades”. O inchaço das cidades, provocado pela industrialização, gerou bastante pressão na demanda por infraestrutura nas cidades.

No caso brasileiro, o processo histórico de formação das suas cidades contém em si influências de setor industrial sustendo pelo Estado. Na década de 1930 o processo de industrialização trouxe novos fluxos populacionais em direção às cidades em busca de emprego e melhores condições de vida (PEIXOTO, 2006).

A “urbanização brasileira tem constituído caminho pra modernização, mas contraria as expectativas de superação do Brasil arcaico, vinculado à hegemonia da economia agroexportadora”. Essa urbanização, especificamente no caso brasileiro, carrega consigo problemas de diferentes ordens que se entrelaçam de forma complexa entre si: ordem econômica, social, política, ambiental, que se materializam em problemas relacionados à habitação, saneamento, segurança acessibilidade, lazer e segregação (OLIVEIRA, 2008; MARICATO, 2000).

No caso das cidades da América do Sul e da África houve um incremento populacional nas cidades com pouca industrialização, criando cidades cercadas por favelas. Devido à desintegração das estruturas agrárias nestes continentes, os camponeses “sem posse e arruinados afluem para as cidades a fim de nele encontrar trabalho e subsistência” (LEFEBVRE, 2016, p. 18).

Inicialmente, os imigrantes ocupam o perímetro urbano, porém, após o esgotamento destas áreas, as ocupações estendiam-se para lugares inadequados fora da área urbanizada, muitas vezes em várzeas inundáveis ou encostas, sem atendimento de infraestrutura adequada e equipamentos urbanos (PEIXOTO, 2006).

A contemporaneidade está marcada pela revolução urbana, que são as transformações e a passagem de um período de crescimento baseado na industrialização para um período em que os problemas urbanos serão decisivos e a busca por soluções e maneiras próprias da sociedade urbana passará ao primeiro plano (LEFEBVRE, 2008).

Alguns processos são observados nessa mudança: a substituição da mão de obra, adotando-se mão de obra mais barata através da transnacionalização das empresas e substituindo a força de trabalho proletariado por intelectual, aliado à automação dos processos e à evolução da ciência da produção. O mundo passa então a sofrer uma epidemia de crescimento sem emprego, ou seja, mesmo com incrementos na produção e na produtividade, aumentaram os níveis do desemprego (ARRIGHI, 1998; SACHS, 2004).

A intensidade do crescimento urbano gera alterações físicas profundas no uso e ocupação do solo urbano, adicionando novos problemas às cidades: os de ordem ambientais e sociais. Problemas estruturais como o desemprego crescente, insuficiência de transporte coletivo urbano, sobrecarga no tráfego, carência de rede de drenagem pluvial, saneamento básico, precariedade das escolas e da saúde pública, aumento de violência, devastação da

natureza, contaminação de mananciais aquíferos e do ar são reações da desordem urbana instalada (SANTOS, 2013; FERNANDES, 2002).

Para Lefebvre (2016) o tecido urbano não se limita somente à morfologia urbana, pois suporta também o “modo de viver” da sociedade urbana, um fenômeno da ordem social e cultural, que partindo da cidade, penetra nos campos. Esse modo de viver comporta um sistema de valores e de objetos.

A partir do ano de 2001, a ocupação de áreas inadequadas e a destruição do meio ambiente causam danos que poderiam ser amenizados pelo poder público, podendo utilizar instrumentos legais como o Plano Diretor e a Lei de Uso e Ocupação do Solo Urbano, permitindo a gestão da política urbana nos municípios (SANTOS, 2013).

O planejamento urbano é tido como “o conjunto de medidas tomadas para que sejam atingidos os objetivos desejados, tendo em vista os recursos disponíveis e os fatores externos que podem influir nesse processo” (DUARTE, 2009, p. 26).

Desta forma, o planejamento urbano ordena a ocupação do solo, ao passo que define as principais estratégias e políticas do município. A real possibilidade de alcançar os objetivos depende de recursos, assim como de fatores externos favoráveis, de acordo com as possibilidades de se agir na escala da cidade. O planejamento urbano lida com a organização social sobre o território dotado de infraestrutura, serviços e organização política-administrativa. O município é a organização político-administrativa adotada no Brasil, responsável por planejar e gerir os fenômenos socioeconômicos e a organização espacial urbana (DUARTE, 2009).

Porém, a regulação do Estado e o interesse público são comprometidos pelas fortes alianças entre empresas privadas e a máquina pública, como resultado de processos ligados ao poder político local, amparado por processos invisíveis que se articulam com as demais escalas do urbano. XX afirma que agentes políticos, industriais e imobiliários são os agentes mais importantes que influem no funcionamento inadequado da legislação sobre a política urbana (FAÇANHA, 2005; SANTORO, 2014).

Nascimento e Matias (2011) analisam as principais bases histórico-geográficas desse processo de (re)estrutura socioespacial da cidade, conectando-se à presente pesquisa pela preocupação similar quanto ao processo de expansão urbana numa cidade média. Também convergem no sentido do debate sobre a especulação imobiliária viabilizada pelo poder

público municipal, por meio de constantes ampliações do perímetro urbano, gerando exclusão social na cidade, à medida do aprofundamento da desigualdade socioespacial.

O planejamento do desenvolvimento das cidades é feito por meio de expectativas e visões de grupos ou de uma pessoa que pretende transformações na dinâmica socioeconômica de uma cidade, mesmo sem suporte em diagnósticos ou em perspectivas reais, que às vezes gera bons resultados, mas na maioria das vezes, fracassa. Ainda assim, “por vezes, contudo, essas visões modificam a imagem de uma cidade, tanto externamente quanto aquela que os próprios habitantes têm dela” (DUARTE, 2009, p.37).

Duarte (2009) aponta a autosegregação nas cidades como um fenômeno pretendido por pessoas de classe alta e média-alta por razões de insegurança urbana falta de qualidade de vida nas cidades, assim, buscam condomínios fechados para se proteger isolando-se voluntariamente da cidade e da sociedade, buscando aumentar sua qualidade de vida.

3.3 Morfologia urbana e percepções sobre a cidade

Rossi (2001) define morfologia urbana como a descrição das formas de uma realidade urbana, constituindo dados empíricos evidenciados por meio da observação. O autor considera o termo morfologia urbana como um sistema descritivo e interpretativo permeado pela visão e percepção de quem observa. A leitura da forma urbana é realizada por meio de elementos visuais, volumes, geometrias, planos e cores, e composta por solo, lotes, logradouros, vazios, praças, vegetação e infraestrutura urbana (LAMAS, 1989).

A morfologia urbana, conforme o conceito de Spósito (2001) não se refere apenas a sua forma, mas também ao conteúdo, possibilitando o entendimento dos fatores que levaram à sua gênese e desenvolvimento, por mais que estes sejam redefinidos constantemente.

Inicialmente os elementos morfológicos dispõem-se pelo terreno, determinados pelas condições naturais de topografia e hidrologia, sendo essas características condicionantes para a disposição dos outros elementos. Estas características naturais determinam a escolha do modo de ocupação, havendo necessidade de intervenções como terraplanagem, cortes de terra, canalização de água, mudança de direção de rios, supressão da vegetação, etc., que podem gerar externalidades não previstas inicialmente (SANTOS, 1985; SANTOS, 2006).

A forma urbana e as ações do homem no território estão intrinsecamente relacionadas, sendo o espaço urbano dotado de uma história produzida por atores sociais e sujeitos coletivos, que projetam e o modelam descontinuamente. Assim, a cidade cria seus signos

construindo uma linguagem própria de acordo com seus habitantes, agregando valores que atraem capitais e formação de redes urbanas, tudo que se cria é vendido, tornando o espaço dinâmico como se a cidade por si só tivesse vida própria (LEFEBVRE, 2008; 2016).

A morfologia urbana debruça-se sobre os aspectos do meio urbano e as relações humanas, de forma a definir e explicar a paisagem urbana. Assim, para a compreensão da morfologia urbana é mister entender as articulações entre as partes e o período histórico em que ocorrem. Entende-se que a morfologia urbana é resultante desse complexo processo econômico, político e social (LAMAS, 1989, ROSSI, 2001).

Os bairros compõem as partes das cidades, sendo possível que possuam uma unidade morfológica e estrutural, com um conteúdo social e funcional particular, podendo também evidenciar a segregação referente a classes socioeconômicas ou raças (LYNCH, 1997).

A cidade é um ambiente ordenado e referenciado onde seus elementos podem organizar atividades, conhecimentos e identidade. A leitura da cidade é feita através dos seguintes elementos: vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos, caracterizando as cidades com singularidades que a identificam e a tornam reconhecíveis pelas pessoas (LYNCH, 1997).

Lynch (1997) afirma que o uso da percepção tem sido muito utilizado em estudos urbanos e ambientais, para entender, conhecer, investigar os sentidos e as identidades dos lugares. Tuan (1980) utilizou conhecimentos provenientes da percepção, agregando à geografia compreensões de mundo para além de uma perspectiva objetiva e teórica, buscando na relação das pessoas com o meio ambiente, aspectos subjetivos em relação aos espaços e lugares, como anseios, expectativa, satisfações e insatisfações.

3.4 Novas centralidades urbanas

Esta seção apresenta os conceitos sobre novas centralidades urbanas, aprofundado no contexto das cidades médias e seu novo papel na (re)produção capitalista nos dias atuais.

O fenômeno da desindustrialização provocou a revolução urbana, exigindo novas maneiras de assegurar a reprodução do capital. Então, por meio da reestruturação urbana, organizaram-se os fluxos de capitais, atendendo à realidade pós-moderna. A cidade torna-se um produto, de forma a se inserir no mercado de forma competitiva e atrair capital. A cidade

torna-se objeto de consumo e da arquitetura do espetáculo (HARVEY, 1980; ARANTES, 2000; LEFEBVRE, 2016).

Assim, partir da década de 70, com a crise de acumulação do capital industrial, as cidades redefiniram seus papéis, incorporando em seu âmago racionalidades globais, inserindo-se no processo de mundialização do capital. As cidades médias “apresentam os requisitos necessários às novas necessidades de alocação do capital” (OLIVEIRA, 2008, p.210).

A maioria das cidades brasileiras possui uma região central que aglutina serviços essenciais para o funcionamento da vida social, onde se encontram os órgãos da administração pública, o fórum, os bancos, o comércio, cinema, teatro, praça, a igreja matriz, entre outros símbolos da centralidade urbana de uma cidade. Esses serviços tendem a se tornarem mais escassos à medida que se afastam desse centro, o que gerava uma valoração inversamente proporcional à distância da terra ao centro: quanto mais longe do centro, mais barato a terra (SINGER, 1980).

A centralidade revela-se pelo que se movimenta no território, embora o centro seja marcado por determinados atributos fixos no território. Isso define características para as centralidades, que não são definidas somente pelo que está imóvel no território, mas também pelo que há de transitório, mudando no decorrer do tempo e espaço, quanto ao uso e aos sentidos dados aos espaços (SPOSITO, 2001).

Para Duarte (2009), esse cenário de um centro tradicional na cidade, aglutinador de atividades e fluxo de pessoas, foi se transformando. De acordo com o autor, a centralização das atividades e dos serviços em uma localização geográfica central e única, foi dissipada em outros centros.

A expansão dos centros principais gerou conflito com áreas residenciais mais abastadas que o circundavam, forçando o deslocamento dessas para novas áreas residenciais, exclusivas e modernas. Essas áreas em torno do centro foram então preenchidas com por serviços inferiores, como casas noturnas, pensões, hotéis de segunda classe, áreas de prostituição, comércios marginais. Essa área em decomposição social cria condições para especulação imobiliária, ao passo que aloca serviços centrais em uma nova área de expansão, um “centro novo” que supera o centro “antigo”, sendo por excelência um lugar valorizado e rodeado por residências de alto padrão (SINGER, 1980).

Muitas vezes essa pulverização das centralidades urbanas relaciona-se com a intenção de controlar o adensamento excessivo do centro devido às suas limitações físicas. O zoneamento municipal, um instrumento fundamental do planejamento urbano, foi utilizado para incentivar a criação de centros periféricos, com presença de comércio e serviços, mais especializados e menos multifuncionais (VILLAÇA, 1998).

Estabelecem-se espaços com concentração de atividades, dinamizando e valorizando, resultando na atração do tecido urbano, podendo conformar uma centralidade urbana, caso seja uma área capaz de gerar e manter fluxos de pessoas, capitais e mercadorias. Uma nova centralização urbana alavanca novas articulações do uso do solo, alterando a forma urbana, e segmentando-a (DA SILVA, 2001; OLIVEIRA, 2008;).

O processo de surgimento de uma nova centralidade urbana pode se estender por décadas, fazendo dois ou mais centros coexistirem e competir por um tempo, pois muitas vezes, serviços essenciais, como hospitais, prédios governamentais e escolas, tornam os centros antigos resilientes. Porém, tanto as empresas de alto padrão, como moradores mais “exigentes”, tendem a optar por construções mais modernas, a fim de oferecer instalações mais atraentes para empresas, como em *shopping centers*, por exemplo, ou possuir casas mais modernas, com mais espaço na garagem (SINGER, 1980).

Estudiosos da geografia urbana identificaram uma ruptura significativa das estruturas urbanas, como sendo uma importante característica da urbanização do século XX. Essa ruptura traduz-se no processo de descentralização territorial de equipamentos e atividades para locais fora do centro tradicional ou principal das cidades, que têm se mostrado capazes de criar e organizar fluxos (OLIVEIRA, 2008). Assim, para Oliveira (2008):

[...] observa-se que a constituição de uma nova expressão de centralidade em uma cidade outrora centralizada em um único núcleo, redefine nesta a própria noção de centralidade, rompendo e (re)constituindo um novo arranjo e novas formas de articulações e interações entre os diferentes lugares da cidade, que passa a ser poli(multi)nucleada (OLIVEIRA, 2008, p. 214).

Sposito (1998) aponta quatro dinâmicas que resumem a relevância das análises sobre redefinições de centralidade urbana. Estas dinâmicas manifestam-se em mudanças sociais, econômicas e espaciais, e induzem a uma recomposição constante da estruturação urbana, provocando rupturas e continuidades, sendo elas: (1) novos padrões de localização do setor de comércio e serviços; (2) formas flexíveis de produção impondo fortes vínculos interurbanos na estruturação intraurbana; (3) redefinição espacial das centralidades, que apesar de não ser

novo, começa a acontecer também em cidades médias; (4) alterações no cotidiano das pessoas, frente ao aumento da relevância dada ao lazer e ao consumo.

O surgimento de novas centralidades evidencia o papel da gestão urbana e o peso dos agentes envolvidos, pois a análise das novas centralidades implica compreender a articulação dos poder público local e os setores da iniciativa privada, que induzem e direcionam a reestruturação do espaço urbana cidade (OLIVEIRA, 2008).

Não se trata de uma mera mudança na localização das atividades que se encontravam no centro principal ou uma dispersão dessas atividades por outras áreas da cidade, mas de uma dinâmica econômica de determinadas atividades que expressam uma “concentração descentralizada” frente ao centro principal, expressando redefinindo a centralidade intra-urbana, que se torna múltipla e plural” (SPOSITO, 2001, p. 238).

Para Oliveira (2008, p.210), as novas centralidades “expressam também o intuito de fragmentar a cidade em lugares cada vez mais definidos pelas estratégias dos agentes imobiliários”, criando-se artefatos que proporcionam a reprodução capitalista do espaço. De acordo com Oliveira (2008):

Isso ocorre porque o processo de reestruturação caracterizado principalmente pela centralidade múltipla e polinucleada — poli(multi)nucleada —, na qual as centralidades são incorporadas de formas desiguais no que tange à sua acessibilidade, são, portanto, espaços de “uso” (e de conflito entre propriedade e uso, apropriação), apropriação e realização de padrões de consumo de segmentos sociais urbanos distintos e em certa medida com uma maior homogeneidade interna, o que pressupõe que as novas centralidades atendem a interesses de determinados grupos sociais em detrimento de outros (OLIVEIRA, 2008, p.219).

No processo de descentralização urbana os setores privados e o mercado imobiliário residencial iniciam a busca por regiões para investir, principalmente nas cidades grandes. Contudo, esse fenômeno alastra-se para as cidades médias, impulsionando o mercado imobiliário por meio de investimentos em infraestrutura moderna (OLIVEIRA, 2008; DUARTE, 2009;).

Esse fato denota uma alteração nas formas contemporâneas de reprodução do capital adentrando a dinâmica espacial das cidades de menor porte. Sposito (2001) observa que a frequente incidência desse, processo modifica a concepção de centro e centralidade frente à estruturação intraurbana, e constata a ocorrência de múltiplas centralidades, exercida por diferentes e diversas áreas centrais.

Oliveira (2008) expõe o debate sobre o surgimento de novas centralidades em cidades médias, sendo um fenômeno global que atinge o local, numa articulação de racionalidades e ordens hegemônicas. Essas transformações são pensadas e desejáveis, para tornar as cidades mais competitivas, mais propícias a atrair investimentos.

As novas centralidades urbanas nas cidades ocorrem, portanto, devido ao processo de mundialização do capital, criando, nas cidades, espaços mais atrativos aos novos equipamentos comerciais e de serviços em consonância com os novos fluxos de capital e de mercadorias, criando novos discursos, signos, valores e contradições. As cidades médias são então consideradas espaços privilegiados para atender às necessidades de reprodução do capital, ao mesmo tempo em que ocorre a decadência da organização urbana baseada na industrialização e a descentralização espacial do capital produtivo (OLIVEIRA, 2008).

As transformações que ocorrem nas cidades médias demonstram uma dinâmica resultante do confronto entre o existente e o que se coloca, velando e desvelando as contradições deste movimento mundial nos lugares. Para desenvolver as análises sobre a redefinição da centralidade em cidades médias, tem-se que este fenômeno se adapta para atender às mudanças da dinâmica econômica a partir da internacionalização do capital. Este fato é imbuído de uma redefinição dos papéis nestas cidades e demonstra a “não funcionalidade e/ou incapacidade dos centros tradicionais em atenderem às necessidades contemporâneas da reprodução e acumulação do capital (OLIVEIRA, 2008, p. 218).

Desta forma, as novas centralidades urbanas ganham cada vez espaço nas cidades médias devido à sua influência no nível interurbano sobre determinada região, atraindo consumidores de fora do seu município, o que é possível devido ao desenvolvimento das estruturas de transporte e de comunicação (OLIVEIRA, 2008). Nesta perspectiva, afirma Oliveira (2008):

As nuances e imbricações espaço-temporais (de)compostas e recompostas pela desigualdade e diferenciações inerentes no/do processo de (re)produção social do espaço condicionam, assim como também (re)arranjam os papéis e a relevância das cidades médias na rede urbana em diferentes escalas, nas quais se articulam e se interpenetram questões políticas, econômicas, culturais, dentre outras (OLIVEIRA, 2008, p. 208).

Portanto, as novas centralidades urbanas em cidades médias surgem, na maioria das vezes, junto à da saturação dos centros antigos, aliado às formas atuais de reprodução e acumulação do capital. Como consequência, há o aumento significativo de empreendimentos,

atividades, serviços diversos dispersos descentralizadamente, ou seja, fora das regiões centrais, redefinindo a noção de centralidade urbana. Nessa mesma lógica, os centros secundários que surgem são vetores de novas valorizações do espaço urbano (OLIVEIRA, 2008).

3.5 Especulação imobiliária e segregação social

Os mecanismos de mercado são os verdadeiros reguladores do uso do solo na economia capitalista e esse mercado tem um funcionamento peculiar, pois o lucro não é medido pela taxa de lucro média e sim pelo preço que o mercado está disposto a pagar, em determinado ponto da cidade. Desta forma, a demanda pelo solo urbano não é igual à demanda por um produto qualquer. Um empreendimento imobiliário agrega valores para aumentar o valor de um terreno, e essa valorização de terras é prevista em função de investimentos futuros na estrutura urbana (SINGER, 1980). Desta forma, para Singer (1980):

[...] a demanda por solo urbano muda frequentemente, dependendo, em última análise, do próprio processo de ocupação do espaço pela expansão do tecido urbano, o preço de determinada área deste espaço está sujeito a oscilações violentas, o que torna o mercado imobiliário essencialmente especulativo (SINGER, 1980, p. 79).

Cada tipo de atividade econômica tem uma necessidade espacial diferente, de forma a proporcionar vantagens que interfiram em seus lucros. E o preço do aluguel ou de compra de um imóvel, tende a equilibrar-se de acordo com o lucro adicional que pode ser auferido pela boa localização em que está instalado (SINGER, 1980).

O compromisso do poder público com o desenvolvimento urbano pautado nos interesses do setor imobiliário não é imposto por nenhuma lei, a não ser pela “estreita solidariedade entre o poder econômico e o poder político que configura, simultânea e combinadamente, a economia e a política urbana” (VAINER, 2002, p. 27), sintetizando:

Se a cidade produz ela mesma mecanismos de poder e de apropriação de recursos, se ela constitui espaço de afirmação de legitimidades e valores simbólicos, a disputa pela cidade pode, e deve, ser a disputa por este conjunto de recursos de que ela é origem e depositária, eternizando, como em suas ruas e edificações, mecanismos de reprodução da exploração e da dominação. Evidentemente, cada cidade instaura, de forma única, uma articulação de mecanismos de acumulação especificamente urbanos, formas de dominação local, modalidades de afirmação simbólica de determinados grupos e de seus valores e perspectivas (VAINER, 2002, p.27).

A influência do sistema econômico nas cidades transforma o espaço urbano em mercadoria. O capital financeiro especulativo domina o uso e a ocupação do solo nas cidades, (re)estruturando-as para atender à exclusivamente às finalidades de expansão do lucro (LEFEBVRE, 2008; SINGER, 1980). Assim, entende-se que a organização do espaço não ocorre ao acaso, mas a partir de conflitos de interesses, sendo resultado dos confrontos de ordem econômica, social, política (CASTELLS, 1983).

O modernismo trouxe a especulação imobiliária para as cidades, impulsionando o crescimento destas. O especulador aguarda o aumento do preço do imóvel, deixando o lote em reserva, aguardando, e interferindo nos investimentos públicos para a valorização daquela área. O urbanismo pós-moderno não rompeu com essa forma de produção do espaço urbano, mas intensificou-a. A alteração foi na forma de gerir a cidade, a partir do momento que a gestão pública adota formas empresariais de gerenciamento, e passa a tratar a cidade como uma empresa lucrativa, impondo mudanças de ordem cultural para vender a imagem da cidade (ROSSI, 2001).

Facilmente verifica-se que serviços urbanos do Estado estão disponíveis no território para moradores de rendas altas e médias, ao passo que quanto menor a renda, mais escassos serão tais serviços. Isso pode gerar a suspeita que o Estado é quem promove este fenômeno social e econômico, porém é o mercado imobiliário que faz a distribuição final dos serviços urbanos, através de uma reordenação de acordo a valorização dessas áreas. Este movimento acaba por expulsar moradores carentes que mais precisam desses serviços (SINGER, 1980).

O conceito de segregação social urbana relaciona-se com a exclusão do processo de ocupação e uso do solo urbano, concretizada no arranjo dos bairros, refletindo modos diferenciações e desigualdades entre pessoas (KOWARIC, 2002).

Isso prejudica essas pessoas menos favorecidas, que muitas vezes até perdem o emprego pela distância que tem que se deslocar, nos novos locais de moradia, e o vínculo de enraizamento no bairro e com vizinhos, que dependendo do grau de vulnerabilidade da família, pode ser extremamente danoso (SINGER, 1980).

A segregação socioespacial atinge agrupamentos urbanos desfavorecidos, seja por questões raciais, religiosas ou econômicas, sendo esta última bem comum no Brasil. Trata-se da exclusão de pessoas e do seu direito à cidade. Esse processo gera nos centros urbanos o

processo de gentrificação³, que a partir da década de 80 aflige a economia urbana brasileira (FREY, 2006; DUARTE, 2009; SANTOS, 2008).

Se o Estado surgiu para propiciar o surgimento do capitalismo industrial e bancário, hoje ele anda tem um papel importante nas novas dinâmicas de reprodução do capital baseada na segregação do espaço urbano. O Estado é quem provê os serviços urbanos essenciais para os moradores e para as empresas, além de desempenhar o papel de determinar o uso do solo na cidade, portanto, é um grande agente de valorização do solo urbano. Quando o poder público beneficia alguma região com algum serviço público, desloca a demanda de moradores e empresas (SINGER, 1980).

Esse processo descrito à cima, o qual Singer (1980) chama de mais-valia urbana, sujeita novos compradores a pagar mais caro no aluguel ou compra da terra. A tendência é que as empresas e os moradores com renda mais elevada se disponham a pagar um preço mais elevado pela terra. Assim, causa uma grande contradição das cidades: o serviço público instalado para atender à população menos abastada, transforma a morfologia da cidade e causa a expulsão dos pobres (SINGER, 1980).

Os empreendedores imobiliários aproveitam essas oportunidades para investir, antecipando ou mesmo influenciando o poder público de forma a direcionar o investimento de acordo com suas intenções de lucro. Porém essa previsão não é garantida, pois a concorrência entre os empreendedores do setor pode elevar o preço antes mesmo das melhorias sejam executadas, reduzindo os lucros futuros. Uma maneira de os especuladores influenciarem o poder público é adquirindo glebas adjacentes ao perímetro urbano a preços baixos, desprovidas de qualquer serviço, e promover seu loteamento, de modo que a parte mais distante da área urbanizadas seja ocupada (SINGER, 1980).

A produção do espaço urbano é considerada um processo desigual, geralmente atrelado aos interesses políticos, fundiários e imobiliários, acentuando cada vez mais as diferenças socioespaciais, compartimentando a cidade entre áreas melhor equipadas (centrais) em detrimento de outras marcadas pela precariedade das condições de vida (periféricas). E o poder público municipal confere ao espaço sentido e conteúdo, intermediando a produção diferenciada, fragmentando a cidade e ampliando a diferença de apropriação do espaço pelos

³ Este termo é um neologismo criado pela socióloga Ruth Glass em 1963, e vem do termo “*gentry*”, “bem nascido” em inglês.

diferentes grupos. Desse modo, aprofundando a produção desigual do espaço e enfatizando a permanência da estrutura social e suas contradições (SCHMIDT E LOBODA, 2011).

A cidade não é somente um reflexo da sociedade, ela produz riquezas ao mesmo tempo em que reproduz a exclusão, sendo um complexo de relações sociais e econômicas de poder (VAINER, 2002, p. 16), assim:

[...] a relação entre a cidade e a estrutura social não é uma relação passiva, em que a cidade é meramente reflexo das estruturas; ao contrário, a cidade contribui para configurar a estrutura social. Não está inscrito na estrutura social brasileira que apenas sejam asfaltadas as ruas dos bairros habitados pelas classes superiores e médias, nem que a água chegue apenas a alguns cantos da cidade. [...] Tampouco está inscrito na estrutura social brasileira que os recursos captados pelo governo local sejam sistematicamente alocados de modo a reproduzir a desigualdade urbana ou a alimentar a acumulação privada de segmentos especulativos do capital de promoção imobiliária, ou outros segmentos da elite local (VAINER, 2002, p. 27).

Esses mecanismos demonstram que a cidade capitalista não tem lugar para os pobres, devido à necessidade de uma renda como requisito para a ocupação do espaço urbano, porém o sistema capitalista não tem condições de manter um nível mínimo de renda para todos, devido à dependência de um exército de reserva para manutenção das baixas condições salariais (SINGER, 1980).

Desta forma, a cidade valoriza e revaloriza os lugares por meio do processo social espacialmente seletivo, produzindo possibilidades desiguais e diferenciadas de apropriação do espaço urbano. A cidade e seus espaços são mercadorias desigualmente apropriadas por classes sociais, haja vista que a posse acontece de acordo com seu consumo privado. A segregação como estratégia de classe, apontando três questões centrais: ela é espontânea, voluntária e planejada, entendendo-a como um produto social que rompe com relações sociais e coletivas, gerando a fragmentação da cidade (SANTOS, 1997; LEFEBVRE, 2016; OLIVEIRA, 2008).

4. MATERIAL E MÉTODOS

O presente capítulo aborda os aspectos metodológicos da pesquisa. Primeiramente apresenta-se a caracterização do estudo e do bairro, para depois abordar a escolha dos sujeitos. Em seguida, expõe-se expor os procedimentos de coleta e o plano de análise de dados. Finalmente é apresentada uma síntese metodológica da pesquisa.

A pesquisa possui abordagem quali-quantitativa e caráter exploratório-descritiva. Os dados foram obtidos em fontes primárias e secundárias. Além do levantamento documental, que buscou levantar imagens, notícias, legislação, mapas, fotos e imagens orbitais de satélite, aplicou-se questionários aos moradores do bairro Estiva e entrevistas com um representante da prefeitura municipal. Na análise de dados, optou-se pela análise comparativa e uso da estatística descritiva para trabalhar com os mapas, e análise de conteúdo por frequências e por temas, de acordo com os princípios de Bardin (1977).

4.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa parte da premissa que os processos pós-modernos de reprodução do capital estão focados na reestruturação dos espaços urbanos, de forma a torná-los mais atrativos para investimentos e causando rupturas na dinâmica social e econômica das cidades.

Tal premissa é fundamentada em Harvey (1980) e Lefebvre (2016), uma vez que postulam que a desindustrialização provocou a Revolução Urbana, fenômeno que exige novas formas de reprodução do capital, encontrando na reprodução do espaço urbano uma forma de organizar os fluxos de capitais, transformando a cidade um objeto de consumo. Neste sentido, Duarte (2009) contribui ao abordar a pulverização dos centros tradicionais em multicentros espalhados pela cidade. Este fenômeno dinamiza e valoriza o local, atraindo tecido urbano, podendo conformar uma nova centralidade urbana caso seja capaz de gerar e manter fluxos de pessoas, capitais e mercadorias (OLIVEIRA, 2008).

Lynch (1997) e Tuan (1980) contribuem ao apontar a importância da percepção sobre os espaços e os lugares para compreender subjetivamente a cidade. Assim, para atingir ao objetivo geral da pesquisa, que é verificar as implicações do crescimento do bairro Estiva na morfologia urbana e nas vivências dos moradores, entende-se que a forma da cidade é um sistema descritivo interpretativo permeado pela visão e percepção de quem observa.

Com base nesta perspectiva, o presente trabalho caracteriza-se como qualitativo por debruçar-se sobre o significado que os participantes atribuem a um determinado fenômeno, buscando a compreensão das experiências vividas (GODOY, 2005), buscando atingir um conhecimento que reflita a realidade socioeconômica do bairro Estiva, com foco nas implicações do crescimento do bairro na morfologia urbana e nas vivências dos moradores.

A abordagem qualitativa da pesquisa refere-se às entrevistas e análise de conteúdo, já a parte quantitativa refere-se à análise comparativa e uso da estatística descritiva. De acordo

com Fonseca (2002) a utilização da pesquisa quali-quantitativa possibilita a obtenção de mais informações do que se obteria isoladamente.

Ao contrário da pesquisa qualitativa, a pesquisa quantitativa pode ser quantificada, centrada na objetividade positivista, compreendendo a realidade com base em dados brutos, recorrendo à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno as relações entre as variáveis (FONSECA, 2002).

O estudo também se caracteriza pelo seu caráter exploratório descritivo, uma vez que visa identificar e descrever os impactos do crescimento do bairro Estiva na morfologia urbana e nas vivências. Deste modo, parte-se para uma pesquisa exploratória, que de acordo com Gil (2008), tem o objetivo básico de identificar os fatores e variáveis que determinam ou que contribuem na incidência de um fenômeno.

Ao passo que a pesquisa descritiva tem como objetivo o detalhamento fiel dos fenômenos, abordando as características exatas dos indivíduos evidenciando as relações entre os acontecimentos (SELLTIZ, 1965; GIL, 2008).

Vergara (2000) aponta que é necessária uma complementaridade dessas abordagens, pois somente a pesquisa descritiva não explica um fenômeno, apesar de servir como norte para a explicação.

Como estratégia de pesquisa utilizou-se, para a parte qualitativa, o estudo de caso. De acordo com Yin (2001), o estudo de caso ajuda a compreender os fenômenos individuais e o desenvolvimento organizacional e político da sociedade. Para a parte quantitativa aplicou-se o *survey*, que objetiva apresentar opiniões dos sujeitos por meio de questionários ou entrevistas, buscando conhecimentos e experiências relevantes à pesquisa (BABBIE, 1999). No próximo subtópico apresenta-se a caracterização do caso, bem como dos sujeitos

4.2 Caracterização do estudo de caso

Estiva é um bairro da cidade de Itajubá (MG), uma cidade de médio porte localizada no sul de Minas Gerais, conforme Figura 1. Itajubá (MG) caracteriza-se como a principal cidade de sua microrregião de 13 municípios: Itajubá, Piranguinho, Brazópolis, Paraisópolis, Delfim Moreira, Wenceslau Braz, Marmelópolis, Dom Viçoso, Cristina, Piranguçu, Virgínia, Maria da Fé e Consolação.

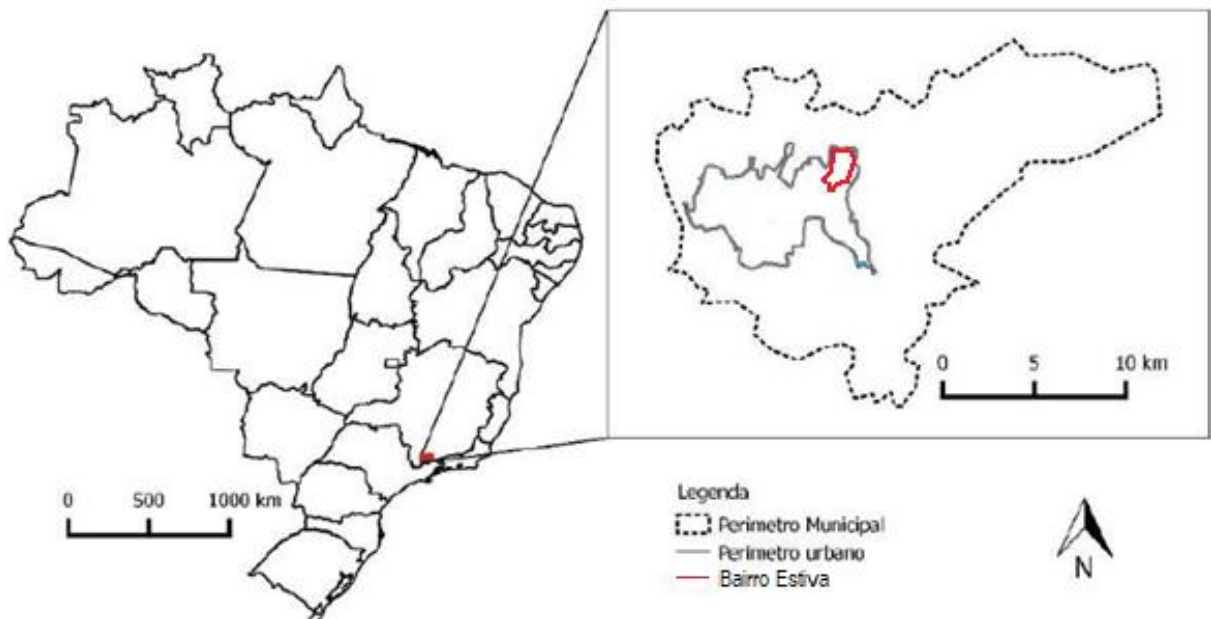


Figura 1 - Mapa de localização do bairro Estiva no município de Itajubá (MG)

Fonte: adaptado de Félix (2016).

A cidade tem proximidade com as principais metrópoles do país, estando a 447 km de Belo Horizonte, 314 km do Rio de Janeiro e 261 km de São Paulo. Possui acesso rodoviário BR-383 e pela BR-459, interligando a rodovia presidente Dutra à rodovia Fernão Dias, as principais rodovias do país, de acordo com pesquisa no *software Google Maps*.

O município tem um *campus* principal da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI) e mais dois centros universitários. Há a presença de duas incubadoras de empresas na cidade, uma de *start-ups* de tecnologia e outra de cooperativas, ambas ligadas à UNIFEI. Além disso, a cidade ainda conta com um Arranjo Produtivo Local de empresas de tecnologia da informação e da comunicação. O setor secundário possui um dos maiores distritos da região do sul de Minas Gerais, contando com indústrias de grande e médio porte, criando cerca de 2.500 empregos. O setor terciário possui aproximadamente 400 comércios registrados na Associação Comercial, Industrial e Empresarial de Itajubá (PMI, 2019).

O município tem uma área territorial de 294.835 km² e possuía uma população estimada em 97.000 habitantes no ano de 2017, sendo que 91,29% vivendo na zona urbana. É o município mais populoso da sua microrregião (IBGE, 2018).

Itajubá tem o terceiro melhor Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) do estado de Minas Gerais, e o 79º do Brasil, com 0,787, considerado alto de acordo com as faixas categóricas do Atlas do Desenvolvimento Humano. O município também possui um coeficiente de Gini melhor que a média de Minas Gerais e do país.

O índice de Gini é um índice de medição das desigualdades sociais e da concentração de renda que varia de zero a um. O valor do índice aproxima-se de zero quanto mais igualitária for a localidade, e tende à um, quanto maior foram as desigualdades. O município apresenta o índice de Gini inferior de 0,40 e superior de 0,44, refletindo uma superioridade em relação à Minas Gerais, que apresenta índice entre 0,44 e 0,48, e mais elevado ainda quando comparado ao do Brasil.

De acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano 2004, elaborado pelo PNUD, o Brasil tem o índice de Gini 0,591, situado ao final de uma lista de 127 países⁴, evidenciando uma desigualdade acima da média mundial. As informações sobre o município de Itajubá (MG) estão sintetizadas na Tabela 1.

Tabela 1 - Dados sobre território e população de Itajubá (MG)

População 1991	75.014
População 2000	84.135
População 2010	90.658
População zona urbana 2010 (%)	91,2
População estimada 2017	97.000
Índice de desenvolvimento humano municipal	0,787
Índice de Gini	0,40* e 0,44**

Nota: *Índice de Gini inferior

**índice de Gini superior

Fonte: elaboração própria a partir de dados obtidos do IBGE (2018).

Itajubá encontra-se numa altitude de 830 metros no ponto mais baixo e 1.746 metros no ponto mais alto. A área urbana concentra-se numa altitude média de 842 metros. A

⁴ Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2048:catid=28>. Acessado em: 28 ago. 2018

topografia de Itajubá é considerada do tipo ondulada-montanhosa, apresentando 10% de terreno plano, 12% ondulado e 78% montanhoso⁵ (PMI, 2019), o que direciona a uma expansão urbana horizontalizada. Consta-se a expansão horizontalizada da mancha urbana em trabalhos como Félix (2016) e Maltauro (2018).

O bairro Estiva era conhecido Vila do Arco, ganhando a denominação oficial de Estiva por meio da Resolução Municipal nº 581 de 1992, que definiu os seus limites. Esta definição estava de acordo com a realidade da época, quando ainda não se pensava em mudar a sede administrativa para aquela região. A Figura 2 apresenta a delimitação oficial criada pela resolução supracitada.

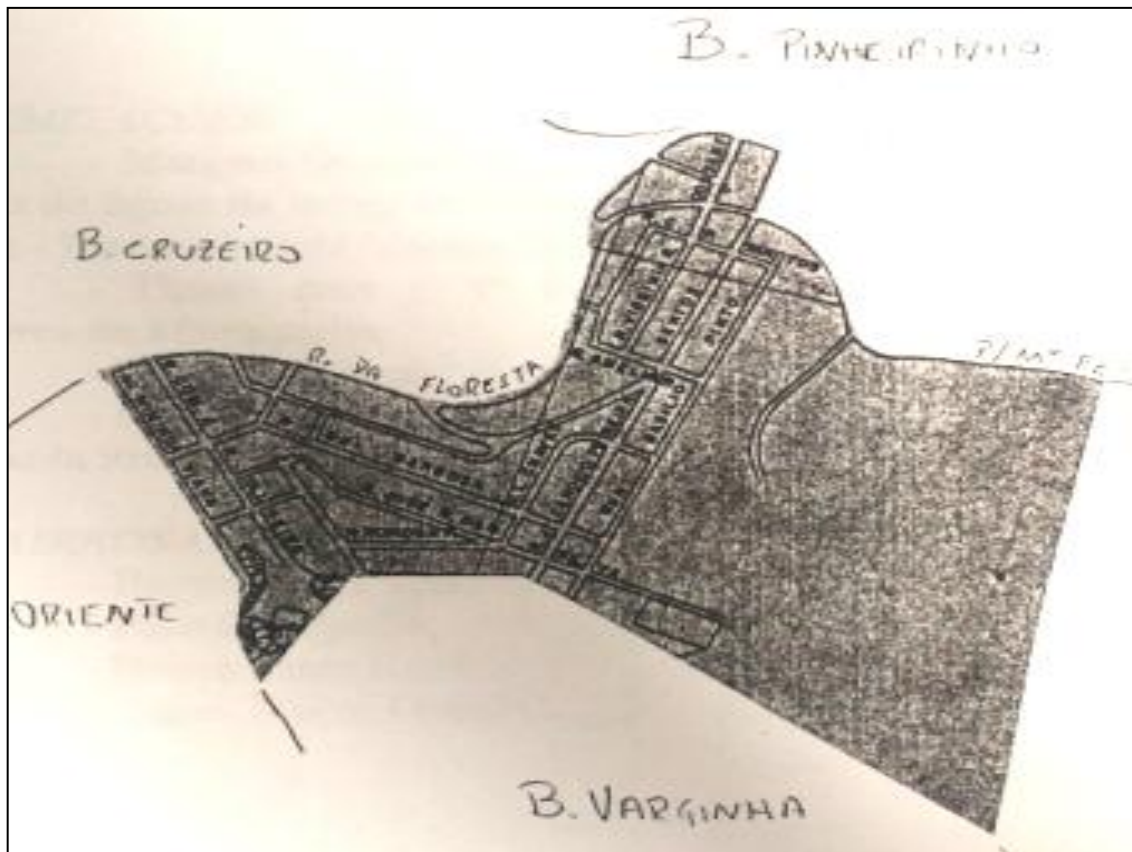


Figura 2 - Delimitação do bairro Estiva conforme a resolução de sua criação, em 1992

Fonte: Resolução Municipal nº 581 de 1992.

O recorte espacial da pesquisa delimita-se no bairro Estiva devido à influência da expansão da cidade neste sentido da cidade, afetando diretamente sua morfologia e as vivências dos moradores.

⁵ Disponível em: < <http://www.itajuba.mg.gov.br/cidade/localizacao.php> >. Acessado em: 01 jun. 2018.

4.3 Caracterização e escolha dos sujeitos do estudo

O presente tópico visa apresentar os sujeitos deste estudo e os critérios que foram utilizados para os escolherem. Como a pesquisa tem como objetivo geral verificar as implicações do crescimento do bairro Estiva na morfologia urbana e nas vivências, a partir da percepção dos moradores e da prefeitura municipal, foi definida uma população e uma amostra de pesquisa que participaria da pesquisa.

As percepções dos moradores e do servidor municipal da prefeitura de Itajubá/MG foram levantadas por meio da aplicação de questionário e entrevistas semiestruturada. Os questionários foram aplicados no bairro Estiva, entre outubro de 2018 e março de 2019, entre às 13h30 e 20h00. A aplicação dos questionários nos moradores do bairro Estiva levou em média 4 minutos e 30 segundos, e a entrevista com o servidor durou 35 minutos, devido à quantidade de informações e notório conhecimento sobre o planejamento urbano municipal do entrevistado, que suscitou diversas questões, prolongando o tempo da entrevista.

As informações foram tabuladas com auxílio dos *softwares Google Forms e Excel*, classificadas em categorias temáticas. Após a caracterização dos moradores entrevistados, serão apresentadas às percepções sobre o crescimento do bairro e a nova centralidade urbana. A entrevista com o servidor público municipal foi utilizada neste terceiro subcapítulo dos resultados, de forma a enriquecer os dados obtidos sobre o bairro Estiva.

Para definir a população da pesquisa foi considerado o número de residências no bairro Estiva. Chegou-se ao número de 60 residências para compor a amostra de pesquisa, considerado que em cada residência abordada, seria realizada uma entrevista com um(a) morador(a). A amostra foi calculada com um intervalo de confiança de 90% e com erro amostral de 10%, baseado numa população composta por 445 residências.

O processo de escolha dos indivíduos da amostra seguiu dentro dos limites do bairro, subindo as ruas em ordem numérica crescente, abordando as residências com a finalidade de entrevistar um único(a) morador(a) por casa. Após a realização de uma entrevista pulou-se sete residências para a realização da entrevista seguinte. Essa sequência de abordagem foi pensada com base no “n” amostral e da população, com a finalidade de realizar as 60 entrevistas de forma equilibrada em todo o território do bairro. Quando não se obteve êxito em alguma residência, partiu-se para a próxima moradia, de forma a pular sete residências somente quando se concretizou uma entrevista. Não houve retorno às residências cujos(as) moradores(as) não atenderam ou não responderam à pesquisa.

Os questionários aplicados nos moradores do bairro Estiva buscou, inicialmente, levantar informações socioeconômicas, para depois abordar a temática própria da pesquisa: o crescimento do bairro Estiva e o desenvolvimento da nova centralidade estudada.

Estabeleceu-se os seguintes critérios para os indivíduos poderem participar da pesquisa: ser maior de idade, ter disponibilidade para a entrevista e ser morador do bairro Estiva. O questionário final encontra-se no Apêndice A.

A pesquisa protocolou uma solicitação para ter acesso a documentos e agendar uma entrevista com o secretário ou com o próprio prefeito, conforme consta no Apêndice B. Dentro da própria prefeitura, indicaram um profissional especialista no desenvolvimento urbano, locado na secretaria de planejamento urbano, para realizar o atendimento. A escolha do indivíduo que representaria a prefeitura municipal deu-se pelo critério de disponibilidade e notório saber sobre o desenvolvimento urbano da região.

4.4 Plano de coleta de dados

Realizou-se a coleta dos dados a partir de fontes primárias e fontes secundárias. Para as fontes primárias adotou-se a entrevista e questionário, já para as fontes secundárias, optou-se pelo levantamento documental. A entrevista e os documentos estão ligados à parte qualitativa da pesquisa, já os questionários e os panoramas de porcentagens, referentes à parte quantitativa. Os panoramas de porcentagem, elaborados a partir do geoprocessamento das imagens de satélite, serviram de base para atender ao primeiro e segundo objetivo específico. Tanto os questionários, como a entrevista e a análise documental serviram de base para responder aos objetivos específicos terceiro e quarto.

O levantamento documental utiliza-se de dados não tratados analiticamente, como notícias, matérias de jornais e de sites, cartas, diários, filmes, documentos oficiais, leis, contratos, mapas, relatórios de pesquisas, relatórios de empresas, entre outros (GIL, 2008). Desta forma, buscaram-se informações sobre o crescimento do bairro Estiva e os impactos na morfologia e nas vivências dos moradores.

Inicialmente elaboraram-se três pedidos de solicitação de informações à prefeitura (Apêndice C, Apêndice D e Apêndice E). Esses ofícios resultaram na entrevista com o servidor público municipal, onde foram obtidas informações importantes para pesquisa. Por meio da solicitação, foram também disponibilizados dados sobre a quantidade de residências do bairro Estiva e uma imagem .drg (executável em SIG) da delimitação dos bairros de

Itajubá (MG), que apesar de desatualizada, foi utilizada como base para elaboração dos mapas que apresentam a divisão dos bairros da cidade.

As principais fontes documentais utilizadas foram o Plano Diretor de Itajubá (MG), Resolução nº 581 de 1992, imagens de satélite do *Google Earth Pro*, arquivos *raster* fornecidos por Maltauro (2017), o site da prefeitura e imagens do *Google Maps*.

Imagens orbitais de alta resolução serviram de base para realizar a evidenciação da mancha urbana do bairro Estiva ao longo dos últimos 30 anos e o diagnóstico de uso e ocupação do solo no bairro. As imagens orbitais de alta resolução são produzidas através do sensoriamento remoto, que Novo (2010, p. 28) define como “a utilização conjunta de sensores, [...] equipamentos de transmissão de dados colocados a bordo de aeronaves, espaçonaves [...], com o objetivo de estudar eventos, fenômenos e processos na superfície do planeta Terra”.

Maltauro (2018) e Santos (2013) contribuem para esta pesquisa, pois utilizam o geoprocessamento de imagens de satélite para visualizar a ocupação urbana ao longo do tempo no município de Itajubá (MG). Esta ferramenta foi utilizada em diversos outros estudos com finalidades semelhantes, conforme afirma Santos (2013):

Há uma concentração dos estudos na análise da expansão urbana através de imagens de satélites, como apresentado em WECKMÜLLER, VICENS e FERNANDES (2013), NETO, FABRIZ e LORENA (2011) e FERREIRA et al (2009). O trabalho de RIBEIRO (2006) (sic) analisa a dinâmica urbana empregando dados de sensoriamento remoto, avaliando a ocupação ao longo do tempo através de fotografias aéreas. Em XAVIER (sic) (2010) é relacionada a expansão urbana com o crescimento populacional em vários municípios ao longo do tempo. Além disso, o trabalho de PAES, RIBEIRO e OLIVEIRA (sic) (2009) analisa o processo de expansão urbana do município de Itajubá no período entre 1971 e 2006, e a dissertação de MONI SILVA (sic) (2006) elaborou, através de SIG, a mancha de inundação do município de Itajubá (SANTOS, 2013, p. 15).

A pesquisa de Maltauro (2018) evidencia a expansão da mancha urbana itajubense através do uso de SIG, servindo de base para a evidenciação do crescimento do bairro Estiva. O Quadro 3 sintetiza o levantamento documental, suas fontes, datas, formatos dos documentos e qual o vínculo que possui com os objetivos específicos da pesquisa.

Quadro 3 - Fontes documentais da pesquisa

DADO	FONTE	DATA	FORMATO	VÍNCULO COM A PESQUISA
Criação do bairro Estiva	resolução nº 581 de 1992	1992	png	Visa atender ao objetivo específico 1
Mapa com divisão oficial dos bairro de Itajubá (MG)	secretaria municipal de planejamento	2018	pdf	Visa atender aos objetivos específicos 1 e 2
Imagens orbitais satélite	<i>Google Earth Pro</i> e arquivos <i>raster</i> elaborado Maltauro (2017)	2018	kml, kmz, png	Visa atender aos objetivos específicos 1 e 2
Notícias sobre a expansão do bairro Estiva	site da prefeitura municipal de Itajubá	2018	html	Visa atender aos objetivos específicos 1 e 2
Classes de uso e ocupação do solo	lei complementar municipal nº 008 2003 [Plano Diretor]	2003	impresso	Visa atender ao objetivo específico 2
Imagens de Itajubá (MG)	<i>Google Earth Pro</i> , <i>Google Maps</i> e fotos próprias	2016	png	Visa atender ao objetivo específico 2
Zoneamento municipal	lei complementar municipal nº 008 2003 [Plano Diretor]	2003	impresso	Visa atender ao objetivo específico 2

(*) Não se aplica

Fonte: elaboração própria.

Os documentos obtidos foram lidos e tratados, permitindo as análises posteriores. O levantamento documental teve início em julho de 2018 e se estendeu até março de 2019.

Para a aplicação dos questionários e da entrevista seguiram-se três etapas: planejamento, execução e pós-execução.

Na primeira etapa elaborou-se o questionário final, que foi aplicado nos moradores do bairro Estiva. Criou-se também o roteiro para entrevista com o servidor da prefeitura, baseado em questões importantes apontadas na literatura. Ainda nesta etapa, foi agendada a entrevista, conforme disponibilidade do entrevistado, além de programada o tempo e os recursos necessários para a aplicação dos questionários.

Na etapa da execução foram aplicados os questionários e a entrevista, ambos presencialmente, conduzidos com intervenção do pesquisado, de forma a aprofundar em temas relevantes à pesquisa e manter o foco nos temas e fatos importantes para a pesquisa.

A última etapa consistiu na pós-execução, onde a entrevista (Apêndice F) e os questionários foram transcritas na íntegra.

A coleta dos dados primários deu-se por meio da aplicação de questionários com questões abertas e fechadas com os moradores do bairro Estiva, e por meio da entrevista com um servidor da Secretaria Municipal de Planejamento da Prefeitura Municipal de Itajubá/MG (SEMUP). A entrevista foi requerida por meio de uma solicitação protocolada pela pesquisa na prefeitura.

O método da entrevista caracteriza-se pela abordagem qualitativa, materializando-se por meio de uma conversação entre duas pessoas, com natureza profissional sobre algum assunto relevante à pesquisa, realizada de maneira metódica, com a finalidade de extrair dados importantes para análise do pesquisador no encontro entre duas pessoas. Trata-se de “um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 196). É necessário considerar, conforme Haguette (1992), que a entrevista não pode ser enxergada individualmente com base nos dados informados por um único depoente, mas sobre um todo de depoimentos.

A entrevista com o fiscal urbanista da prefeitura de Itajubá foi realizada na Secretaria de Planejamento Urbano de Itajubá, dentro do prédio da prefeitura municipal, no dia 15 de janeiro de 2019, por volta das 13 horas. Conduzida por Pedro Torres de Melo Pedrosa, a entrevista teve a duração de 35 minutos. A conversa foi gravada, e posteriormente transcrita.

Na aplicação dos questionários aos moradores, foi conduzida por Pedro Torres de Melo Pedrosa, com duração média de 4 minutos e meio cada entrevista. Após lidas as questões, a palavra era dada ao participante, para que explanasse seus apontamentos de forma espontânea. As respostas às perguntas fechadas foram anotadas no próprio papel do roteiro de entrevista e as perguntas abertas foram gravadas, com anotações complementares na folha de entrevista. As gravações foram transcritas e posteriormente tabuladas, de forma a subsidiar as análises das percepções dos moradores sobre o crescimento do seu bairro. Aplicou-se o questionário em 60 moradores.

Todos participantes somente foram entrevistados depois de explicitadas as informações básicas sobre a pesquisa, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a devida assinatura da declaração que autorizou o uso das informações coletadas, conforme documento do Apêndice G.

Em conformidade com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 510 de 2016, quanto à definição e gradação dos riscos inerentes à pesquisa em consonância com os procedimentos metodológicos utilizados e seus desdobramentos, foi considerado que há um risco mínimo envolvido, em virtude da possibilidade de o(a) participante sentir-se constrangido(a) no decorrer da entrevista, e também o risco de sentir-se incomodado(a) ao ser convidado(a) em sua residência para participar de uma pesquisa acadêmica. Portanto, o risco de danos à integridade do(a) participante em qualquer outra dimensão foi avaliado como mínimo. De forma a prevenir tais acontecimentos, serão tomadas as seguintes precauções:

- O responsável pela pesquisa compromete-se a orientar a equipe de entrevistadores, de forma que as entrevistas realizem-se de forma ética e profissional, atentando para os riscos previstos e não previstos na pesquisa, de acordo com Resolução CNS nº 466 de 2012 e Resolução CNS nº 510 de 2016;
- Não haverá qualquer tipo de coerção ou insistência para que o(a) entrevistado(a) participe da pesquisa ou responda às perguntas, de modo a preservar sua autonomia e livre arbítrio;
- Não serão realizadas entrevistas com menores de 18 anos ou qualquer pessoa com autonomia reduzida, ou pessoa que esteja sujeitada à autoridade, ou seja, dependente de forma a caracterizar situação de limitação da autonomia.

O projeto obteve parecer “Aprovado” e o documento “Folha de Rosto para Pesquisas Envolvendo Seres Humanos”, preenchida e assinada, consta no Apêndice H, em cumprimento à determinação do CEP.

4.5 Plano de análise de dados

Este tópico apresenta o tratamento e análise dos dados obtidos, para isso subdivide-se em duas partes: i) análise comparativa e geoprocessamento de imagens orbitais através do uso de SIG e; ii) análise de conteúdo dos questionários aplicado aos moradores do bairro Estiva e da entrevista com o fiscal urbanista da Prefeitura Municipal de Itajubá/MG.

4.5.1 Análise comparativa e uso de estatística descritiva

Para a primeira parte desta etapa, utilizou-se o *software* de ArcMap 10.5 para processar, sobrepor, recortar e analisar as imagens de satélite, assim como para gerar os mapas temáticos para evidenciar o crescimento do bairro Estiva, em dois períodos distintos: de 1986 a 2001, e de 2001 à 2017, atendendo ao primeiro objetivo específico. Este

período foi escolhido devido à disponibilização de imagens de satélite de Itajubá. Por meio da técnica de análise comparativas, os mapas foram analisados de forma a evidenciar o crescimento da mancha urbana nos períodos especificados.

De forma a atender ao segundo objetivo específico da pesquisa, realizou-se o diagnóstico do bairro Estiva por meio de mapa temático, utilizando o *Google Earth Pro* e a ferramenta “criar polígonos”, para evidenciar e calcular as áreas dos tipos de uso e ocupação do solo, de forma a correlacioná-los com o zoneamento urbano previsto na região estudada, utilizando a ferramenta “sobreposição de mapas”. Este procedimento visou atender ao segundo objetivo específico. A imagem utilizada é do próprio *Google Earth Pro*, datada de 16 de dezembro de 2016. Essa data é devido ser imagem mais atual que permite edições disponível no *software*.

A técnica de análise neste caso foi a estatística descritiva, de forma a evidenciar os usos e ocupação do solo no bairro Estiva através de um panorama de porcentagens de acordo com as classes instituídas para esta pesquisa.

4.5.2 Análise de conteúdo dos questionários e da entrevista

Após transcritas as respostas abertas do questionário e das entrevistas, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (1977), de forma a interpretar os resultados e qualificar os elementos obtidos na pesquisa. De acordo com Cappelle (2006), esta técnica tem sido muito utilizada nas análises comunicacionais nas ciências sociais e humanas.

A análise de conteúdo, enquanto método caracteriza-se por um conjunto de técnicas de análise das comunicações, utilizando procedimentos sistemáticos e objetivos de decodificação do conteúdo das mensagens. Nesta etapa realiza-se a explicitação, sistematização e a revelação do conteúdo da mensagem, para então operar as deduções lógicas e justificadas sobre os dados obtidos, permitindo a formulação de indicadores que proporcionem a inferência de conhecimentos sobre as condições inerentes às mensagens (BARDIN, 1977).

Desta forma, desenvolveram-se dois métodos de análise de conteúdo, por frequência e por categoria. A análise por frequência foi aplicada nos questionários, de forma a verificar as recorrências nos relatos dos entrevistados possibilitando a construção das categorias temáticas. A análise temática, ou por categorias, foi aplicada sob os questionários, a entrevista e os documentos levantados, com a intenção de agrupar núcleos de sentido sobre determinados temas presentes nos relatos e na literatura (MINAYO, 2000).

A instrumentalização da análise de conteúdo foi definida em três etapas, de acordo com Bardin (1977): pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos. Primeiramente, na etapa da pré-análise, organizou-se o material, após leituras minuciosas dos dados primários e secundários obtidos, de forma a sistematizar os pontos-chaves de cada material. Assim, procedeu-se a codificação dos participantes e de seus relatos, assim como dos documentos utilizados. Nesta etapa, foram localizados os excertos dos relatos que seriam utilizados para embasar e demonstrar aspectos contidos nas discussões.

Na etapa da exploração do material, realizou-se a análise de conteúdo por frequência nas respostas abertas dos questionários. Posteriormente, realizou-se a análise de conteúdo por categorias no material coletado, de forma a compor as dimensões, categorias e subcategorias de análise. Essas dimensões de análise foram propostas de forma a cruzar os dados obtidos com o objetivo geral da pesquisa. Assim, as dimensões de análise foram decompostas em categorias, e estas, em subcategorias, conforme demonstrado no Quadro 4.

Quadro 4 - Dimensão, categoria e subcategoria

Dimensão	Categoria	Subcategoria
Morfologia urbana	Infraestrutura Urbana	Calçamento e Asfalto
		Saneamento
	Novos Empreendimentos do Bairro	Prefeitura
		Teatro
		Parque e lago municipal
		Cinema
		Loteamentos
	Surgimento e Desenvolvimento do Bairro Estiva	Surgimento do bairro
		Nova centralidade urbana
	Vivências	Fluxo e Segurança
Fluxo de veículos		
Lazer		Lazer
Emprego e comércio		Comércio
		Geração de emprego
Trasnporte público		Transporte público
Qualidade ambiental		Meio ambiente
Impactos da valorização imobiliária		Aluguel, IPTU, conta de água e luz
		Valorização de imóveis
		Segregação espacial

Fonte: elaboração própria.

A última etapa, que consiste no tratamento dos resultados, analisaram-se as categorias de acordo com a literatura apresentada no referencial bibliográfico.

4.6 Síntese metodológica

De forma a apresentar uma síntese da metodologia, elaborou-se o design da pesquisa e o quadro metodológico, conforme Figura 3 e Quadro 5, respectivamente.

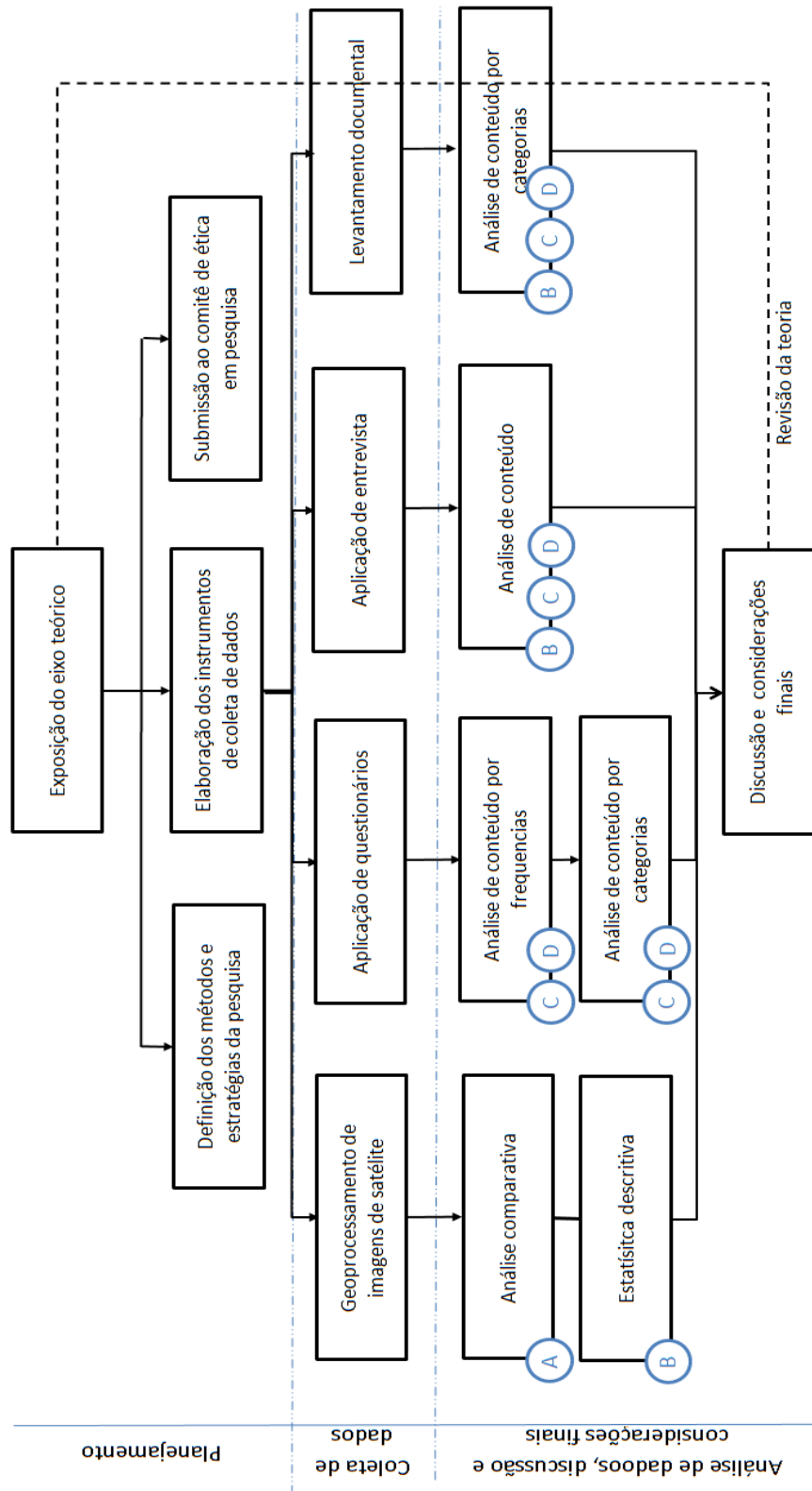


Figura 3 - Design da pesquisa

*as letras A, B, C e D correspondem aos objetivos específicos da pesquisa.

Fonte: elaboração própria.

Primeiramente definiram-se os contornos da pesquisa, para depois partir para a coleta de dados em si. Na etapa seguinte realizou-se a análise comparativa entre mapas, e o uso de estatística descritiva para apresentação dos dados sobre o diagnóstico do bairro Estiva. O uso de estatística descritiva também foi utilizado para a caracterização dos moradores participantes da pesquisa. Finalizando, processou-se a análise conteúdo, por categorias e por frequência dos dados obtidos nos questionários e nas entrevistas.

Quadro 5 - Quadro metodológico

Referência	Objetivos Específicos	Procedimentos Principais	Instrumentos	Principais bases para o estabelecimento do instrumento	Fonte de Dados	Análise dos Dados
A	Evidenciar o crescimento do bairro Estiva nos últimos 30 anos	Pesquisa documental	SIG	Tópicos 4.2 e 4.4	Dados secundários	Análise comparativa
B	Realizar diagnóstico do bairro Estiva quanto às classes de uso e ocupação	Pesquisa documental	SIG e documentos	Tópicos 4.2 e 4.4	Dados primários e secundários	Estatística descritiva
C	Verificar o possível surgimento de uma nova centralidade	Entrevista, questionários e pesquisa documental	Roteiro, questionário e documentos	Tópicos 3, 4.1, 4.2, 4.3 e 4.4	Dados primários	Análise de conteúdo (temática)
D	Investigar a percepção dos moradores sobre o crescimento do bairro	Entrevista e questionários	Roteiro e questionário	Tópicos 3, 4.3 e 4.4	Dados primários	Análise de conteúdo (temática e frequência)

Fonte: elaboração própria.

O Quadro 5 evidencia os fluxos metodológicos a partir dos objetivos específicos da pesquisa, evidenciando os procedimentos realizados para coleta de dados, instrumentação, base teórica, fonte e análise de dados.

5. RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados os resultados da pesquisa, estruturados considerando a sequência de objetivos específicos. Desta forma, segue a seguinte estrutura: (i) Crescimento do bairro Estiva; (ii) Diagnóstico do bairro Estiva quanto às classes de uso e ocupação do solo; (iii) Surgimento de uma nova centralidade urbana em Itajubá (MG); e, (iv) Percepções dos entrevistados sobre o crescimento do bairro Estiva, conforme sintetizado no Quadro 6.

Quadro 6 – Subcapítulos apresentados nos resultados

5.1 Crescimento do bairro Estiva
5.1.1 Crescimento da mancha urbana de Itajubá/MG
5.1.2 Crescimento do bairro Estiva nos últimos 30 anos
5.1.3 Surgimento e desenvolvimento do bairro Estiva, baseado nas entrevistas
5.2 Diagnóstico do bairro Estiva quanto às classes de uso e ocupação do solo
5.2.1 Zoneamento urbano do bairro Estiva
5.2.2 Categorias de uso e ocupação do solo
5.2.3 Uso e ocupação do solo no bairro Estiva
5.3 Surgimento de uma nova centralidade urbana em Itajubá (MG)
5.3.1 Caracterização dos moradores entrevistados
5.3.2 A nova centralidade urbana de Itajubá (MG)
5.4 Percepções dos entrevistados sobre o crescimento do bairro Estiva
5.4.1 Percepções quanto à morfologia
5.4.1.1 Infraestrutura urbana
5.4.1.2 Novos empreendimentos
5.4.4 Percepções quanto às vivências
5.4.4.1 Impactos da valorização imobiliária
5.4.4.2 Geração de emprego e comércio
5.4.4.3 Fluxo de automóveis e segurança
5.4.4.4 Lazer
5.4.4.5 Qualidade ambiental
5.4.4.6 Transporte coletivo

Fonte: elaboração própria.

5.1 Delimitações e crescimento do bairro Estiva

Primeiramente, este tópico apresenta dados sobre o crescimento da mancha urbana de Itajubá (MG), para depois apresentar o geoprocessamento de imagens de satélite que evidencia o crescimento do bairro Estiva. Finalmente são apresentadas as percepções dos moradores e do servidor público municipal sobre o surgimento e o desenvolvimento do bairro estudado.

5.1.1 Crescimento da mancha urbana de Itajubá/MG

Para evidenciar a expansão da mancha urbana do bairro Estiva nos últimos 30 anos utilizou-se como ponto de partida o trabalho de Maltauro (2018), que evidenciou, através do uso de SIG, a expansão urbana de Itajubá (MG) nos últimos 30 anos, especificamente em três períodos distintos, de 1986 a 2001, e de 2001 a 2017.

A elaboração dos mapas temáticos que evidenciam a expansão da mancha urbana, foram utilizados os *softwares* ArcMap e IDRISI Selva para o processamento das imagens. Foram estabelecidas as seguintes classificações quanto ao uso e ocupação do solo do município de Itajubá (MG), nos anos de 1986, 2001 e 2017: a cor vermelha representa a área construída e a cor verde indica as áreas não construídas (Figura 4).

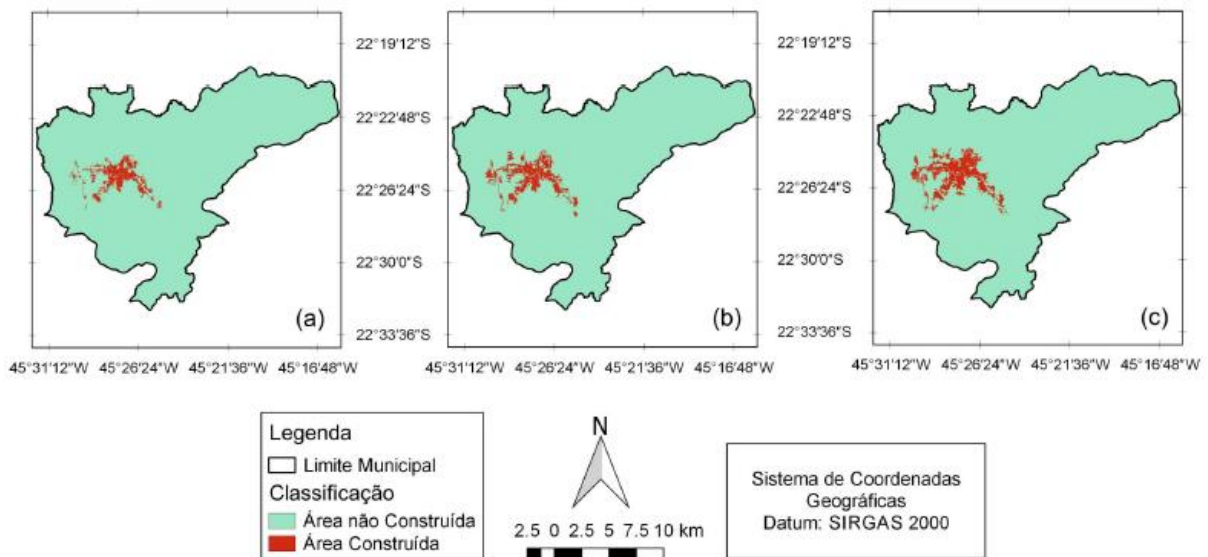


Figura 4 - Mapa temático de classificação

Nota: a) Classificação referente a 1986; b) Classificação referente a 2001; c) Classificação referente a 2017.

Fonte: adaptado de Maltauro (2018).

Os resultados de Maltauro (2018) indicam que vislumbrou-se o crescimento horizontalizado da área construída ao longo dos anos, conforme mensurado na Tabela 2.

Tabela 2 - Dados o crescimento de áreas construídas em Itajubá (MG) nos períodos entre 1986-2001 e 2001-2017

Ano	Área não construída (Km ²)	Área construída (Km ²)	Aumento da área construída em relação ao período anterior (%)
1986	286,70	7,92	-
2001	283,92	10,70	35,1
2017	280,81	13,81	29,1

Fonte: adaptado de Maltauro (2018).

Desta maneira, evidencia-se o aumento de 74,4% da área construída no município de Itajubá entre os anos de 1986 e 2017. No que tange a área das proximidades do bairro Estiva, destaca-se que houve o surgimento do bairro Nossa Senhora da Agonia, no período entre 1986 e 2001, e um crescimento considerável entre 2001 e 2017. A Figura 5 apresenta a evolução da mancha urbana no município de Itajubá durante os períodos de 1986-2001 e 2001-2017.

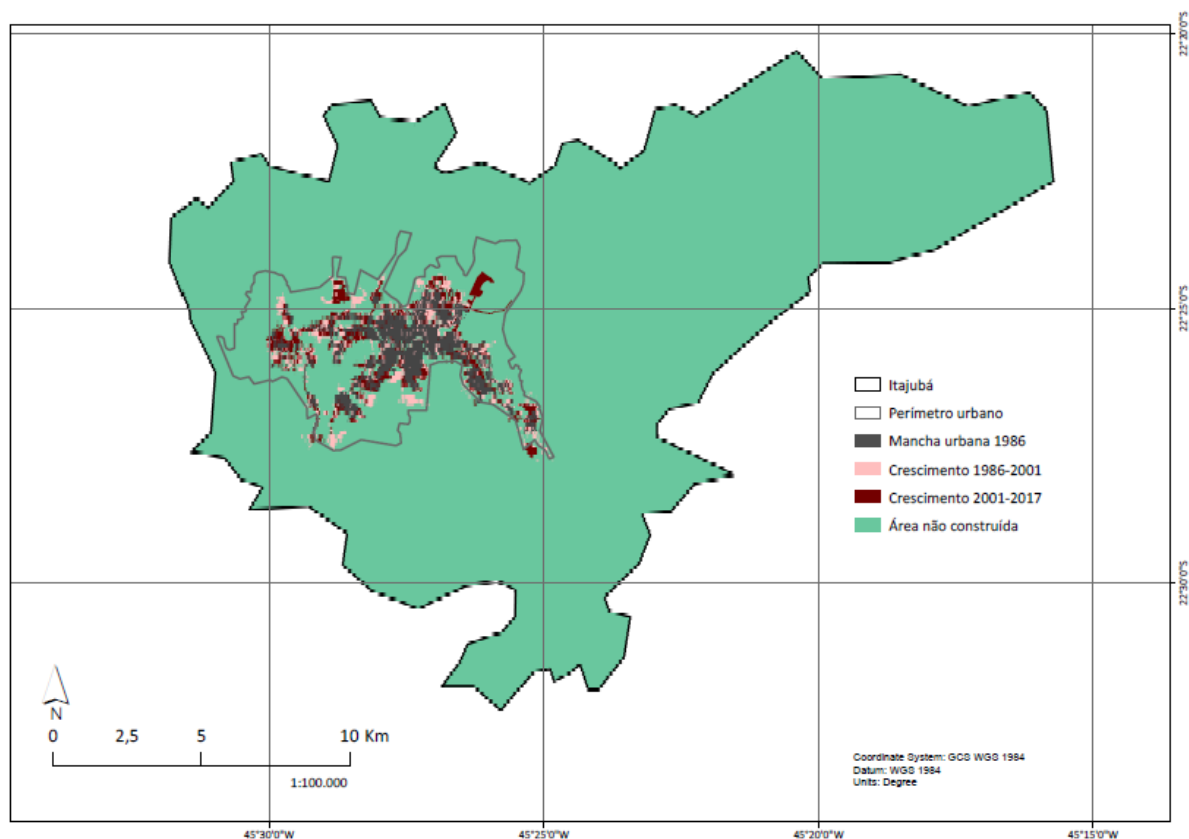


Figura 5 - Mapa da evolução da mancha urbana no município de Itajubá durante os períodos de 1986-2001 e 2001-2017

Fonte: elaboração própria.

Devido ao nível de detalhamento, o Apêndice I apresenta a Figura 5 impressa em papel A3, de forma a possibilitar o entendimento do mapa.

O bairro Pinheirinho também se destacou pelo seu crescimento, considerado como o único bairro central que cresceu (MALTAURO, 2018). Esse destaque deve-se ao aumento do número de construções nas regiões povoadas, mas também em grande parte deve-se à grande quantidade de condomínios e loteamentos novos na região, conforme Figura 6.

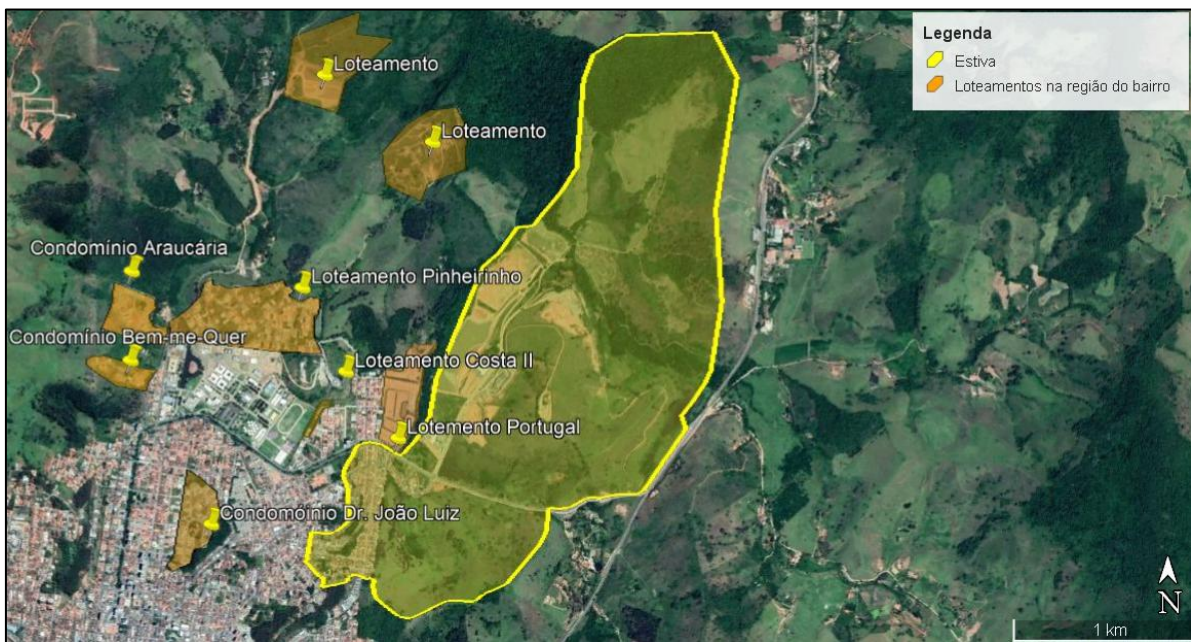


Figura 6 - Mapa com loteamentos e condomínios fechados de alto padrão no entorno da nova centralidade

Fonte: elaboração própria.

Estes loteamentos cresceram em área de Zona de Expansão Urbana II, conforme será abordado no tópico 5.2.1.

5.1.2 Surgimento do bairro Estiva

A partir dos relatos dos moradores e do servidor público municipal foi possível levantar questões importantes sobre a história do bairro Estiva e o possível surgimento de uma nova centralidade urbana em Itajubá. Assim, após a análise de conteúdo por categorias, foram analisados os apanhados históricos descritos a seguir.

De acordo com relatos do servidor público municipal entrevistado, a primeira construção na região do bairro foi a Escola Estadual Antônio Rodrigues, conhecida como Polivalente, no início da década de 1970. Na mesma época iniciou-se a construção da Unifei

em terreno doado pelo Sr. ELS⁶, empresário itajubense, que mais tarde seria prefeito do município na gestão 2005-2008. Por volta do ano de 1974, Sr. ELS comprou terras circunvizinhas à fazenda do Sr. Bernardo⁷ e fez um loteamento, que foi oferecido para pessoas de baixa renda pelo Banco Nacional de Habitação. As habitações deveriam ser de até 49 m², compreendendo o que ficou conhecido popularmente como “Vila dos Arcos” (informação verbal).

Para servidor público entrevistado, o loteamento evoluiu durante as décadas de 1970 e 1980 com o nome de popular de “Vila dos Arcos”, até que no ano de 1992, foi criado oficialmente o bairro Estiva, por meio da resolução nº 581/92. O bairro era composto quase que exclusivamente por residências e famílias de classes C e D que viviam nos limites da zona urbana, com costumes e práticas ainda do rural, quase nenhum abastecimento de comércio e serviços, sem asfaltamento, sendo considerado um fim de cidade, pois não tinha conexão com qualquer outra região. As casas mantiveram-se pertencentes às famílias desde a aquisição através do programa habitacional supracitado, através a herança de pai para filho (informação verbal).

A UNIFEI exerceu influência crucial não só no desenvolvimento da região pesquisada, como no desenvolvimento do município de Itajubá (MG) em geral (informação verbal), desde suas primeiras instalações, quando ainda denominada Instituto Eletrotécnico e Mecânico de Itajubá (IEMI), em março de 1913, passando para Instituto Eletrotécnico de Itajubá (IEI) em 15 de março de 1936, depois para Escola Federal de Engenharia em 16 de abril de 1968, até finalmente ganhar o *status* de universidade federal, em 24 de abril de 2002 (LEÃO, 2004).

Alguns moradores participantes da pesquisa evidenciaram a percepção dos moradores de que a presença da UNIFEI, desde 1974 na região, teve mais efeito na expansão urbana da região que a recente instalação da prefeitura, parque e teatro, exercendo uma pressão no mercado imobiliário, valorizando a região ao mesmo tempo em que novas unidades habitacionais eram construídas com a finalidade de abrigar estudantes oriundos de outras cidades (informação verbal).

Para o servidor entrevistado, nos anos 2000, com a desapropriação da fazenda do Sr. Tayson⁸ e mudança da sede da prefeitura para aquela região, houve uma expansão do bairro, que passou a abranger toda a área da antiga fazenda. O teatro municipal foi construído por

⁶ O verdadeiro nome do Sr. ELS não é revelado como forma de proteger a integridade do citado.

⁷ O verdadeiro nome do Sr. Bernardo não é revelado como forma de proteger a integridade do citado.

⁸ O verdadeiro nome do Sr. Tayson não é revelado como forma de proteger a integridade do citado.

meio de parceria público-privada, o lago foi construído pelo município, o restante da região do parque municipal (restaurantes e áreas de esportes como kartódromo, quadras de tênis e de futebol *society*) é uma área concessão, que dá o direito de exploração por 30 anos. Já o lote do cinema foi uma doação da prefeitura. As terras destinadas à alocação do Parque Científico Tecnológico de Itajubá foram doadas pela prefeitura para a UNIFEI, e corresponde à maioria da extensão do bairro. A área restante do bairro pertence a duas pessoas: uma grande fazenda pertencente ao Sr. Bernardo e outra porção de terra que pertence ao Sr. Rayan⁹ (informação verbal).

5.1.3 Crescimento do bairro Estiva nos últimos 30 anos

As constantes alterações na morfologia urbana do bairro tornaram a delimitação oficial obsoleta, haja vista que já não acompanhava as dinâmicas urbanas que se desenvolveram no bairro. Desta forma, a Secretaria de Planejamento considera as terras onde foi construída a prefeitura como bairro Estiva, conforme cita o servidor entrevistado “em decreto lei o bairro é uma coisa, na prática é outra” (informação verbal).

O que se verificou de fato, é que não há uma delimitação atual do bairro Estiva. Para solucionar este problema, foram elaboradas as linhas imaginárias para delimitar bairro conforme ele é conhecido na prática, superando então a delimitação oficial. As Figuras 7, 8 e 9 apresentam o resultado de um trabalho conjunto com servidores da Secretaria Municipal de Planejamento da Prefeitura Municipal de Itajubá/MG, elaborado levando em consideração as dinâmicas territoriais do bairro e de seu entorno.

⁹ O verdadeiro nome do Sr. Rayan não é revelado como forma de proteger a integridade do citado.

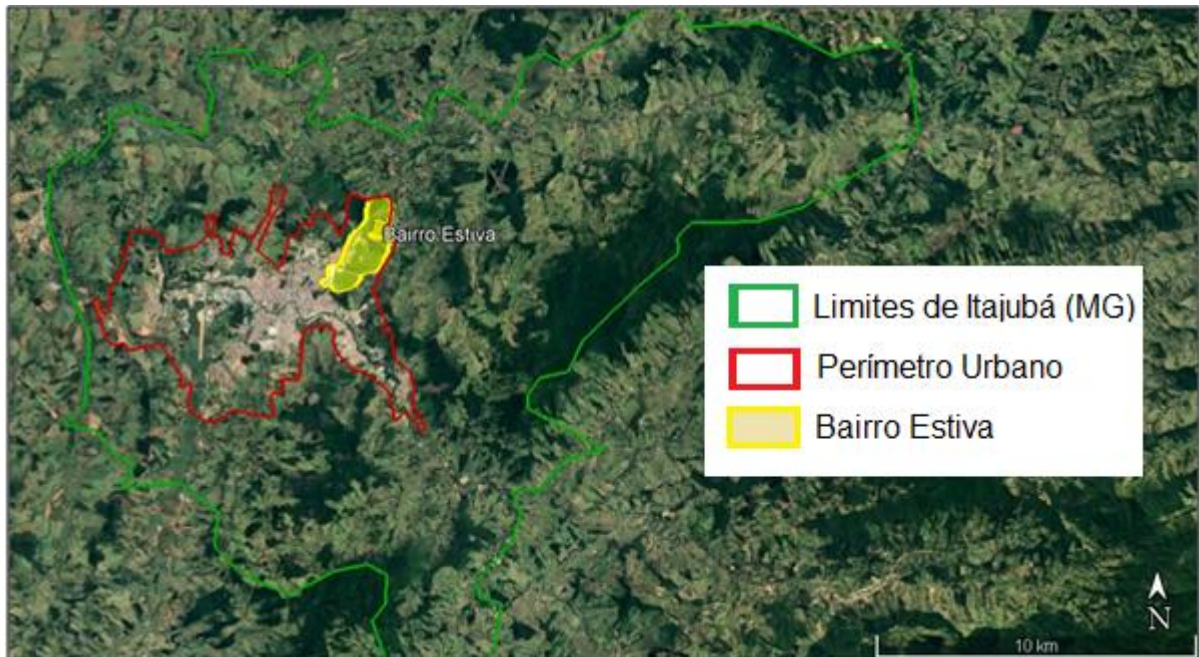


Figura 7 - Mapa de localização A do recorte de pesquisa no município de Itajubá (MG), 2016

Fonte: elaboração própria.

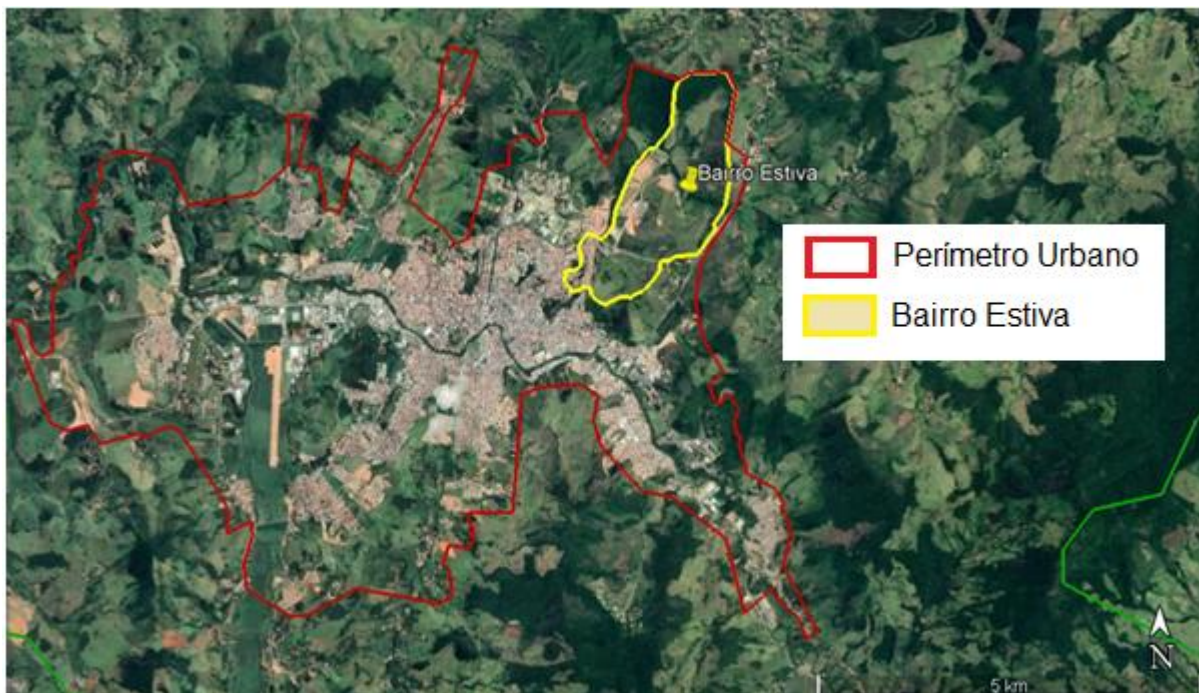


Figura 8 - Mapa de localização B do recorte de pesquisa no município de Itajubá (MG), 2016

Fonte: elaboração própria.

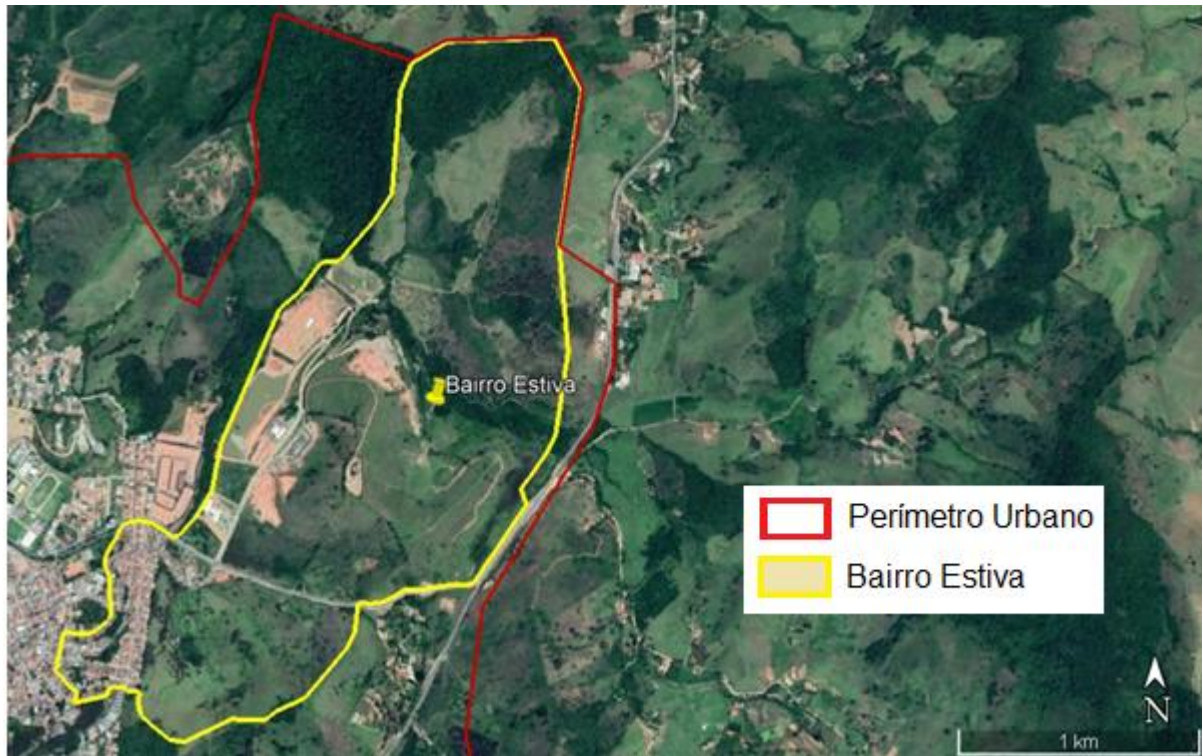


Figura 9 - Mapa de localização C do recorte de pesquisa no município de Itajubá (MG) , 2016

Fonte: elaboração própria.

Para toda esta pesquisa, leva-se em consideração a área delimita em conjunto com os servidores da prefeitura. Com este desenho, o bairro tem uma área de 3.197,457 km² e faz divisa com os seguintes bairros: Cruzeiro, Pinheirinho, Oriente e Nossa Senhora da Agonia à oeste, Varginha ao sul, e os bairros rurais Juru, ao norte, Barbosas e Retiro, ao leste, conforme Figura 10.

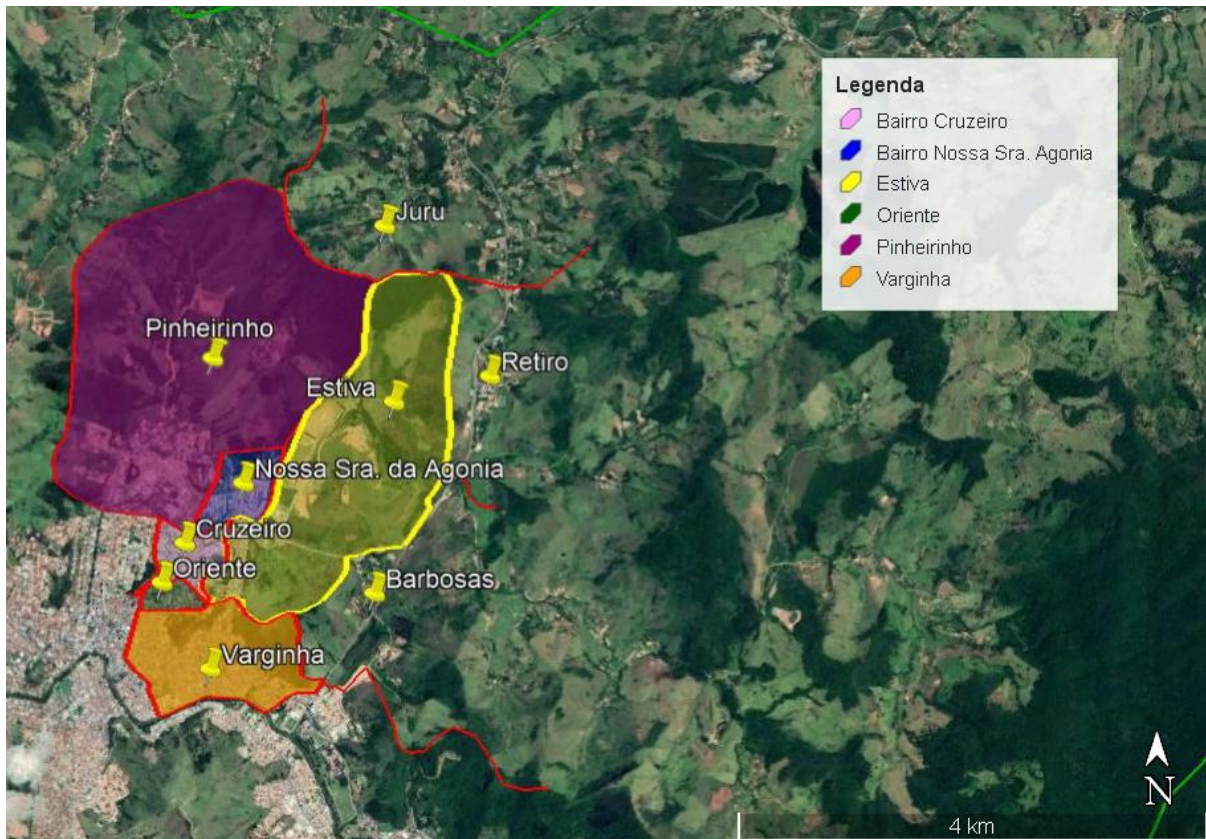


Figura 10 - Mapa com os bairros no entorno do bairro Estiva

Fonte: elaboração própria.

O bairro conta com um parque municipal, a sede da prefeitura e o teatro municipal, demonstrados na Figura 11.

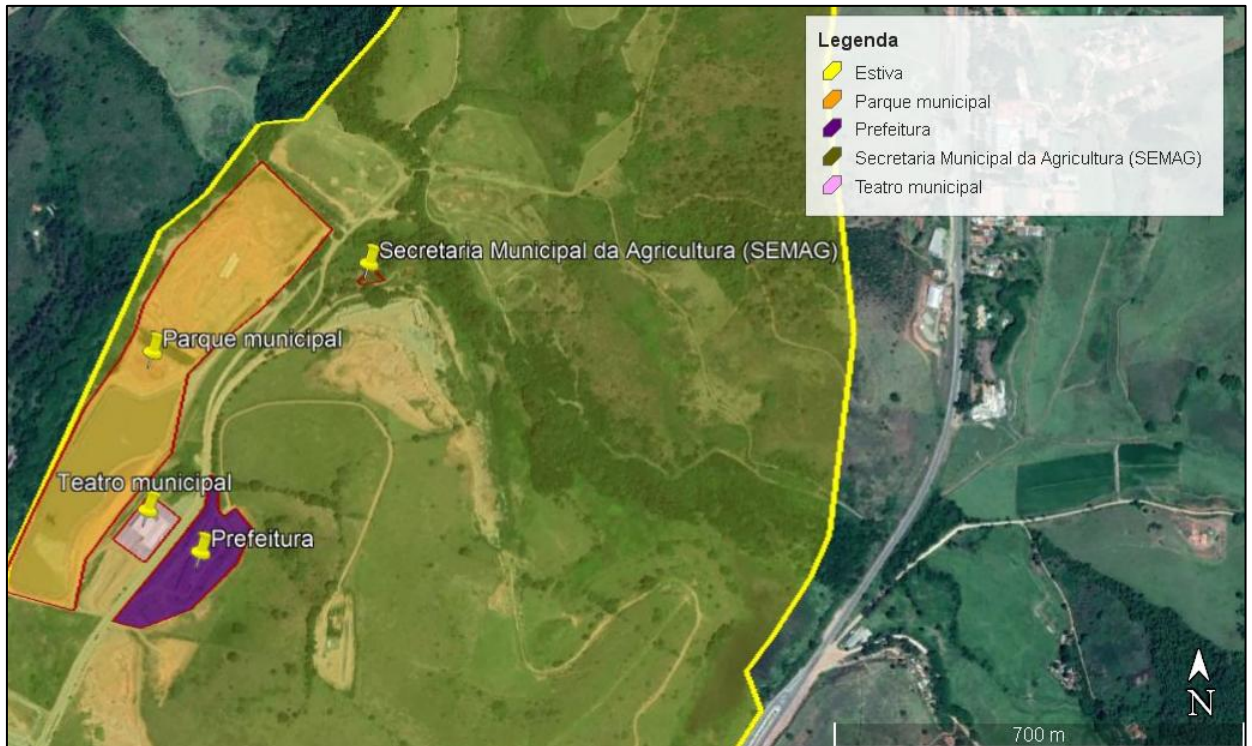


Figura 11 - Mapa com a localização das principais instituições existentes no recorte da pesquisa

Fonte: elaboração própria.

A informação sobre a quantidade de residências foi obtida através de uma solicitação de informações à prefeitura, constante no Apêndice E. De acordo com os dados fornecidos, o bairro possui aproximadamente 445 residências, conforme informações fornecidas pelo Departamento de Arrecadação da Prefeitura Municipal de Itajubá/MG. Este é um número aproximado, pois está desatualizado no sistema da prefeitura, de acordo com o diretor do referido departamento.

A evidenciação do crescimento do bairro Estiva foi realizada a partir do trabalho de Maltauro (2018). A autora utilizou imagens orbitais de alta resolução do satélite Landsat 5 e Landsat 8, disponíveis gratuitamente na plataforma *Earth Explorer* e no portal *on-line* da USGS (*United Geological Survey*).

As imagens foram geoprocessadas no *software* ArcMap com a finalidade de atender ao objetivo da presente pesquisa de evidenciar o crescimento do bairro Estiva nos últimos 30 anos, analisados em dois períodos distintos: (i) 1986-2001; e (ii) 2001-2017, conforme apresentado na Figura 12.

Após a classificação da imagem por meio da criação de polígonos coloridos, realizou-se uma pós-classificação das imagens, permitindo a correção manual do mapa, de forma a

suprimir os erros na classificação e aumentar a precisão das taxas de crescimento.

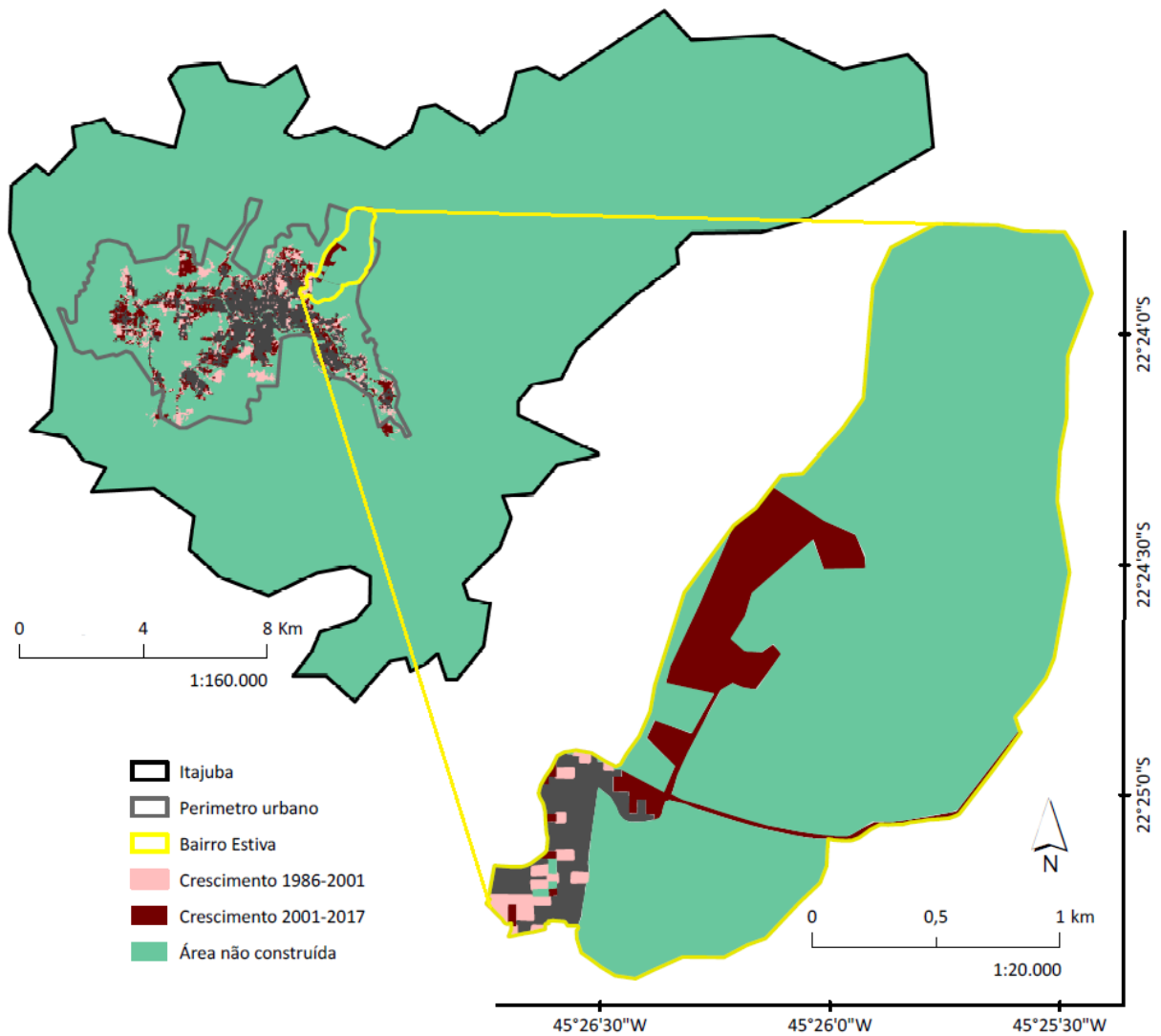


Figura 12 – Crescimento do bairro Estiva nos períodos de 1986-2001 e 2001-2017

Fonte: elaboração própria.

Como resultados obteve-se durante o período de 1986 a 2001, o bairro Estiva cresceu 21,8%, e no período 2001-2017, cresceu 246%. Desta forma, no período entre 1986 a 2017 o bairro cresceu 321,5%. A tabela 3 sintetiza as taxas de crescimento do bairro.

Tabela 3 - Dados o crescimento de áreas construídas em Itajubá (MG) nos períodos entre 1986-2001 e 2001-2017

Ano	Área não construída (Km ²)	Área construída (Km ²)	Aumento da área construída em relação ao período anterior (%)
1986	3,19	0,13	-
2001	3,16	0,16	21,8
2017	2,77	0,55	246

Fonte: elaboração própria.

Ao comparar as taxas de crescimento do bairro Estiva, com as taxas de crescimento municipal, percebe-se que no primeiro período ao município cresceu 35,1%, ao passo que o bairro cresceu 21,8%. No segundo período análise, obteve-se uma grande diferença nos resultados: enquanto Itajubá (MG) cresceu 29,1%, o bairro cresceu 246%.

Percebe-se que o crescimento do bairro no período foi grande, quando comparado ao crescimento da cidade, apresentando uma taxa de crescimento 8,45 vezes maior.

5.2 Diagnóstico do bairro Estiva quanto às classes de uso e ocupação do solo

Para aprofundar as informações sobre o bairro realizou-se um diagnóstico da região estudada, por meio do mapeamento temático do bairro Estiva, de acordo com suas classes de uso e ocupação do solo.

Parte-se então para uma análise territorial por meio da realização de um inventário do bairro Estiva quanto ao uso e ocupação do solo, levando em consideração a configuração do bairro no ano de 2016¹⁰ e Plano Diretor (PD) de Itajubá de 2003,

5.2.1 Zoneamento urbano do bairro Estiva

Primeiramente realizou-se a sobreposição do mapa do bairro Estiva com o mapa do zoneamento municipal, no *Google Earth Pro*, a fim de saber quais as zonas estão dispostas no entorno do bairro estudado (Figura 13).

¹⁰ O mapa mais atual que o *software Google Earth Pro* disponibiliza para geoprocessamento é de 16 de dezembro de 2016.

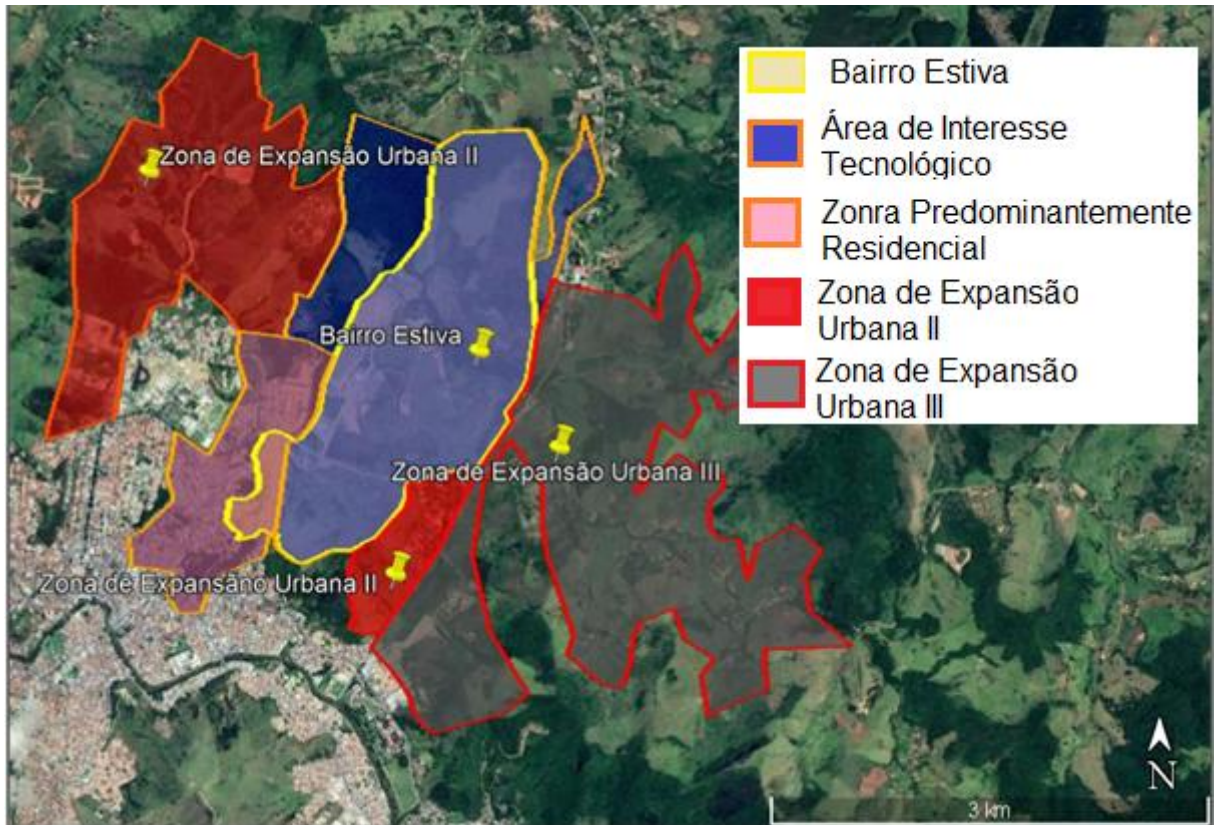


Figura 13 - Mapa do bairro Estiva com sobreposição do zoneamento municipal

Fonte: elaboração própria.

Verificou-se que há quatro zonas no entorno do bairro, sendo elas: Zona de Expansão Urbana II, Zona de Expansão Urbana III, Zona Predominantemente Residencial e Área de Interesse Tecnológico.

Evidenciou-se que no entorno do bairro Estiva e da nova centralidade existem duas áreas de ZEU II. Esta zona permite o uso residencial uni e multifamiliar, correspondendo a áreas passíveis de expansão em módulos mínimos de parcelamento de 360 m^2 , já na ZEU III, os módulos mínimos são de 1000 m^2 . A ZEU II foi prevista no PD para regiões próximas ao *campus* da UNIFEI e a ZEU III nas proximidades do PCTI. A Figura 14 evidencia apenas as zonas que compõe o bairro Estiva.

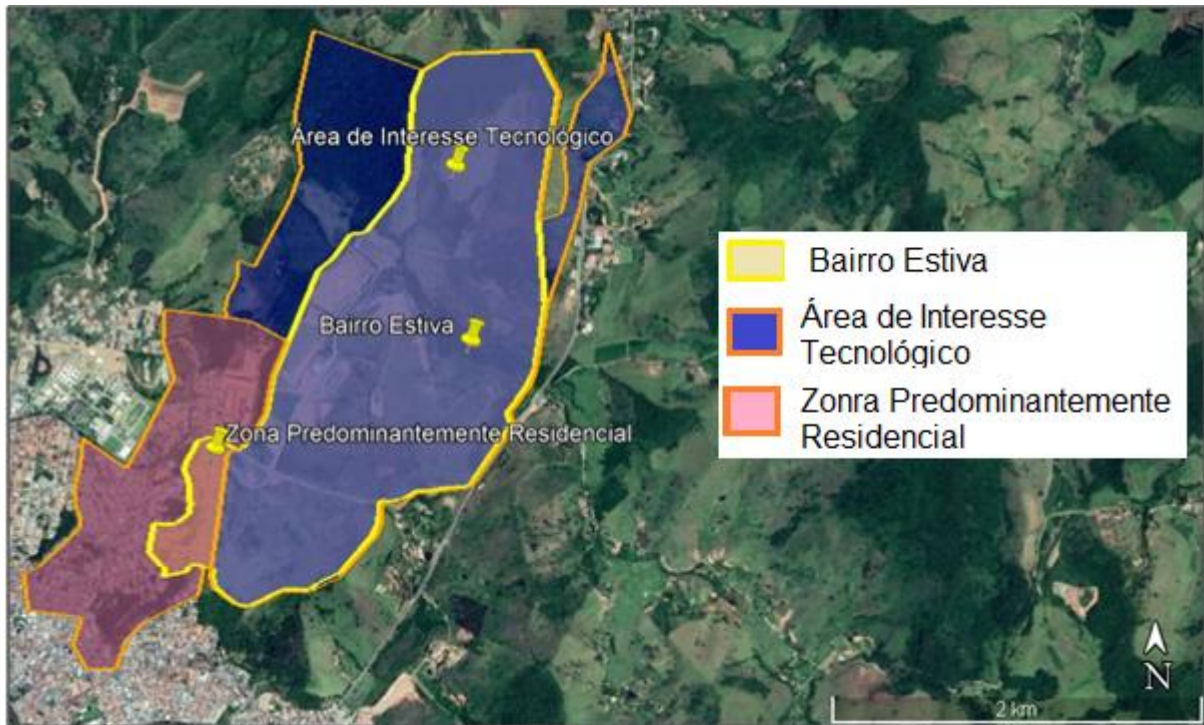


Figura 14 - Mapa do recorte da pesquisa com sobreposição do zoneamento municipal

Fonte: elaboração própria.

Verifica-se que a Área de Interesse Tecnológica (AIT), representada na cor azul, ocupa praticamente toda a extensão do bairro Estiva, seguido pela Zona Predominantemente Residencial (ZRP), na cor rosa.

As ZRP são destinadas ao uso residencial multifamiliar, também com possibilidade de usos locais de comércio e serviços. O Plano Diretor de Itajubá (MG) define as Áreas de Interesse Especial, dentre as quais vale destacar a Área de Interesse Tecnológico (AIT). A AIT corresponde à área destinada à implantação do Parque Científico Tecnológico de Itajubá, que, de acordo com o PD, tem como critério de uso e ocupação do solo:

Diversificação, complementaridade e integração dos usos residencial, comercial, de serviços, industrial e institucional, buscando sua distribuição equilibrada durante as etapas de ocupação de suas áreas (ITAJUBÁ, 2003, p. 17).

O Quadro 7 apresenta sinteticamente, as permissões relativas ao zoneamento do do bairro pesquisado, de acordo com o Anexo I.II do Plano Diretor de Itajubá/MG.

Quadro 7 - Permissões de uso e ocupação do solo no bairro Estiva

	Residencial		Comércio e Serviços		Intitucional		Industrial		Misto
	Unifamiliar	Multifamiliar	Local	Geral	Local	Geral	Médio	Grande	
AIT	Admitido	Admitido	Admitido	Admitido	Admitido	Admitido	Admitido	Admitido	Admitido
ZPR	Admitido	Admitido	Admitido	Admitido	Admitido sob condições	Admitido sob condições	Não admitido	Não admitido	Admitido

Fonte: elaboração própria a partir de dados do Plano Diretor Municipal de Itajubá (2003).

O PD de Itajubá define que lei complementar definirá os parâmetros de uso e ocupação do solo na Área de Interesse Tecnológico, o que ainda não foi realizado até a realização desta pesquisa, porém tudo indica que todos os tipo de usos e ocupação do solo serão são permitidos na AIT.

5.2.2 Categorias de uso e ocupação do solo



Utilizou-se, como parâmetros desta pesquisa, as classes de uso e ocupação do solo elencadas no Plano Diretor de Itajubá de 2003, somadas a outros tipos de uso, de forma a mapear todo o recorte de pesquisa e permitir as análises sobre a morfologia urbana do bairro estudado, similar ao realizado por Félix (2016), sintetizados no Quadro 8.

Quadro 8 - Classes de uso e ocupação do solo da região estudada

(continua)

NOME	DESCRIÇÃO	EXEMPLO
Residencial	Construções utilizadas exclusivamente para moradia, podendo ser UNIFAMILIAR ou MULTIFAMILIAR	
Comercial e serviços	É subdividida em ATENDIMENTO LOCAL e ATENDIMENTO GERAL , de acordo com a área construída e com os impactos no espaço urbano	
Misto	Imóvel com duas ou mais categorias de uso simultâneas	
Institucional ou serviços de uso coletivo	Espaços e instalações destinados à administração pública e à atividades de educação, cultura, lazer, saúde, religião e assistência social. Pode ser de ATENDIMENTO LOCAL ou de ATENDIMENTO GERAL	
Industrial	Subdivide-se em NÃO IMPACTANTE e IMPACTANTE , dependendo da compatibilidade com o meio urbano	
Serviços Especiais	Causadores de impacto ao ambiente urbano, podendo referir-se à empreendimentos, serviços governamentais, estabelecimentos de ensino de 1º a 3º	

(conclusão)

	Áreas arborizadas, com mata preservada ou suprimida, compreendendo florestas, pastos e lotes vagos	
Área não construída		
	Ruas e calçadas	
Logradouros públicos		

Fonte: Adaptado do Félix (2016).

As classes de uso e ocupação do solo trazidas nesta pesquisa são: residencial, comercial e serviços, misto, institucional ou de serviços de uso coletivo, industrial, serviços especiais, logradouro público e área não construída.

5.2.3 Uso e ocupação do solo no bairro Estiva

A imagem utilizada para a criação do mapa temático é de seis de dezembro de 2016, disponibilizada gratuitamente no *Google Earth Pro*. Com o auxílio da ferramenta “adicionar polígono” foi possível classificar manualmente o território quanto às classes e tipos de uso do solo. Desta maneira, foram mapeados 3.197,457 km² (Figuras 15 e 16).

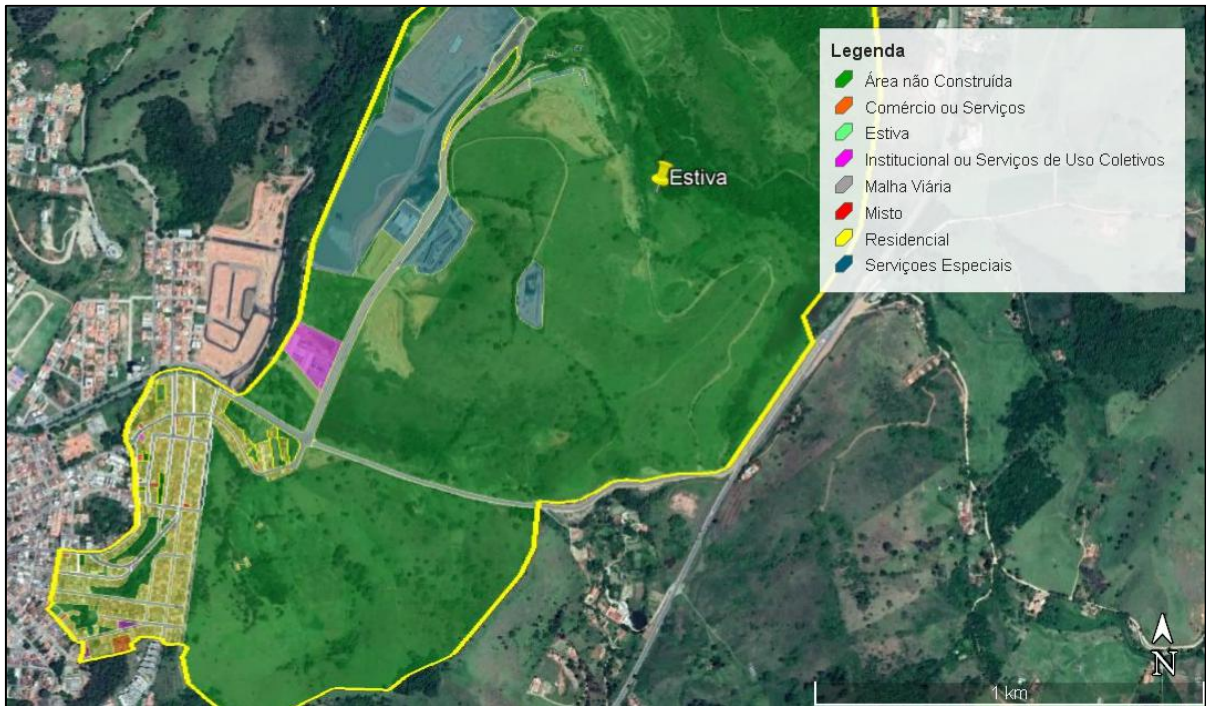


Figura 15 - Diagnóstico do uso e ocupação do solo no bairro Estiva

Fonte: elaboração própria

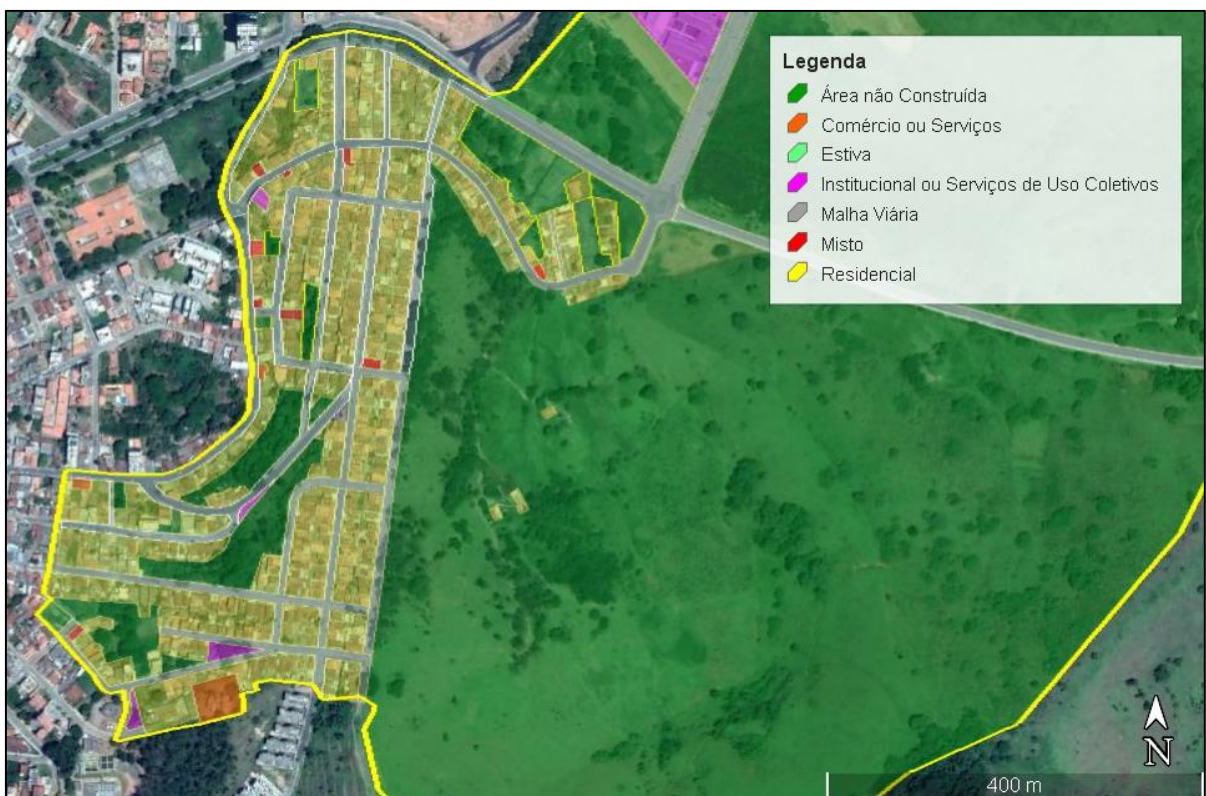


Figura 16 - Uso e ocupação do recorte da pesquisa

Fonte: elaboração própria.

Utilizou-se o *software Excel* para somar a área dos polígonos e obter a área total de cada classe de uso e ocupação do solo. Desta forma foi possível elaborar o panorama de porcentagem das classes de uso e ocupação, para evidenciar os dados obtidos, assim, a Tabela 4 mostra a área total de uso e ocupação do solo e suas porcentagens na área total pesquisada.

Tabela 4 – Área total e panorama de porcentagem do uso e ocupação do solo no recorte de pesquisa

	Total da área (km ²)	Área (%)
Residencial	0,10	3,3
Comercial e serviços	0,02	0,1
Misto	0,02	0,1
Institucional	0,17	0,5
Industrial	0,00	0,0
Serviços especiais	1,92	6,0
Logradouros públicos	1,02	3,2
Área não construída	27,78	86,9
TOTAL	31,03	100,0

Fonte: elaboração própria.

O Quadro 9 apresenta as porcentagens de as áreas construídas totais (somando-se a área residencial, de comércio ou serviços, mista, institucional, serviços especiais e logradouros públicos) e as áreas não construídas.

Quadro 9 - Panorama de porcentagem do recorte de pesquisa quanto às áreas construídas e áreas ociosas

NOME	DESCRIÇÃO	ÁREA (%)
Área total construída	área residencial, de comércio ou serviços, mista, institucional e serviços especiais	13,13
Área total não construída	lote vago e área verde	86,88

Fonte: elaboração própria.

O resultado demonstra que mais de 86% da região pesquisada não é construída, evidenciando uma área composta por vazios urbanos.

5.3 Caracterização dos sujeitos do estudo e o surgimento de uma nova centralidade urbana em Itajubá (MG)

5.3.1 Caracterização dos sujeitos do estudo

Primeiramente descreve-se a amostra de pesquisa quanto à faixa etária (Figura 17), sexo (Figura 18), ocupação (Figura 19), nível de escolaridade (Figura 20), há quanto tempo mora na cidade (Figura 21), em qual bairro reside (Figura 22), há quanto tempo mora nele (Figura 23) e cidade de nascença ou de origem, no caso de não ter nascido em Itajubá, (Figura 24). Ao final, serão apresentados os dados sobre o representante da prefeitura municipal que foi entrevistado nesta pesquisa.

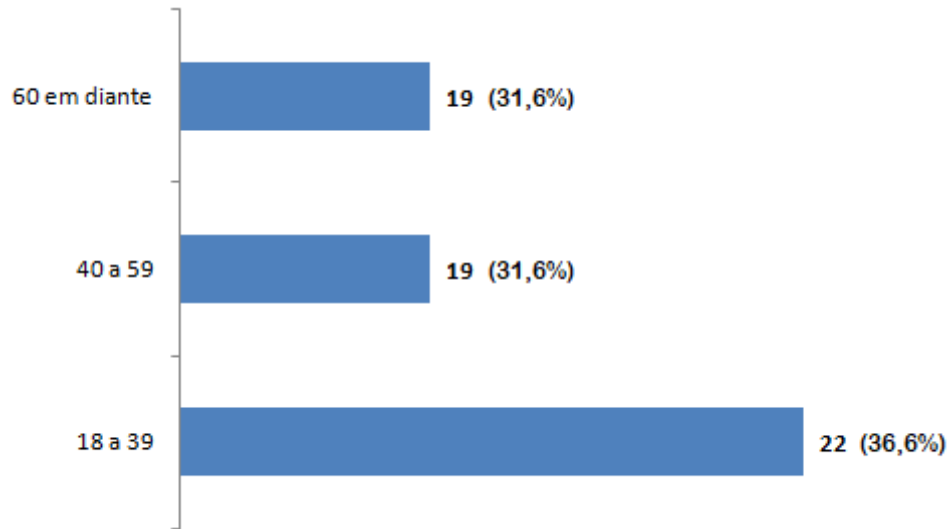


Figura 17 - Faixa etária dos participantes da pesquisa

Fonte: elaboração própria.

A maioria dos entrevistados, cerca de 63,2% do total, possuíam mais de 40 anos. A amostra é bastante heterogênea quanto à idade.



Figura 18 – Sexo dos participantes da pesquisa

Fonte: elaboração própria.

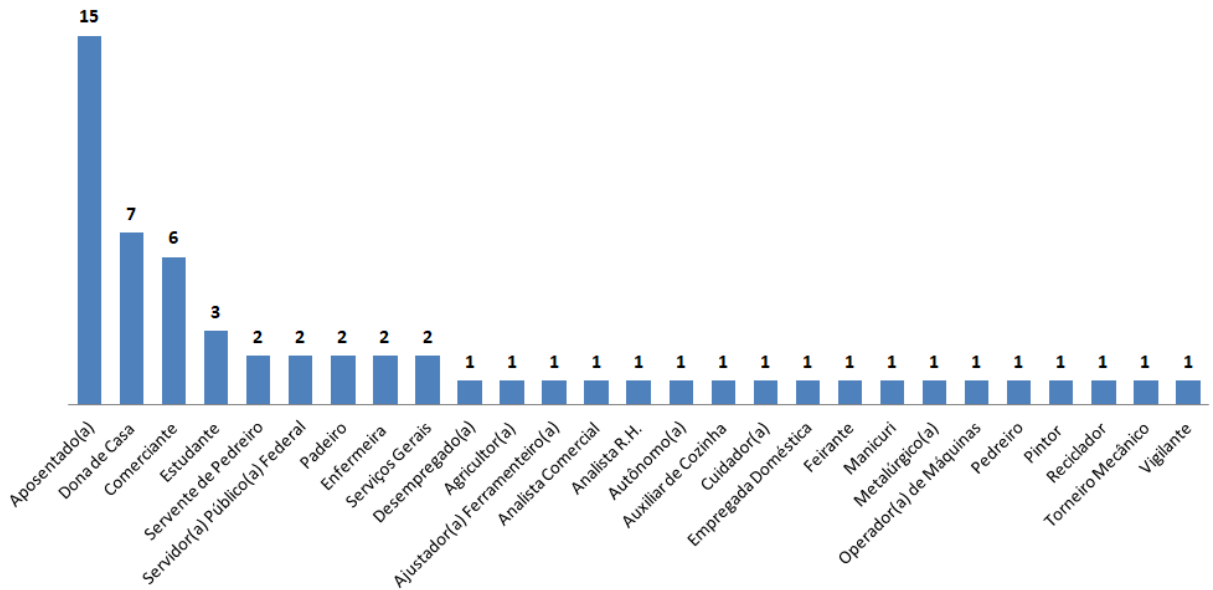


Figura 19 - Ocupação dos moradores do bairro Estiva participantes da pesquisa.

Fonte: elaboração própria.

A amostra é composta por aposentados, seguidos por donas de casa, comerciantes e estudantes.

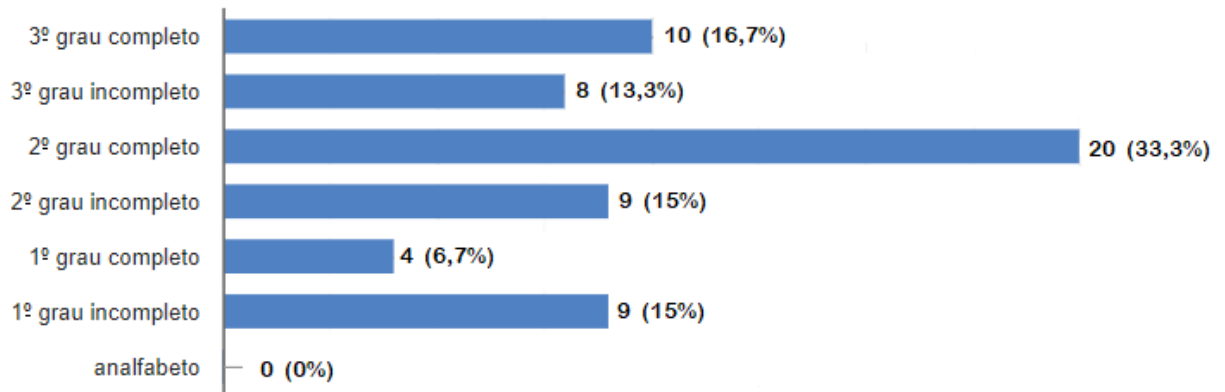


Figura 20 - Nível de escolaridade dos participantes da pesquisa

Fonte: elaboração própria.

Evidencia-se que 36,7% não tem o segundo grau completo.

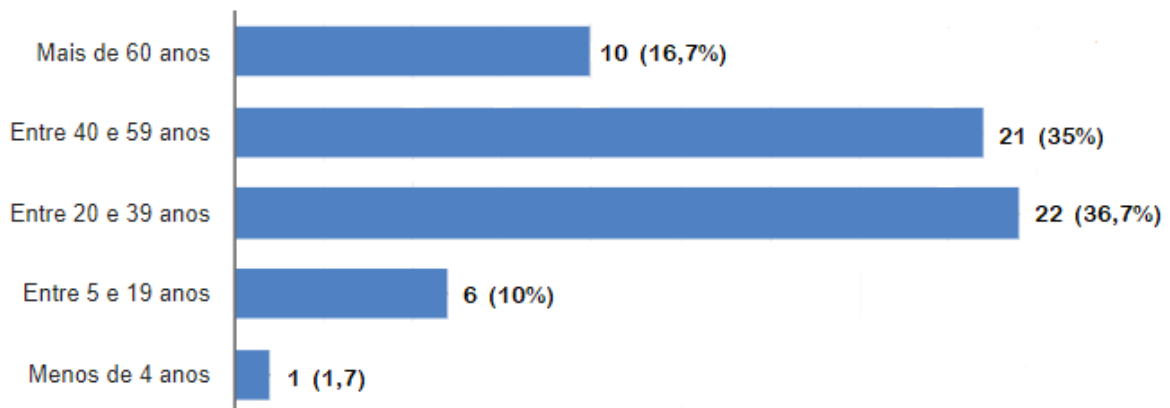


Figura 21 - Respostas acerca do tempo que o participante mora na cidade de Itajubá (MG)

Fonte: elaboração própria.

Evidencia-se que 88,3% dos participantes moram na cidade a mais de 40 anos, e apenas 1,7% mora a menos de quatro anos na cidade, o que potencialmente enriquece a pesquisa, pois são moradores antigos da cidade. A Figura 22 apresenta as respostas sobre qual bairro o entrevistado mora, apesar de parecer uma pergunta trivial, faz-se necessária para entender a percepção do morador de qual bairro em que mora.



Figura 22 – Respostas sobre qual bairro o entrevistado mora

Fonte: elaboração própria.

Apesar de todas as entrevistas terem sido realizadas no bairro Estiva, as respostas do bairro Cruzeiro indicam que nem sempre a percepção de quem mora num bairro condiz com a divisão administrativa proposta pela prefeitura.

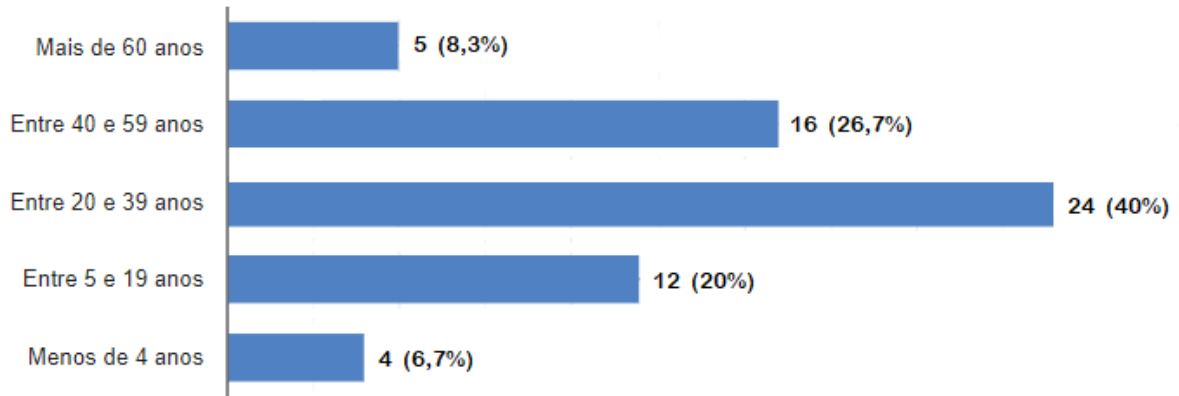


Figura 23 – Respostas sobre o tempo que o entrevistado mora no bairro

Fonte: elaboração própria.

Percebe-se que a amostra da população do bairro é bastante antiga. Apesar do crescente desenvolvimento urbano, 75% dos entrevistados moram no bairro há pelo menos 20 anos e 30% moram há pelo menos 40 anos.

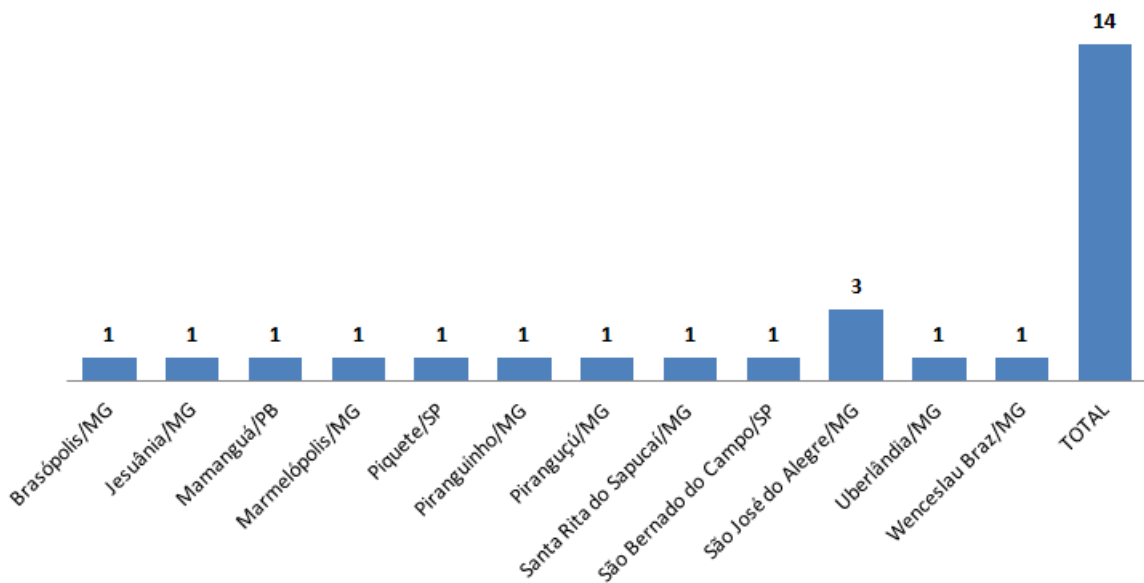


Figura 24 - Cidades de origem dos entrevistados não nascidos em Itajubá

Fonte: elaboração própria.

Evidencia-se que aproximadamente 80% da amostra não nascida em Itajubá veio de cidades pequenas da microrregião de Itajubá, ou cidades pequenas próximas a ela.

A Figura 25 demonstra a percepção dos moradores quanto aos pontos referencias do bairro Estiva, de acordo com a terminologia de Lynch (1997). Os participantes foram indagados a apontarem uma referência do bairro em que moram. Os resultados mais recorrentes são apresentados a seguir.

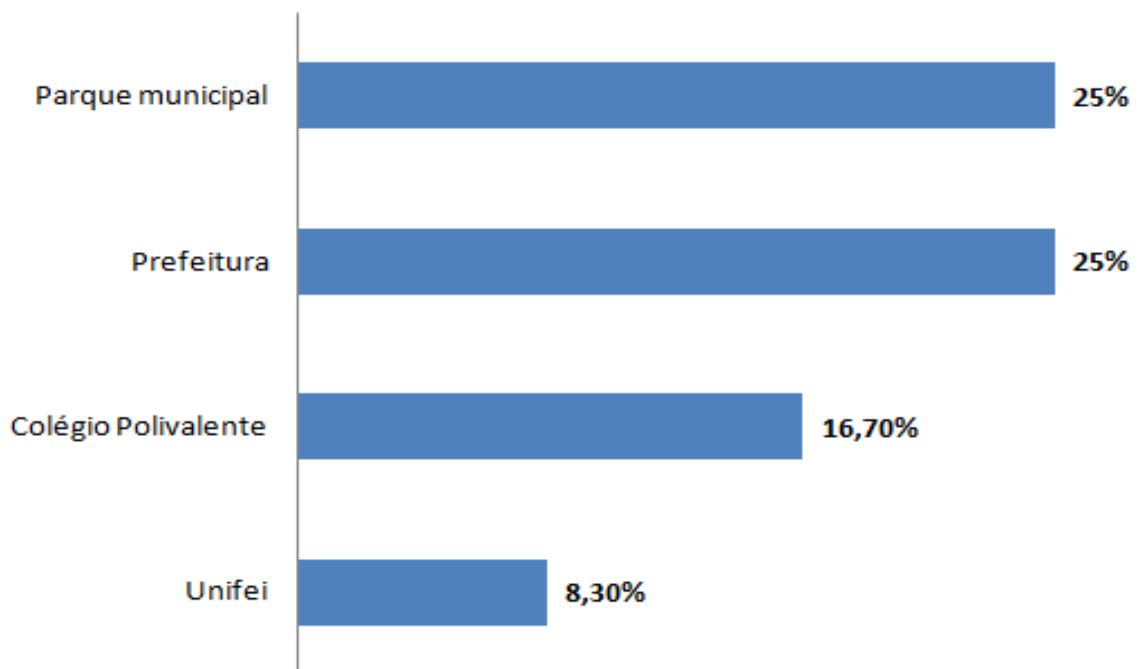


Figura 25 – Respostas sobre a qual referência da região

Fonte: elaboração própria.

Com base nestes dados, pode-se afirmar que a metade dos participantes tem a prefeitura e parque como principal referência do seu bairro.

Para não expor o servidor que cedeu a entrevista e proteger sua integridade, a pesquisa não revela seu nome. O servidor está alocado atualmente na secretaria de planejamento urbano da prefeitura municipal de Itajubá, está no cargo de fiscal urbanista há seis anos, e trabalha na prefeitura há 10 anos.

5.3.2 Surgimento de uma nova centralidade urbana em Itajubá (MG)

Este subcapítulo apresentará a caracterização dos moradores entrevistados, para depois apresentar os relatos e os dados documentais levantados sobre o possível surgimento de uma nova centralidade urbana em Itajubá (MG).

Segundo entrevista com servidor da prefeitura, o Plano Diretor Municipal de Itajubá foi instituído em 2003 e criou a Área de Interesse Tecnológico (AIT), iniciando o processo de expansão do bairro Estiva. A iniciativa da transferência do centro administrativo foi do Sr. ELS, então prefeito de Itajubá (MG) na gestão de 2005-2008. A ele foi atribuída a idealização da mudança da sede da prefeitura e de outras instituições públicas. De acordo com o fiscal urbanista da prefeitura, a região foi escolhida por apresentar as condições de parcelamento do solo favoráveis aos empreendimentos (informação verbal).

Na entrevista com o servidor público municipal foi revelado que na gestão do então prefeito Sr. ELS (2005-2008) foi decretado o interesse público das terras do Sr. Tayson, para a construção da nova sede da Prefeitura Municipal de Itajubá e do Parque Científico Tecnológico de Itajubá (PCTI). O fiscal urbanista esclarece que o município utilizou o direito de preempção, uma ferramenta de gestão da política urbana, elencado no Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 2001), para expressar e garantir o direito do município em ser prioritário na compra do terreno, no caso da venda, declarado o interesse público daquelas terras. Como não houve interesse de venda por parte dos herdeiros da fazenda, a prefeitura entrou com ação judicial para tomar posse do terreno (informação verbal).

De acordo com informações do fiscal urbanista, a desapropriação inicial, conforme relatos do servidor público entrevistado, ocorreu em 2005, porém houve embargo judicial. Após decisão favorável a favor do município, foi liberada a obra da nova sede da prefeitura em 2006, e inaugurada na metade do ano de 2007. O poder público municipal conseguiu tomar posse dessas terras, que correspondem ao atual território onde está o parque, o lago, a pista de kart, a prefeitura, o teatro, cinema, além das terras que foram doadas à UNIFEI, para futura construção do PCTI (ao norte do parque e na parte de cima do morro atrás da prefeitura) (informação verbal).

O PD de Itajubá (MG) define AIT como sendo áreas destinadas à fixação PCTI, especificamente ao longo do ribeirão José Pereira. Justifica-se o uso da região pela sua localização estratégica, acessibilidade disponibilidade de terrenos e pela paisagem, e apontam para os objetivos do empreendimento, dentre os destacados incisos I e IV, que versam sobre a ampliação do parque universitário e incremento às incubadoras de empresas, centros de pesquisa e desenvolvimento e condomínios industriais, inciso II, abordando a atração de indústrias e centros de serviços de alta tecnologia.

Os moradores entrevistados também apontam para ex-prefeito Sr. ELS como elemento central no desenvolvimento do bairro e da nova centralidade urbana, essa percepção foi expressa por 47% da amostra. As respostas dos questionários evidenciam a percepção de que o crescimento do bairro iniciou por vontade do ex-prefeito supracitado, que idealizou e iniciou as obras do novo prédio da prefeitura, conforme a P9: “o antigo prefeito daqui teve uma visão bem ampla de que Itajubá agora vai crescer pra esse lado” (informação verbal).

É comum nos relatos dos moradores um discurso paternalista em relação ao Sr. ELS, como apontado pelo morador participante da pesquisa P18:

ele que foi muito herói nessa cidade. Esse bairro aqui era Vila do Arco, aí o pessoal achou muito feio esse nome aí virou Estiva. Aqui foi tudo ele que fez, era tudo um morro, era vaca do Dr. Basílio, aí ele transformou tudo em casa. Ele que fez o Rebourgeon, Jardim Bernadete [bairros de Itajubá], ele que fez” (informação verbal).

Muitos entrevistados afirmam que o Sr. ELS tinha interesse em desenvolver aquela região, pois era dono de muitas terras por ali, neste sentido, o entrevistado 38 declarou “primeiro quando começou essa construção foi o Sr. ELS, prefeito era dono de tudo isso aqui, ele arrendou as terras dele e começou a construir a prefeitura pra cá” (informação verbal).

A maioria dos moradores entrevistados, 58%, afirmam em seus relatos que percebem o crescimento do bairro nos últimos anos, segundo P3:

desde o asfalto feito aqui no bairro, a construção da prefeitura, tudo isso daí foram mudanças que marcou bem para nós aqui do bairro, o teatro, o parque, coisa que a gente jamais esperava. Vimos uma evolução rapidinha do bairro, o crescimento rápido”. Os moradores afirmam, que o bairro tinha uma má fama, conhecido como fim de mundo, porém com a expansão do bairro, houve uma valorização da localidade (informação verbal).

Quando questionados sobre o porquê as obras e empreendimentos públicos e privados estão no seu bairro, um terço relatou que Itajubá não tem pra onde crescer, sendo somente lá que tem espaço (informação verbal).

A participante P47 expressou sua alegria com o crescimento do bairro, afirmando que o desenvolvimento do bairro afeta sua vida para melhor, pois “esse negócio de não ter nada, bairrinho pacato, não dá não. Agora tá bem melhor, tá mais movimentado”, demonstrando uma postura comum entre os entrevistados, que é relacionar, automaticamente, o crescimento com melhora, sem uma reflexão mais profunda sobre a realidade que o cerca. Em contraposição, o participante P19 afirma que “[a Estiva] era periferia, mas não era aquele negócio suburbano, era mais interior, questão de roção, o pessoal criava cavalo, galinha, no meio da rua, era um negócio mais tranquilo” (informação verbal).

Na aplicação dos questionários, houve relatos que as fazendas que havia na região eram produtivas e geravam bastante mão de obra, porém depois houve um período de abandono. A partir de 2005 que começaram as mudanças estruturais no bairro, com o início das obras da nova sede da prefeitura naquela região havia um matagal e mais nada (informação verbal).

Um terço dos entrevistados afirmou que o bairro Estiva é o único lugar da cidade com espaço livre para crescer, já que a cidade está inchada e não tem para onde crescer, a não ser naquela região, conforme afirma a participante P8 “o centro antigo está obstruído, agora tem que expandir a cidade” (informação verbal). Neste sentido, P23 declara que “o centro está muito aglomerado de carro, não tem onde estacionar e a cidade tem crescer né?” (informação verbal).

Alguns entrevistados demonstraram perceber que no bairro surge uma nova centralidade, conforme relatado por cerca de 10% da amostra. Este trecho do relato do participante P9 demonstra tal percepção: “ali fica o novo centro, centro administrativo, é um centro cultural [...] cinema, teatro a prefeitura, daqui um tempo vão ter mais coisas que vão construir. É um centro de Itajubá, um novo centro” (informação verbal). A maioria dos entrevistados, apesar de não expressarem diretamente, demonstram uma noção que se trata de uma centralidade urbana que se instalou no seu bairro.

No final de 2017 foi anunciada a construção do fórum de Itajubá, que agregará todas as varas judiciais da cidade, numa obra estimada em 24 milhões de reais, prevista para início das obras previsto para outubro de 2018¹¹. Além disso, em 2018 foram inauguradas as salas de cinema de alto padrão. Ambas as instituições localizam-se ao lado do teatro municipal.

Para o servidor entrevistado, o planejamento urbano municipal demonstra a intenção da criação de uma nova centralidade urbana no município, por meio da implantação do Parque Científico e Tecnológico de Itajubá, da concentração da sede administrativa e judiciária, além do adensamento de importantes equipamentos de lazer. O zoneamento municipal, foi feito por uma equipe de técnicos contratados que fizeram um estudo da cidade, evidencia o planejamento orientado para a expansão urbana em direção à zona rural na direção noroeste e leste do bairro Estiva. De acordo com sua percepção, o bairro Estiva foi escolhido como local de expansão da cidade por apresentar condições de parcelamento do solo favoráveis a implementação dos empreendimentos, sendo papel da prefeitura analisar a viabilidade técnica de implementação das propostas dos empreendimentos com base no PD (informação verbal).

Quando perguntado sobre os impactos da nova centralidade urbana na cidade e no bairro Estiva, o servidor declara que muitas pessoas reclamam do deslocamento necessário para chegar à prefeitura, porém afirma que a centralidade é somente administrativa, funcionando como um cérebro, havendo outros serviços espalhados pela cidade. A

¹¹ Disponível em: < <http://www.itajuba.mg.gov.br/cidade/localizacao.php>>. Acessado em: 01 jun. 2018.

centralização dos serviços municipais foi apenas dar unidade à prefeitura, mas os serviços essenciais estão na cidade, compondo o restante dos serviços e atendimentos públicos do município (informação verbal).

5.4 Percepções dos entrevistados sobre o crescimento do bairro Estiva

5.4.1 Percepções quanto à morfologia do bairro

A seguir apresentar-se-ão as percepções dos moradores quanto à morfologia urbana do bairro, especificamente quanto à infraestrutura urbana, empreendimentos e instituições do bairro Estiva.

5.4.1.1 Infraestrutura urbana

O asfaltamento e calçamento das ruas foi uma das principais mudanças do bairro da última década para alguns participantes. O tema foi mencionado por 22 entrevistados, representando 37% do total, sendo que destes, apenas 0,1% reclamaram da falta de asfaltamento nas ruas.

Com relação ao saneamento houve reclamações dos moradores quanto à drenagem do bairro depois de aterrarem os loteamentos nos arredores do ribeirão José Pereira, segundo eles a água que antes era drenada para a várzea, agora entra em seu terreno. Alguns entrevistados apontam para o saneamento básico como uma das principais mudanças positivas, pois a poucas décadas atrás não havia saneamento no bairro (informação verbal).

A maioria das pessoas percebe que o bairro era precário antes do seu crescimento recente, não havia infraestrutura adequada, nem lazer, nem atenção do poder público. Essa ênfase foi levantada por 23 entrevistados, que representam 38% do total (informação verbal).

Os entrevistados remontam à época que o bairro era bastante precário, conforme citação de entrevistado, segundo P44 "no bairro na época não tinha nada [...] aqui era tudo abandonado, sem saneamento básico e asfalto, distante do centro e com muita área verde" (informação verbal). Para P14 declarou que "agora começou a evoluir né, aqui não tinha nenhuma casa, era cheio de mato" (informação verbal).

Moradores apontaram para esse fato com certa nostalgia de no passado ser bairro pacato, onde vizinhos se visitavam e conversavam como ainda acontece em cidades interioranas pequenas. Das 23 referências à precariedade do bairro no passado, nove pessoas, ou seja, 39% afirmaram que preferiam o bairro como ele era antes dessa expansão, por ser pacato e haver vínculos de proximidade entre a vizinhança, além das questões relacionadas à

vida como era na infância, tomando banho no ribeirão do bairro, pescando, caçando e vivendo pelas fazendas que rondam a região (informação verbal).

Quanto à infraestrutura de acessibilidade, a participante P38 apontou para a falta de acessibilidade em alguns locais do bairro, conforme ela relata: “eu fiquei deficiente, mas eu espero, que não só no meu bairro, mas principalmente aqui, as ruas melhorem, porque você já viu um deficiente ou um cadeirante andar na rua de bloquete?”, ela complementa afirmando a falta de acessibilidade no parque municipal e no cinema: “ir lá ao parque às vezes fica difícil pra mim, para parar o carro era distante, [...] eu fui ao cinema e o lugar reservado pra quem tem mobilidade reduzida é muito difícil de acessar” (informação verbal).

Moradores insatisfeitos reclamaram que muito se faz na região do parque, e pouca atenção é dada aos problemas do bairro como um todo. O participante P58 criticou dizendo “o que mudou? Só o parque que tá arrumando, porque a rua, olha aí, tem bueiro entupido e eles não tão fazendo nada. Todo mundo tá reclamando” (informação verbal).

O morador P60 expressa sua indignação “muitos bairros, próximo a aqui mesmo [sic], está precário, é rua com buracos, é um asfalto cheio de buracos, é um quebra mola que tá faltando, aí eu falo pra você, quando foi naquele pedaço [na região da nova centralidade urbana] ele trocou o asfalto e pôs um novo, de imediato, já tinha um asfalto, o asfalto começou a dar problema na cara do gol deles ali, trocaram e passado tudo de novo, então pera ai, porque que é lá funciona rápido? Ta focando muita prioridade ali” (informação verbal).

Neste mesmo sentido, P16 indignado com a um problema de saneamento na frente de sua residência, ocasionado após as obras no ribeirão José Pereira, agravado pelo fluxo de veículos na rua de sua casa, afirma que quer vender a sua casa, pois sempre que abre o portão de casa um carro passa e joga água nele (informação verbal).

5.4.1.2 Empreendimentos e instituições do bairro Estiva

Os moradores que participaram da pesquisa expressaram a principal mudança no bairro de acordo com sua percepção, chegando nos seguintes resultados: 45% citaram a prefeitura municipal, 45% o parque municipal, e 27% falaram no teatro. A prefeitura sempre é citada como o primeiro empreendimento relevante e quase sempre apontada como vetor do desenvolvimento do bairro. Neste sentido, P3 relata “a construção da prefeitura, tudo isso daí foram mudanças que marcaram bem para nós aqui do bairro, o teatro, o parque, coisa que a

gente jamais esperava [...] modificação maior foi a prefeitura e o lago. Ficou mais bonito [...] evoluiu bastante, aqui era uma roça [...] aqui foi o progresso” (informação verbal).

A maioria dos moradores apontou positivamente para a construção da prefeitura, teatro, cinema, parque, lago e loteamentos. São espaços geradores de lazer, de emprego e renda, fluxo de pessoas e serviços que são vistos como benéficos para o bairro. Além de eles utilizarem esses lugares em sua vida cotidiana, percebem-se valorizados por morarem em um bairro com tantos atrativos. Segundo a percepção dos moradores, essas obras e empreendimentos trouxeram o desenvolvimento para o bairro, mudando bastante sua configuração e seu cotidiano (informação verbal).

Moradores mostraram-se insatisfeitos quanto ao crescimento do bairro, como aponta esse relato de P3:

eu não vi nada de melhor, eu vi pior...não mudou em nada, só evolui em casa, mas mudança pra população aí nada...ponto negativo foram essas construções desmatando, a construção do lago que é só pros playboy [sic], nada para população humilde, ali é só o povo rico que está vendo o lado deles, o bairro mesmo não mudou em nada (informação verbal).

Esse trecho demonstra que o entrevistado percebe que o crescimento do bairro não é necessariamente positivo para a população do bairro. Outro entrevistado afirma que após a mudança do centro administrativo, a prefeitura ficou mais longe da casa, ao contrário do que muitos pensam. Relatos de que a prioridade da nova centralidade urbana em detrimento do resto do bairro foi registrada, como declara P60:

resumindo, eles tão focando muito aquela área ali [nova centralidade urbana], ou seja, é parque daqui, é parque dali, só que até então, eles estão esquecendo [...] você chega naquele pedaço do parque ali tem tudo, tem sinalização disso, tem aquilo, tem a rua pintada, só que pra você chegar no parque você passa no bairro, e no bairro já não é a mesma coisa, dá até a impressão que você está passando no bairro pra ir no outro bairro e é tudo o mesmo bairro” (informação verbal).

Outro entrevistado afirma que qualquer lugar no parque é passível de fazer uma área de lazer, porém na área habitada do bairro é muito difícil construir uma área para as crianças ou idosos.

Desta forma, percebe-se que não são todos os entrevistados que percebem apenas pontos positivos no desenvolvimento do bairro, havendo registros de uma visão crítica sobre o rumo dessa expansão.

5.4.2 Percepções quanto às vivências no bairro

Entende-se por vivências as situações que foram relatadas que se enquadram no campo do subjetivo dos moradores, sendo relatadas a partir das experiências próprias dos entrevistados. A entrevista com o servidor público municipal foi incrementada nesta parte apenas para contrapor os dados e fatos relatados. A seguir apresentar-se-ão as percepções dos moradores quanto aos impactos da especulação imobiliária, geração de emprego e comércio, fluxo de automóveis e de pessoas, segurança pública, lazer, qualidade ambiental e transporte público.

5.4.2.1 Impactos da valorização imobiliária

Houve a percepção por 30% dos entrevistados de que houve valorização dos imóveis e terrenos no bairro Estiva, sendo sempre visto como um fato positivo, vinculando a valorização com a melhora de vida deles próprios. No geral, os participantes da pesquisa entendem que o bairro era um local desprivilegiado, que valorizou após a implementação das instituições públicas e privadas no bairro (informação verbal).

Em contrapartida, moradores mostram-se insatisfeito com os efeitos dessa valorização, como é o caso do P46, que apesar de achar positivo a valorização dos imóveis, relata com pesar o fato de que muitos amigos tiveram que sair de suas casas devido ao preço exorbitante dos aluguéis. Essas famílias, segundo P46, venderam suas casas e foram morar em bairros rurais ou em cidades menores da microrregião de Itajubá (MG), como Piranguinho (MG) e Piranguçu (MG). Ainda segundo este relato, o preço dos imóveis triplicou em 10 anos, por conta da proximidade do parque municipal, conforme declara P46:

Aqui era totalmente uma zona rural, quando fez o loteamento foi criando, foi começando as construções, foi mudando o nível do povo que tinha aqui, o pessoal de mais de baixa renda, mais de baixa escolaridade que morava aqui, tiveram que mudar tudo, eram umas casas que tinham alugadas, umas casinhas pequenas, que era barato, depois com a evolução daqui, com os loteamento, os pessoal [sic] venderam e tiveram que ir embora daqui, desse bairro pra frente aqui (informação verbal).

Relatos de alguns moradores apontam para o centro administrativo e cultural como fatores relevantes para o aumento do aluguel, porém a maioria das pessoas que explicou o aumento baseou-se no fato da pressão imobiliária que os estudantes da UNIFEI conduzem no bairro, devido à alta procura. Cerca de 10% dos entrevistados percebem que o aluguel alto é influência direta da UNIFEI (informação verbal).

Cerca de 40% dos entrevistados percebem o aumento das contas de água e de energia e aproximadamente 80% dos entrevistados percebem o aumento de aluguel no bairro, conforme relatado por P46 (informação verbal): “o encarecimento do aluguel e dos imóveis, a cidade cresce [...] melhora a segurança, há a valorização dos imóveis, pra mim que pago o aluguel por enquanto, não vejo como negativo, mas ficou mais caro o aluguel, depois da mudança do centro administrativo”. Cerca de 75% dos entrevistados percebem aumento do IPTU (informação verbal). A Figura 27 resume as percepções sobre o aumento do aluguel, IPTU e as contas de água e luz.

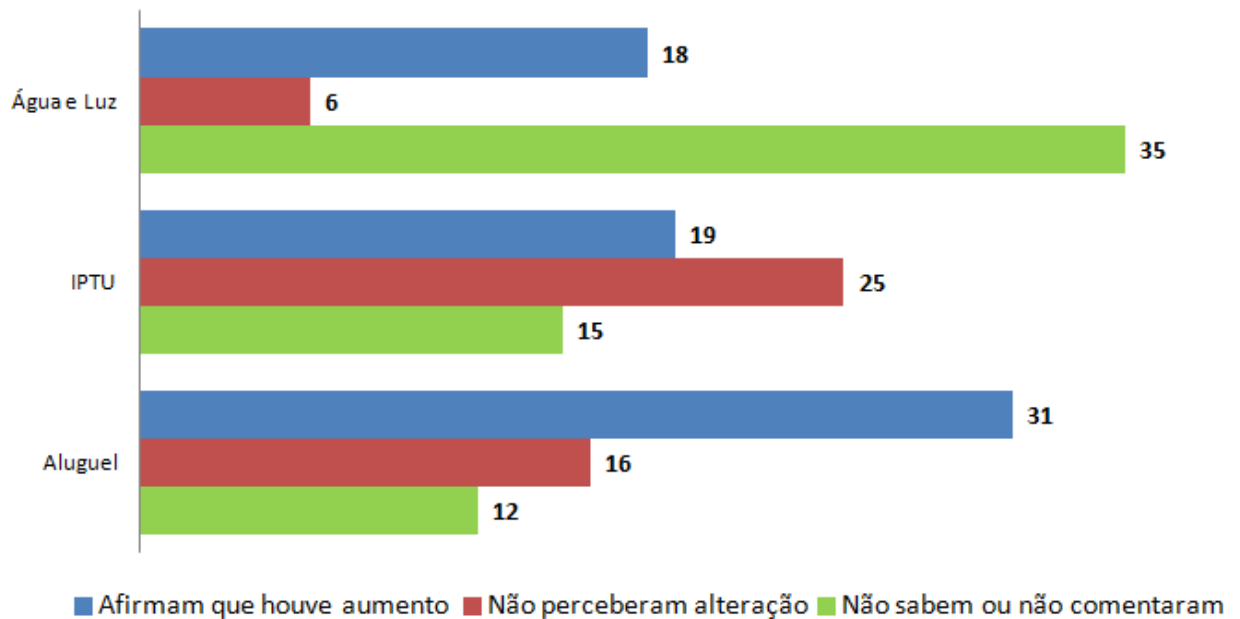


Figura 26 - Respostas sobre aumento de IPTU, aluguel, água e luz.

Fonte: elaboração própria.

Aproximadamente 10% da amostra percebem uma situação de segregação social no desenvolvimento da nova centralidade urbana.

Além das insatisfações relatadas sobre a falta de prioridade nos investimentos públicos e a expulsão de moradores que não conseguiam mais pagar aluguel, há ainda outras situações que evidenciam a segregação social, de acordo com a percepção dos moradores.

Uma dessas situações é o preço dos produtos e serviços oferecidos na centralidade cultural do bairro. Os moradores consideram o valor cobrado abusivo, dificultando muito o acesso às populações de baixa renda que são maioria no bairro, para muitos, nesse quesito, o parque da cidade deixou a desejar (informação verbal).

Para muitos entrevistados, houve uma forma de segregação através dos altos preços, fazendo alguns pensarem que a nova centralidade cultural não pertence a eles, como afirma P60: “eu moro aqui do lado, seria um prazer se eu pudesse estar indo lá [sic], aí entra aquilo que eu estou te falando, não tem condições e com criança sabe como que é, ela vê, ela quer!” (informação verbal).

Para o servidor público entrevistado, o bairro não teve uma valorização do cadastro imobiliário do local, pois ali não há interesse. Desta forma, não houve processo de gentrificação, apesar dos benefícios como área de lazer proporcionado pelo parque municipal (informação verbal).

5.4.2.2 Geração de emprego e comércio

Apenas 0,8% dos moradores afirmaram que o desenvolvimento do bairro influi positivamente para geração de empregos, ao passo que 0,01% afirma que não houve aumento de vagas de emprego. A participante P35 apontou para o fato de que aumentando os atrativos de lazer, mantém-se mão de obra qualificada na cidade, o que atrai empresas, pois agrega qualidade de vida (informação verbal).

O comércio, apesar de ainda incipiente, melhorou visivelmente segundo os entrevistados, cerca de 20% da amostra acredita que o comércio foi estimulado, ao passo que 0,5% percebem que o comércio ainda é um ponto fraco do bairro. Houve relatos de o crescimento do bairro é um atrativo para o turismo, que tem aumentado bastante no bairro. Uma reclamação bastante recorrente é a falta de uma farmácia na região, haja vista a grande quantidade de aposentados no bairro (informação verbal).

5.4.2.3 Fluxo de automóveis e segurança

Cerca de 42% dos moradores comentaram sobre o aumento do fluxo de pessoas e automóveis no bairro, aproximadamente a metade mencionou positivamente ou neutro, e a outra metade negativamente. Alguns entrevistados relacionam o aumento do fluxo de carros e pessoas com o aumento da segurança, ao passo que outros relacionam o aumento de pessoas estranhas circulando pelo bairro e o fluxo intenso de carros com aumento da insegurança no bairro (informação verbal).

As pessoas que moram nas ruas principais, como a Avenida BPS e a Rua da Floresta, reclamam do movimento, alguns se mostraram assustados com a intensificação do fluxo de automóveis, e até temerosos pela vida das crianças e de seus animais de estimação, que eram acostumados com a calma nas ruas, agora tem que lidar cada vez mais carros passando.

Houve relatos de que à noite ocorrem rachas nas ruas do bairro, além de festas nos loteamentos próximos, o que tira o sossego dos moradores. Muitos entrevistados reclamaram a falta de quebra molas para desacelerar os carros (informação verbal).

Como ponto negativo do desenvolvimento do bairro, moradores afirmam que a localidade sempre foi um bairro pacato, onde as casas passaram de pai e mãe para filhos e filhas. Com aumento do movimento no bairro, está acabando a característica de bairro tranquilo e não violento. Tem morador que pensa até em mudar de casa por que sente que acabou o sossego em que vivia (informação verbal).

De acordo com o servidor entrevistado, houve mudanças radicais no sistema viário municipal, devido ao acréscimo do fluxo de automóveis, que já era intenso por conta da UNIFEI, somando ao fluxo intenso provocado pelas obras, o teatro, o cinema, o parque, as secretarias e pelas duas escolas recém-construídas no bairro. O fluxo pela via arterial Av. BPS intensificou-se, prolongando pela Av. Pontoneiros da Mantiqueira, que dá acesso à estrada Itajubá-Maria da Fé (BR383), e aumento do uso da Rua da Floresta, uma via coletora. Houve a implementação de quebra molas para deixar o trânsito mais lento (informação verbal).

O colégio G9 também exercer bastante pressão no trânsito, principalmente nos horários de pico, somados aos demais fluxos da nova centralidade (informação verbal).

Aproximadamente 41% dos entrevistados comentaram sobre a segurança pública. Sendo que a metade destes mencionaram positivamente, no sentido de que sentem-se mais seguros, conforme P7: “melhorou muito, teve mais movimento, mais policiamento na rua, nessa parte a gente tá bem servido” (informação verbal), e a outra metade mencionou que sentem-se mais inseguros depois que começou a expansão do bairro.

5.4.2.4 Lazer

Para 25% da amostra, o lazer é visto como um dos benefícios do desenvolvimento do bairro. Os moradores percebem que as áreas de lazer ficaram perto deles, com fácil acesso, sem necessidade de nenhum tipo de condução, em contraposição à situação deles anos atrás, quando não havia opções de lazer nas proximidades do bairro. Apesar de alguns entrevistados reclamarem dos preços cobrados no parque, no teatro e no cinema, entrevistados afirmaram que praticam caminhada e levam as crianças para andar de bicicleta (informação verbal).

O parque municipal, de acordo com o fiscal urbanista da prefeitura municipal de Itajubá/MG, foi um grande atrativo de lazer na cidade, mudando o foco, que antes era a praça central e as ruas do comércio, agora é a área de lazer do parque da cidade (informação verbal).

5.4.2.5 Qualidade ambiental

Para 10% da amostra de pesquisa a qualidade ambiental do bairro piorou. Para eles, a qualidade do ar, dos rios, da vegetação e da vida dos moradores no geral era melhor antes do desenvolvimento deste bairro. Após o início das obras da sede da prefeitura, no ano de 2005, o ribeirão José Pereira foi aterrado, gerando problemas com alguns moradores, que perceberam alterações nos fluxos da água das chuvas, que começaram a entrar em suas residências. A incidência de alagamentos também foi percebida por alguns entrevistados, que afirmaram que a água sobre com mais facilidade, fenômeno atribuído, por eles, às terraplanagens e construções nos territórios de vazão do ribeirão (informação verbal).

Alguns participantes da pesquisa relataram quando eles pescavam uma variedade de animais naquele ribeirão, inclusive camarão de rio. Houve registro de moradores que passaram a infância nadando naquele ribeirão, andando pelos matos que lá haviam, caçando animais como rãs e codornas selvagens. Uma parcela dos moradores, mesmo constatando que a qualidade do meio ambiente está se deteriorando visivelmente, eles se resignam diante da sua incapacidade de mudar a situação frente ao desenvolvimento e o progresso (informação verbal).

De acordo com relatos do servidor entrevistado, o bairro Estiva é atravessado pelo ribeirão José Pereira, que deságua no Rio Sapucaí no centro da cidade. Antigamente este ribeirão passava por outra região, e todo seu entorno era formado por uma várzea, onde se plantava arroz. O ribeirão foi redesenhado para passar por dentro da cidade e estas terras no entorno do bairro Estiva foram aterradas, em uma época que não havia leis específicas regulando questões ambientais nem o desenvolvimento urbano, por volta do início da década de 1970 (informação verbal).

Ainda segundo o servidor entrevistado, há uma grande área impedida de parcelamento, devido à presença de uma mina d'água de extensão de quase 50 metros. Porém, se o poder público tiver interesse ele tenta desapropriar, mas não tem nada previsto. Há empreendimentos previstos para a área, mas como a Área de Interesse Tecnológico não tem parâmetros urbanísticos ainda definidos, ainda não dá pra aprovar o parcelamento, então tem que esperar sair o novo Plano Diretor (informação verbal).

6. DISCUSSÃO

A discussão proposta pretende amarrar os resultados, na construção do debate baseado nas perguntas da pesquisa e nas perspectivas teóricas levantadas. O presente capítulo subdivide-se então em quatro tópicos: (i) crescimento do bairro Estiva nos últimos 30 anos; (ii) uso e ocupação do solo no bairro Estiva; (iii) surgimento da nova centralidade urbana; e, (iv) percepção dos entrevistados sobre o crescimento do bairro Estiva.

6.1 Crescimento do bairro Estiva nos últimos 30 anos

O bairro surgiu a partir de um loteamento, que deu origem à Vila do Arco, que posteriormente veio a se tornar o bairro Estiva. Era um bairro bastante precário, distante do centro, sem saneamento básico, asfaltamento e água tratada. Essa condição reflete o processo de urbanização brasileira, que carregou problemas econômicos, sociais, políticos, ambientais e que se materializam em problemas de habitação, saneamento, segurança, acessibilidade, lazer e segregação (OLIVEIRA, 2008; MARICATO, 2000).

De acordo com os relatos dos moradores, um sexto deles veio de cidades pequenas da microrregião de Itajubá (MG), cidades baseadas na economia da agropecuária. Este dado está em consonância com Lefebvre (2016), que afirma que os camponeses, arruinados pela desintegração das estruturas agrárias nos países de terceiro mundo, afluíram para as cidades a fim de encontrar subsistência.

A precariedade deste bairro Estiva à época do seu surgimento está de acordo com Peixoto (2006), quando afirma que após o inchaço dos perímetros urbanos, as ocupações estendiam-se para áreas inadequadas fora da área urbanizada, muitas vezes em várzeas ou encostas, sem infraestrutura adequada e equipamentos urbanos.

Em conformidade com Singer (1980), o loteamento inicial que deu origem ao bairro Estiva, segue uma estratégia dos empreendedores imobiliários de antecipar e influenciar o poder público de forma a direcionar o investimento de acordo com as suas intenções de lucro. Para o autor supracitado, uma forma de auferir altos lucros na venda de terras é a aquisição de terras adjacentes ao perímetro urbano a preços baixos, desprovidas de qualquer serviço, e promover seu loteamento.

O bairro teve sua origem com o loteamento criado por um ex-prefeito, na década de 1970, sendo ele próprio quem teve a visão de mudar a sede da prefeitura municipal, do centro para o bairro Estiva. Existe um bairro adjacente à Estiva que leva o seu nome, assim como a

principal rodovia de acesso à nova centralidade leva o seu nome também. Portanto ex-prefeito citado é considerado um ator chave na criação do bairro e no desenvolvimento da região, há três décadas, e mais recentemente durante sua gestão (2005-2008) como prefeito de Itajubá (MG). O desenvolvimento baseado na visão de uma pessoa ou grupo de pessoas é apontado por Duarte (2009), ao afirmar que o desenvolvimento urbano pode ocorrer por meio da visão um grupo ou de uma pessoa que pretende transformar a dinâmica socioeconômica da cidade, essas visões modificam a cidade, para os habitantes da cidade e para os visitantes.

Confirmando a relevância do ex-prefeito citado, 47% dos participantes do questionário apontaram para o prefeito supracitado como mentor do desenvolvimento do bairro Estiva. Constatou-se, por meio da análise da fala de alguns questionários, um discurso paternalista de moradores que o chamavam de herói, por ter criado a Vila do Arco, atual bairro Estiva, e outros bairros, além ter transferido o prédio da prefeitura para o bairro, doado as terras para Unifei.

Desta forma, constata-se que a morfologia urbana relaciona-se intrinsecamente às ações do homem no território, uma vez que o espaço urbano é conformado pelas histórias produzidas por atores sociais que o modelam descontinuadamente, criando uma linguagem própria e dinamizando o espaço como se a cidade tivesse vida própria, conforme aponta Lefebvre (2008; 2016).

A prefeitura incentivou de diversas formas o desenvolvimento da região, através de políticas públicas como o plano diretor e a criação da Área de Interesse Tecnológico para construção do PCTI, parque da cidade, prefeitura, cinema e teatro. A prefeitura também investiu em infraestrutura urbana, doou terra pra construção do cinema, licitou o parque para concessão de 30 anos, fez parceria público-privada para construção do teatro municipal. Este resultado mostra a atuação focada do poder público municipal com o compromisso de urbanizar aquela região, de forma a orientar e propiciar um crescimento contínuo.

Desde a década de 70 a região recebe incentivos públicos e privados para sua urbanização. Seja pela visão empreendedora do ex-prefeito citado, quando na década de 1970 loteou uma grande porção de terra na região para a construção das casas que comporiam futuramente o bairro Estiva, seja pela participação do governo federal no programa de financiamento de moradias, por meio do Banco Nacional de Habitação. Outra evidência da atuação pública e privada para o desenvolvimento da região foi meio da doação das terras para a expansão da Escola Federal de Engenharia de Itajubá, no bairro Pinheirinho, vizinho ao

bairro Estiva, doado pelo ex-prefeito que fez os primeiros loteamentos do bairro Estiva, na década de 1970. Já na gestão municipal de 2005-2008, houve a desapropriação das terras para construção da nova sede da prefeitura, e as doações e parcerias realizadas para desenvolver a região.

No período entre os anos 1986-2017, surgiu o bairro Nossa Senhora da Agonia e houve expressivo crescimento do bairro Pinheiro (bairros vizinhos ao bairro Estiva), tendo sua expansão vetorizado por loteamentos e condomínios de alto padrão instalados (MALTAURO, 2018). Este fenômeno é amplamente abordado na literatura como um dos principais vetores da expansão urbana contemporânea, conforme enfatiza Duarte o fenômeno da autosegregação (2009), são pessoas de classes altas que por meio do isolamento da cidade, buscam melhorar sua qualidade de vida.

Por meio dos relatos dos moradores infere-se que a Unifei potencializou a expansão urbana da região estudada, devido ao grande fluxo de pessoas, que transitam e precisam residir nas proximidades da universidade. Também foi possível evidenciar a relevância da Unifei para o desenvolvimento do município de Itajubá (MG) (LEÃO, 2004).

Durante o período de 1986 a 2001 o bairro Estiva cresceu 21,8%, e no período 2001-2017, 246%. Considerando o período de 1986 a 2017, o bairro cresceu 321,5%. Assim, percebe-se que no período de 2001 a 2017 houve crescimento expressivo nas últimas três décadas. Este período coincide com as grandes transformações que houveram no bairro, descritas ao longo deste trabalho, como a mudança da sede da prefeitura, construção do teatro, do parque, do lago, do cinema e de escolas no bairro. Percebe-se a relação direta entre o crescimento do bairro Estiva e estes empreendimentos públicos e privadas. Ademais, o crescimento do bairro Estiva no período foi 8,45 vezes maior o crescimento de Itajubá (MG).

Terrenos foram doados para Unifei realizar o Parque Científico Tecnológico de Itajubá (PCTI), para abrigar empresas, o que evidencia a tendência de crescimento da região, de acordo com relatos do servidor público entrevistado. Na mesma região do bairro, está previsto a construção de um fórum, que centralizará os setores judiciários municipais (ITAJUBÁ).

6.2 Uso e ocupação do solo no bairro Estiva

Conforme delimitação adotada nesta pesquisa, o bairro Estiva possui aproximadamente 3.200km² de extensão, sendo 13% de sua área construída e 87% de sua porção composto por área não construída. Esses 87% são divididos entre os terrenos da Unifei e outros dois proprietários, o que evidencia uma concentração de terras no bairro. Os 87% de

área não construída evidencia o potencial de crescimento do bairro. Esta grande porção de terras, confirma relatos dos moradores, que afirmaram que a Estiva tinha muito espaço para crescer.

À primeira vista, esse grande vazio urbano pode ser visto como contraditório, porém está consoante com Rossi (2001), quando afirma que o especulador imobiliário interfere e espera que haja investimentos públicos ou privados que valorizem determinadas áreas. Essa prática intensificou com o tempo, havendo a alteração fundamental no desenvolvimento das cidades, levando gestores a tratar a cidade como uma empresa lucrativa, levando a mudanças culturais para vender a imagem da cidade.

Evidenciou-se que o zoneamento do bairro é composto por Zona Predominantemente Residencial (ZPR) e Área de Interesse Tecnológico (AIT), e que a área residencial do bairro Estiva correspondente à ZPR. No PD, as ZPR permitem o uso apenas de comércios e serviços locais. Observado que há ainda a utilização dentro da ZPR para fins institucionais ou de uso coletivo, principalmente pela presença de igrejas e praças. A composição do bairro é de casas simples, com pouco abastecimento de comércio e serviços. Não foi reconhecida a presença de indústrias na área, ao passo que foi constatado que a maior porção do recorte da pesquisa é um vazio populacional, composto por áreas de loteamento, área de pasto e mata.

A AIT, que ocupa a maior parte do bairro, onde se situa a região da nova centralidade urbana é destinada ao PCTI, tendo como critério de uso e ocupação do solo a diversificação, integração dos diferentes tipos de uso do solo, entre comercial, residencial, serviços, industrial, institucional, desde que a distribuição seja equilibrada, admitindo assim, todos os tipos de uso, possibilitando o surgimento de uma centralidade com diversos tipos de usos do solo (PLANO DIRETOR MUNICIPAL DE ITAJUBÁ, 2003). De acordo com o diagnóstico realizado pela pesquisa, a AIT apresentou apenas o uso do solo para finalidade institucional e de serviços, não apresentando ainda, o uso residencial, misto e industrial.

Percebe-se que há uma divisão bastante clara, entre a área residencial e a área em expansão do bairro. Essa divisão, expressa pelo zoneamento urbano, pode estar relacionada com a segregação entre a área residencial e a área da nova centralidade. De acordo com relatos dos moradores, observa-se um bairro privilegiado dentro de outro bairro, sendo a área residencial só uma passagem para as pessoas chegarem à região da nova centralidade. Essa constatação está em conformidade com Lynch (2007), quando afirma que dentro do bairro

pode-se reproduzir a segregação referente a classes econômicas. Desta forma, evidencia-se uma descontinuidade morfológica e estrutural, com diferentes conteúdos sociais e funcionais.

A Zona de Expansão Urbana II está prevista para os arredores da Unifei, área adjacente também à nova centralidade urbana, e Zona de Expansão Urbana III, em direção ao bairro Barbosas e Serra dos Toledos, ambos os bairros rurais de Itajubá. Essa intenção de expansão pelo zoneamento municipal evidencia que o planejamento público pretende a expansão urbana para antigas áreas rurais, de forma a imprimir a horizontalização do espaço urbano.

Desta maneira, o poder público planeja a incorporação de terras rurais ao espaço urbano, valorizando as terras, haja vista os investimentos presentes e futuros na estrutura urbana. Conforme elucida Singer (1980), o processo de ocupação do espaço pela expansão do tecido urbano altera as demandas por solo urbano, criando oscilações intensas no preço, o que torna o mercado imobiliário essencialmente especulativo. Desta forma, para o autor, o solo urbano não é como um produto qualquer, agregando valores em função de investimentos futuros, sendo comercializado de acordo com o preço que o mercado está disposto a pagar.

O município cumpre então o seu papel de gestor da política urbana e do planejamento urbano, em conformidade com Duarte (2009) utilizando os recursos e medidas disponíveis para atingir aos objetivos, que no caso estão expressos pelo Plano Diretor Municipal de Itajubá (PD) de 2003, ordenando assim a ocupação do solo e definindo as estratégias de desenvolvimento.

6.3 Caracterização dos sujeitos do estudo e o surgimento da nova centralidade urbana em Itajubá (MG)

Os moradores participantes da pesquisa eram em sua maioria adulto com mais de 40 anos, e cerca de 88% mora há mais de 40 anos na cidade. Este perfil evidencia uma amostra que mora no bairro há muito tempo, ou seja, vivenciaram as alterações e a expansão do bairro Estiva nestes últimos 30 anos. Esse foi um fator enriquecedor do trabalho, no sentido de apurar vivências vigorosas e enraizadas no bairro. O servidor público municipal possui 10 anos de carreira na prefeitura e demonstrou notório saber sobre o desenvolvimento urbano municipal, especificamente com relação ao bairro Estiva e à nova centralidade urbana.

Oliveira (2008) aponta que as cidades médias são o lugar ideal para as novas necessidades de alocação do capital, sendo um lugar propício para superação da crise de

acumulação capitalista industrial, na década de 1970. Esse momento insere a cidade no processo de mundialização do capital. O fenômeno das novas centralidades urbanas ocorre devido ao processo supracitado de mundialização de capitais, criando nas cidades lugares mais atrativos aos novos equipamentos comerciais e de serviços, em conformidade com os novos fluxos de capital e mercadorias. Desta forma, as cidades médias são consideradas espaços privilegiados para reprodução do capital, no momento da economia mundial em que a organização baseada na industrialização está em decadência (OLIVEIRA, 2008; LEFEBVRE, 2016).

Oliveira (2008) indica que as novas centralidade urbanas são um fenômeno global que se perpetua nas cidades médias, ou seja, no local, por meio de articulações de racionalidades e ordens hegemônicas. Para o autor, essas transformações são planejadas para tornar as cidades mais competitivas, de forma a atrair mais investimentos. Esse modelo de “cidade negócio” está atrelado ao conceito de progresso e crescimento econômico, conforme abordado por Furtado (1974).

Este modelo hegemônico de pensar o desenvolvimento materializa-se na gestão das cidades sob o modelo de gestão pública gerencialista. Uma perspectiva contrária à abordada nesta pesquisa, que visa o desenvolvimento como superação das desigualdades e melhoria da qualidade de vida, valorizando as potencialidades locais, gerando emprego para população local, buscando a segurança ambiental e o desenvolvimento sustentável (FURTADO, 1974; SACHS, 2004; DOWBOR, 2016). Desta forma a sociedade desenvolver-se-ia de forma a superar as altas taxas de desemprego, causadas pelo crescimento urbano sem industrialização, conforme trazido por Arrighi (1998) e Sachs (2004).

Itajubá (MG) possui o seu centro geográfico nos arredores da igreja Matriz, caracterizado por ser um centro comercial e de serviços. A região central, ao longo da história da cidade, aglutinou serviços essenciais para o funcionamento da vida social, onde se encontram o comércio, os serviços, as praças, a igreja matriz e o fórum (SINGER, 1980). Porém, esse cenário de um centro tradicional na cidade, aglutinador de atividades e fluxos foi transformando-se, dissipando-se para outros centros, conforme um movimento global nas cidades, conforme Duarte (2009).

A maioria dos entrevistados relatou que o centro antigo havia perdido a fluidez, não havendo mais vagas para carro nos prédios e nas ruas, com prédios pequenos e antigos, que não atendiam mais às demandas atuais da sociedade. Esses apontamentos vão de encontro

com o abordado por Singer (1980), quando explica que a expansão dos centros tradicionais gerou conflitos com áreas residenciais que o circundavam, forçando o deslocamento para novas áreas residências, exclusivas e modernas, deixando as áreas centrais abandonadas, em estado de decomposição social, criando condições para especulação imobiliária criar um novo centro, que supera o centro “antigo”, um lugar valorizado e cercado de residências de alto padrão.

Moradores apontaram que a área central não tem mais espaço para crescer, sendo o bairro Estiva o único lugar viável para crescimento. Acredita-se ser um lugar ideal para esse crescimento, devido principalmente à presença cada vez maior de instalações públicas e privadas de grande relevância para o município. Nessa linha, os relatos dos moradores apontam estão em consonância com o panorama de porcentagem de uso do solo urbano no bairro Estiva, que indica que 87% do bairro é composto por área não construída, evidenciando que há espaço para crescimento.

Para Villaça (1998) a pulverização das centralidades urbanas tem a intenção de controlar o adensamento excessivo dos centros, pelas suas limitações físicas, assim o zoneamento municipal é um instrumento fundamental para incentivar a criação de centros periféricos, conforme foi verificado na presente pesquisa.

O PD de Itajubá de 2003 institui a Área de Interesse Tecnológico. O prefeito da gestão 2005-2008 desapropriou e doou as terras para a construção do cinema e do PCTI. A gestão 2013-2016 fechou a parceria público privada para a construção do teatro municipal, realizou a concessão de exploração do parque por 30 anos e construiu o lago municipal.

O planejamento municipal evidenciou a intenção de criar uma nova centralidade urbana, devido à concentração administrativa e judiciária, lazer. O zoneamento, por meio do ZEU II e ZEU III, direciona a expansão rumo ao noroeste e a leste do bairro Estiva, avançando sobre a zona rural do bairro Pinheirinho e Barbosas.

O inciso III merece maior destaque, pois aponta para a produção de uma nova centralidade em um espaço de alta qualidade ambiental voltado para a promoção do encontro social e da qualidade de vida. O PD estabelece critérios para a ocupação dos terrenos do Parque Científico e Tecnológico de Itajubá (PCTI), dentre os quais destaca-se a diversificação, complementaridade e integração dos usos do solo, entre residencial, comercial, serviços, industrial e institucional. Outro ponto interessante é a ocupação verticalizada da área

,orientada por uma taxa de ocupação máxima de 40% e pelo Coeficiente de Aproveitamento Máximo de 6,0.

O projeto do PCTI nessa região também já está em andamento. A primeira fase do projeto do PCTI foi inaugurada em 2012 e conta com uma área de 40 mil metros quadrados, dentro do *campus* da Unifei. Para a segunda fase, estão sendo finalizados os projetos urbanísticos e arquitetônicos numa área externa à Unifei. Serão urbanizados 128 lotes para abrigar empresas de base tecnológica, totalizando uma área de 212.528 metros quadrados¹². A região reservada para a fase dois consta na lei de zoneamento municipal como Área de Interesse Tecnológico.

Oliveira (2008) trata do papel da gestão pública no surgimento das novas centralidades, assim como o peso de setores da iniciativa privada, que induzem e redirecionam a reestruturação do espaço urbano na cidade. Façanha (2005) contribui para o debate ao abordar a relação promíscua entre empresas e a máquina pública, resultado de processos ligados ao poder local, amparados por processos invisíveis que articulam outras escalas do urbano. Santoro (2014) afirma que agentes políticos, industriais e imobiliários são os agentes mais importantes no funcionamento inadequado da legislação sobre política urbana.

A grande concentração de atividades na região concentrou atividades culturais e administrativas importantes da cidade, resultando e sendo gerador ao mesmo tempo do tecido urbano. Este desenvolvimento, como se evidenciou nesta pesquisa, gerou e mantém fluxos de pessoas, capitais e mercadorias, configurando o que a pesquisa traz como resultado, uma nova centralização urbana, de forma a alavancar novas articulações do uso do solo, alterando a forma urbana, e segmentando-a, em conformidade com a teoria apresentada por Oliveira (2008) e Da Silva (2001).

O que ocorre em Itajubá (MG), segundo a percepção dos moradores, foi a mudança da sede da prefeitura e de outras estruturas da administração pública municipal e a produção de novas áreas de lazer de alto padrão na localidade, como o cinema, o teatro e o parque municipal. A descentralização de determinadas atividades não é o único indício da criação de novas expressões de centralidade. Essas se criam essencialmente em decorrência dos fluxos

¹² Disponível em:

<https://2015.unifei.edu.br/noticia/inaugurada_fase_1_do_parque_cient%C3%ADfico_e_tecnol%C3%B3gico_dentro_do_campus_da_unifei>. Acessado em: 15 mai. 2018.

que as atividades geram e dos quais decorrem sua própria descentralização, que ao se estabelecerem e se intensificarem, geram novas centralidades urbanas. Desta forma, conforme Sposito (2001), não se trata apenas de uma mudança de localização de atividades, e sim de alterações na dinâmica econômica de determinadas atividades, redefinindo a noção de centralidade urbana, que se torna múltipla e plural.

Os relatos dos moradores evidenciam a percepção de que a prefeitura foi o estopim do desenvolvimento urbano daquela região, sendo que após a sua instalação bem sucedida, decidiram trazer outras instituições para a região, como o teatro e o cinema. A transferência do prédio da prefeitura para a região, somada à presença da Unifei, consolidou um grande fluxo de pessoas para aquela região, que aumentou com a construção e ampliação do parque municipal e com o movimento causado pelo teatro municipal.

Dez por cento dos entrevistados mencionaram que o bairro trata-se de um novo centro, especificamente a área de AIT. Mesmo os entrevistados que não expressaram o termo nova centralidade, deram a entender que se trata de um fenômeno que mexe com a cidade inteira, e impacta nos fluxos de veículos, na segurança, na infraestrutura, no aumento de casa, terrenos, lotes e condomínios, e tem relação com o teatro, com a prefeitura, com a expectativa de crescimento contínuo e acelerado, aumento do comércio, construção do fórum, supermercado e posto de gasolina.

De acordo com o servidor da prefeitura entrevistado, muitas pessoas reclamam do deslocamento para chegar à prefeitura, mas o servidor diz que ali é apenas o cérebro do poder executivo municipal, sendo que os “braços” (sic) da máquina pública estão na cidade, lá estão os serviços essenciais.

Evidencia-se que apesar dos indícios de que no bairro Estiva está surgindo uma nova centralidade urbana, esta não exclui o centro principal. Concordando com Singer (1980), o surgimento de uma nova centralidade urbana pode levar décadas, coexistindo com um ou mais centros, que continuam com a capacidade organizativa dos fluxos da cidade, porém compartilhando ou competindo com a capacidade de o novo centro organizar-se e ser organizador dos fluxos de pessoas e recursos. Segundo o autor, as empresas de alto padrão e os moradores mais “exigentes” tendem a optar por construções mais modernas e mais atraentes, com casas e prédios mais espaçosos e com mais vagas na garagem. Isso é exatamente o que se verifica em Itajubá (MG), de acordo com a percepção dos moradores, há um centro antigo que se contrapõe ao novo centro.

Assim, conforme traz Oliveira (2008), existe uma ruptura significativa das estruturas urbanas no século XX, correspondente ao processo de descentralização territorial dos equipamentos e atividades para locais fora do centro tradicional, que se mostram capazes de organizar e criar novos fluxos, formando que o autor chama de novas expressões de centralidade, reconstituindo novas formas e arranjos entre os lugares da cidade, que passa a ser polinucleada. Desta forma, pode-se considerar que a expansão do bairro Estiva configura a conformação de uma nova centralidade urbana, que se caracteriza por uma centralidade cultural e administrativa, não geográfica e não comercial. O centro comercial, apesar de coexistir com a nova centralidade, não é mais único. A cidade polinucleada criar seus novos fluxos, consolidando novas expressões de centralidade.

Percebeu-se que, em consonância com as dinâmicas que redefinem a centralidade urbana trazida por Spósito (1998), houve transformações nas dinâmicas sociais, econômicas e espaciais, recompondo a estruturação urbana, provocando rupturas e continuidades, como a redefinição espacial da centralidade, provocando a alteração no cotidiano dos moradores.

Um exemplo de redefinição de noção espacial, é que o parque e a prefeitura foram apontados por 50% dos entrevistados como marco referencial, sendo que muitos outros lugares foram apontados nos questionários, como um mercadinho ou uma escadaria, pois as pessoas mais acostumadas com o bairro tendem a apontar marcos menos proeminentes e comuns. Desta forma, evidencia-se que para a maioria das pessoas, o parque e a prefeitura, construídos respectivamente em 2017 e 2005, já se tornaram o principal marco referencial da região, mesmo sendo construções relativamente novas no bairro, indicando a importância destes prédios como objetos simbólicos criadores de identidade (LYNCH, 1997).

Evidenciou-se, de acordo com Oliveira (2008), que os centros tradicionais são incapazes de atender as necessidades contemporâneas de reprodução e acumulação do capital, assim, as transformações nas cidades médias são resultados de dinâmicas de confronto entre o que existe e o que se coloca como o novo, traduzindo um movimento mundial dos lugares. Ainda em conformidade com Oliveira (2008), as novas centralidades urbanas surgem, na maioria dos casos, em virtude da saturação dos centros antigos alinhando a economia da cidade às formas atuais de reprodução e acumulação do capital, havendo como consequência o aumento significativo de empreendimentos, atividades e serviços fora das regiões centrais, valorizando o espaço urbano em regiões antes “esquecidas”.

Conforme Singer (1980), o bairro Estiva irá se valorizar bastante em virtude dos investimentos públicos em infraestrutura, com a tendência incentivar a ocupação nos próximos anos. Porém a instalação desses equipamentos públicos de maneira centralizada em uma única região, afastada do centro e da cidade, cercada de vazios ocupacionais, o que pode gerar dificuldade de acesso ou mesmo barreiras simbólicas que impedem a distribuição de bens de forma igualitária à população.

Desta forma, ocorre que as cidades transformaram seu espaço urbano em mercadorias, e o capital financeiro especulativo domina o uso e ocupação das cidades, reestruturando para atender a dilatação dos lucros, organizando o espaço não por acaso, mas a partir de interesses específicos (SINGER, 1980; CASTELLS, 1983; LEFEBVRE, 2016).

6.4 Percepções dos entrevistados sobre o crescimento do bairro Estiva

A maioria dos relatos dos moradores aponta para as instalações do prédio da prefeitura, do teatro e do parque como um marco na história do bairro, provocando alterações profundas na dinâmica econômica e social do bairro. O parque municipal propiciou uma mudança nas perspectivas de lazer dos moradores. Muitos moradores também falam do asfaltamento das ruas, aspecto relevante na fala dos entrevistados. O aumento do movimento nas ruas e aumento da criminalidade também foi amplamente tratado pelos moradores.

A perspectiva da pesquisa de abordar a morfologia do bairro através da percepção dos moradores e de um representante da prefeitura municipal vai de encontro com Rossi (2001), que considera a morfologia urbana um sistema descritivo e interpretativo permeado pela visão e percepção de quem observa.

Para 58 % dos entrevistados observou-se um crescimento rápido no bairro, o que para alguns significa melhorias, já para outros, significam queda na qualidade de vida. Esse crescimento rápido também é uma evidência da capacidade da nova centralidade em atrair recursos, redefinindo a noção de centralidade, que não são definidas pelo que é imóvel no território, mas também pelo que há de transitório, atribuindo novos usos e sentidos aos espaços (SPOSITO, 2001).

Desta forma, discute-se como o crescimento urbano gera alterações profundas no uso e ocupação do solo urbano, adicionando novos problemas de ordem ambiental e social, violência, devastação da natureza e sobrecarga no tráfego, entre outros (SANTOS, 2013; FERNANDES, 2002). Esses problemas foram constatados na pesquisa, de acordo com a

percepção dos moradores, discutidas a seguir.

6.4.1 Percepções quanto à morfologia do bairro

A partir das percepções dos moradores, cruzadas com os dados referentes à expansão do bairro Estiva, foi possível evidenciar as alterações na morfologia do bairro ao longo dos anos. Os relatos remontam à época que aquela região era uma fazenda, quando não havia tratamento sanitário e as ruas eram de terra. Foi apontado que aquela região era “fim” de bairro, não havendo investimentos de qualquer ordem. De acordo com a pesquisa, o bairro cresceu, só nos últimos 15 anos, cerca de 246%, com uma taxa cerca 8,5 vezes maior que o crescimento de Itajubá, no mesmo período.

A percepção encontra-se entre o homem e o meio ambiente, e caracteriza-se como um conhecimento adquirido nessa relação direta. Assim, por meio de processos multissensoriais, o sujeito seleciona informações de acordo com seus valores e experiência para julgar, avaliar e descrever as características, predileções e descontentamentos. Desta maneira, os moradores apontaram de acordo com seu julgamento suas percepções sobre o crescimento do bairro em que moram.

Os empreendimentos e obras públicas na região foram os responsáveis pelas alterações na morfologia do bairro nos últimos anos, impactando na forma da cidade, nas suas percepções e nas suas vivências. A leitura da cidade, para Lynch (1997), é realizada por meio dos seguintes elementos: vias, limites, bairros, marcos, que as tornam singulares e reconhecíveis para os moradores.

Para 37% dos participantes da pesquisa apontaram o asfaltamento como uma das principais alterações positivas na morfologia urbana. O saneamento básico, também foi apontado como ponto positivo. Evidenciou-se que no bairro não havia infraestrutura urbana adequada, nem área de lazer, sendo um bairro abandonado até o início das obras da prefeitura, que mudou a configuração do bairro.

A respeito da segregação espacial, algumas respostas trazem um ponto interessante. Mesmo com a proximidade do parque, alguns moradores afirmam que é longe, e sentem-se inseguros de ir sozinhos, devido principalmente ao vazio urbano existente entre a última residência da área e as instalações da nova centralidade urbana e à falta de acessibilidade de pessoas com mobilidade reduzida.

Para 45% dos participantes, a prefeitura e o parque são as principais mudanças, e para 27%, o teatro. Porém, a maioria aponta para a prefeitura como o projeto pioneiro que atraiu o restante dos empreendimentos para o bairro. Isso ocorre pela infraestrutura de acesso criada e pelos incentivos do poder público para expansão da cidade naquele sentido.

Moradores acreditam que o progresso chegou lá por meio das construções modernas, dos loteamentos residências, da infraestrutura criada, mesmo demonstrando insatisfações quanto aos efeitos nocivos do crescimento. Porém, a maioria dos entrevistados trata o crescimento do bairro de forma positiva, devido aos incrementos no lazer, à geração de emprego e renda, ao aumento do comércio e dos serviços oferecidos, ao aumento da circulação de pessoas no bairro. Desta forma, a partir dos relatos dos moradores, é possível afirmar que o bairro valorizou, o que, de acordo com Singer (1980), significa que empresários e futuros moradores estarão dispostos a pagar mais caro pelo aluguel ou pela compra do imóvel, devido aos incrementos e melhorias construídas no bairro.

Para Singer (1980), estas melhorias podem manifestar-se por investimentos públicos ou privados. No caso da nova centralidade urbana de Itajubá (MG), verificou-se a presença de ambos, inclusive na forma de parcerias-público privadas.

Desta forma, evidenciou-se a valorização por meio da quantidade de loteamentos de alto padrão no entorno da nova centralidade, localizados principalmente no bairro Nossa Senhora da Agonia e bairro Pinheirinho, responsável por grande parte do crescimento de Itajubá nas últimas três décadas, de acordo com Maltauro (2018).

Moradores relatam a sensação de exclusão da área residencial, como se fosse um bairro à parte, conforme teoria de Lynch (1997) de que os bairros podem conter conteúdos heterogêneos. Assim, evidencia-se que a parte residencial do bairro tem um conteúdo diferente da Área de Interesse Tecnológico, bem delimitado por barreiras que não são físicas, envolvendo a segregação socioeconômica de classes que tem lugares bem definidos para moradia e para o seu consumo.

Houve diversos relatos que apontam para a falta de prioridade da prefeitura com relação aos investimentos no bairro. Toda atenção é voltada para o parque da cidade, enquanto os moradores precisam de mais atenção em questões básicas como saneamento, segurança pública e saúde, desta forma, falta à gestão pública a capacidade de organizar as políticas públicas de acordo com as demandas e prioridades da população.

O fato de as obras estarem próximas aos moradores demonstra a aprovação da expansão urbana na região, com a percepção de mais pontos positivos que negativos. É unânime que os entrevistados percebem uma maior facilidade de acesso aos serviços da prefeitura, devido à proximidade, dispensando a necessidade do uso de transporte público. Novamente, o asfaltamento das ruas aparecer como ponto positivo, principalmente entre os moradores mais antigos.

No geral, todos percebem mudanças, e afirmam que a morfologia da região é bem diferente de anos atrás. Muitos destacam o crescimento rápido e intenso da região, principalmente após a instalação da prefeitura. Porém, houve críticas de não há evolução alguma acontecendo para os moradores, principalmente devido à segregação das áreas de lazer do parque, que atraem todos os investimentos, ao passo que para a população do bairro em si, não há mudanças reais.

6.4.2 Percepções quanto às vivências no bairro

6.4.2.1 Impactos da valorização imobiliária

Conforme descrito no referencial desta pesquisa, com a descentralização urbana, o setor privado e o mercado imobiliário começam a buscar novas regiões para investir, impulsionado pelos investimentos em infraestrutura moderna, valorizando os imóveis (SINGER, 1980; OLIVEIRA, 2008; DUARTE, 2009), ocorreu que cerca de 30% dos participantes afirmou que seu imóvel valorizou, e isso reflete no aumento do preço que os novos moradores estarão dispostos a pagar pelo imóvel, das contas de aluguel, de luz e de água.

Esse aumento do valor do aluguel ocorre, de acordo com as contribuições de Singer (1980), pois o setor imobiliário tem um funcionamento peculiar no que diz respeito ao aumento de seus lucros. O preço do aluguel ou de compra de imóveis equilibra-se com um lucro adicional de acordo com a boa localização em que está instalado.

Alguns relatos apontaram para a nova centralidade urbana como influenciadora desta valorização, mas a maioria das respostas aponta a UNIFEI como a principal indutora da pressão imobiliária no bairro, por conta da alta procura por residências pelos estudantes da universidade. Porém para o servidor entrevistado, não houve valorização no cadastro imobiliário daquela região, pois ali não há interesses, assim, segundo sua percepção, houve benefícios para os moradores, não sendo observado processo de expulsão. Ainda assim, conforme relatos dos participantes constatou-se que moradores estão tendo que sair de suas

casas por conta da alta dos preços dos aluguéis, sendo obrigados a ir para lugares mais distantes dos centros, em busca de aluguéis mais baratos.

Como exemplo, o P46 afirmou que houve amigos seus que tiveram que sair de suas casas, e foram para Piranguinho (MG) e Piranguçu (MG), cidades menores da microrregião de Itajubá (MG), para poder conseguir moradia e viverem com dignidade.

Os serviços urbanos distribuem-se pelo território de forma a beneficiar moradores de rendas altas e médias, ao passo que quanto menor a renda, mais escassos são os serviços oferecidos. Assim, o território é reordenado de acordo com a valorização destas áreas, ocasionando a expulsão de moradores carentes. Essa expulsão pode ocasionar a perda do emprego, devido à distância da nova moradia, e a perda de identidade e de vínculos locais com vizinhos, que dependendo do grau de vulnerabilidade da família pode ser extremamente danoso. Este processo gera o fenômeno da gentrificação e atinge principalmente grupos urbanos menos favorecidos, por questões econômicas (SINGER, 1980; FREY, 2006; DUARTE, 2009; SANTOS, 2008).

Com relação às percepções quanto à segregação vivenciada pelos moradores, 10% relatam situação de segregação social, gerando uma sensação de não pertencimento. Conforme abordado por Oliveira (2008), as novas centralidades manifestam a vontade de fragmentar a cidade, em lugares definidos pelas estratégias dos agentes imobiliários. Isso ocorre porque o processo de reestruturação urbana, causado principalmente pela centralidade polinucleada, evidencia formas desiguais de acessibilidade, sendo, portanto, espaços de uso, de realização de padrões de consumo de segmentos sociais com uma maior homogeneidade interna, atendendo assim interesses de certos grupos em detrimentos de outros.

Essa fragmentação é observada pelos moradores, devido ao preço alto dos serviços e comércios na região do parque da cidade, quando afirmam que não são todas as pessoas que tem condições de consumir na região da nova centralidade, pois o valor cobrado é maior que nos comércios do bairro.

Evidenciou-se que o poder público municipal, por meio dos investimentos em infraestrutura e da gestão da política urbana, foi o principal indutor do surgimento da nova centralidade, em consonância com Schmidt e Loboda (2011), o poder público confere ao espaço sentido e conteúdo, fragmentando a cidade de forma a aprofundar a produção desigual do espaço, fazendo permanecer a estrutura social e suas contradições.

Para Singer (1980) o Estado tem um papel fundamental na dinâmica urbana atual. É ele quem provê serviços urbanos essenciais, além de determinar as formas de uso e ocupação do solo urbano, sendo considerado um grande agente de valorização, pois quando o poder público beneficia alguma região com serviços e infraestrutura, a demanda dos moradores e de empresas também são deslocadas, de acordo com as complexidades trazidas neste trabalho. Como tendência, têm-se compradores dispostos a pagar mais caro pelo aluguel ou na compra de imóveis, causando uma contradição nas cidades: o serviço instalado para atender à populações menos abastadas, transforma a morfologia da cidade e causa a expulsão dessas pessoas que mais necessitavam destes serviços.

Vainer (2002) contribui ao apontar que não existem regras ou leis que determinem que os recursos do governo local sirvam sistematicamente para reproduzir a desigualdade urbana ou alimentar a acumulação privada de segmentos especulativos de capital imobiliário, porém o laço estreito entre o poder público e os setores privados fazem com que a economia e a política urbana construam-se baseada nos interesses do mercado imobiliário, conforme foi apontado pelos moradores.

6.4.2.2 Geração de emprego e comércio

Pouco foi relatado sobre aumento do emprego e do comércio na região, o que remete à teoria do crescimento sem emprego de Sachs (2004), o bairro cresceu 246% em 15 anos, porém esse crescimento não é capaz de gerar emprego, principalmente para a população local.

Ainda assim, 20% dos relatos apontaram que houve estímulo ao comércio, impulsionado pelo aumento do fluxo de pessoas no bairro, mesmo o setor terciário sendo amplamente apontado como um dos pontos fracos do bairro pelos próprios moradores.

6.4.2.3 Fluxo de automóveis e segurança

Houve forte impacto no fluxo de automóveis no bairro, ocasionados principalmente por conter os principais acessos da nova centralidade urbana. Esse aumento é percebido como diretamente relacionado com problemas relacionados à segurança pública, apesar de alguns moradores que relataram que o aumento do fluxo de pessoas traz a sensação de segurança.

O servidor da prefeitura entrevistado aponta que houve mudanças drásticas no sistema viário, gerando impactos no bairro Estiva. O fluxo da UNIFEI, somado ao impacto das obras no bairro, e aos fluxos de veículos ocasionados pelo cinema, parque, teatro, prefeitura e pelas

escolas do bairro, inflaram as principais vias de acesso, a Avenida BPS e a Rua da Floresta. Para ele, houve implementação de quebra molas para diminuir a velocidade dos veículos.

6.4.2.4 Lazer

Os moradores relataram que houve melhorias no lazer, principalmente devido ao parque, pois 75% dos moradores participantes afirmaram que nunca foram no teatro. Para o servidor da prefeitura entrevistado, o parque mudou o foco de lazer na cidade, mudando da praça central para o parque, o que considerou um grande atrativo para a cidade.

6.4.2.5 Qualidade ambiental

O servidor entrevistado relatou que o rio mudou seu curso diversas vezes para passar dentro da cidade, em uma época que não havia legislação regulatória como hoje, corroborando Santos (2006) que afirmou que as características naturais do terreno determina o modo de ocupação, necessitando de intervenções como mudança da direção de rios e supressão da vegetação, terraplanagem, entre outros, que podem gerar consequências negativas não previstas.

A evidenciação das mudanças ambientais foi expressa por 10% da amostra, que declarou que a qualidade ambiental no bairro diminuiu. Os problemas relatados são quanto ao aterro do Ribeirão José Pereira e sua região de várzea - o que altera o fluxo das chuvas e aumenta enchentes, à diminuição dos peixes e do volume de água dos rios, à diminuição da diversidade da fauna e da flora locais. Estes fenômenos relatados estão em contradição com Santos (2013), quando afirma que a ocupação de áreas inadequadas e a destruição do meio ambiente devem ser amenizadas pelo poder público por meio de instrumentos legais constantes no Plano Diretor.

Alguns moradores participantes da pesquisa, apesar de demonstrarem insatisfação com as externalidades ambientais causadas pelo desenvolvimento do bairro, resignam-se diante de sua sensação de incapacidade diante destas mudanças e atribuem a culpa ao progresso. Porém, de acordo com Dowbor (2016), o desenvolvimento almejado não deve sacrificar o meio ambiente ou o indivíduo.

Muitos trabalhos têm utilizado a percepção para estudos urbanos, conforma aponta Lynch (1997), para entender, conhecer e investigar os sentidos e identidades de um local, agregando uma perspectiva subjetiva em relação aos espaços e lugares, como anseios, frustrações, satisfações e expectativas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apontou diversas implicações nas dimensões morfológicas e das vivências, entre elas o aumento do fluxo de automóveis e de pessoas no bairro, melhorias na infraestrutura, saneamento básico, percepções quanto a melhorias e pioras no quesito segurança, pouca influência na geração de empregos. Estas implicações indicam que o bairro cresceu e que os moradores percebem aspectos positivos e aspectos negativos desse fenômeno.

É importante ressaltar a importância da replicação dessa pesquisa em outros pontos do município estudado, de forma a entender como pessoas percebem o surgimento de uma nova centralidade urbana, vivendo em locais mais afastados. Também, acentua-se a necessidade da comparação deste estudo em outras cidades onde emergem novas centralidades urbanas, de forma a comparar a morfologia urbana e as vivências com o estudo de caso apresentado.

Ressalta-se que um novo PD está sendo elaborado em Itajubá (MG), que definirá os parâmetros para uso e ocupação da AIT, a partir de então serão criados os parâmetros urbanísticos para esta área pesquisada. Desta forma, quando o PD for promulgado, haverá possibilidade de novos estudos sobre o planejamento municipal de desenvolvimento urbano de Itajubá (MG).

Esta pesquisa pode auxiliar políticas públicas que visem a redução das externalidades referentes ao desenvolvimento do bairro Estiva, especificamente com relação aos impactos nos moradores: controlar a expulsão de moradores, estimular a criação de empregos, investir na redução dos riscos no trânsito, controle dos danos ao meio ambiente e investir na segurança pública.

Uma dificuldade da pesquisa esteve relacionada com a falta de profundidade das respostas dos participantes da pesquisa. Para solucionar este problema, houve a intervenção do pesquisador, porém muitos moradores não conseguiram refletir sobre o crescimento do seu bairro e da sua condição diante das mudanças que ocorreram nos últimos anos. Também surgiram dificuldades na utilização do *software* ArcMap, pela complexidade exigida para a manipulação de dados. Desta forma, a pesquisa admite inconsistências no geoprocessamento de imagens e nos resultados advindos desta técnica.

Concluindo, as evidências indicam um planejamento urbano municipal que, pelo menos desde o PD de 2003, tem a intenção da instalação de uma nova centralidade naquela

região. A pesquisa conclui que se trata de uma nova centralidade administrativa e cultural no município de Itajubá (MG), pois vem conseguindo organizar e manter o fluxo de pessoas, o bairro Estiva pode sim ser considerado uma nova centralidade, de acordo com os dados trazidos nesta pesquisa.

Porém, não se pretende afirmar que se trata de uma nova centralidade urbana como única verdade. Assim, esta pesquisa sugere o debate sobre o crescimento diferenciado do bairro Estiva e seus impactos na morfologia do bairro Estiva, e nas vivências dos moradores, e o que segundo dados aqui aprestados, constata uma redefinição de noção de centralidade urbana em Itajubá (MG), e rupturas nas dinâmicas sociais e econômicas do município. Esse fenômeno é desencadeado por meio de mecanismos desiguais de ocupação do espaço urbano, refletindo diferentes formas de acesso e permanência no espaço urbano, assim como uma produção do espaço de acordo com interesses privados e públicos.

Por fim, a cidade capitalista não tem lugar para os pobres, conforme Singer (1980), pois os espaços das cidades são mercadorias apropriadas desigualmente pelas classes sociais, de acordo com o nível de seu consumo privado, assim, a cidade não é só o reflexo da sociedade, pois ao (re)produzir seus, reproduz a exclusão social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, E. **Metodologia de Pesquisa Social e Diagnóstico Participativo**. Lavras: UFLA/FAPEP, 1998.
- ARANTES, Otília Beatriz Fiori. **A estratégia fatal. A cultura nas novas gestões urbanas**. In: A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis, RJ. Vozes. 2000.
- ARRIGHI, G. **A Ilusão do Desenvolvimento**. 6 ed ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- BACELAR, W. K. A. **Pequena Cidade: uma caracterização**. In: **Anais do V Encontro de grupos de pesquisa: agricultura, desenvolvimento regional e transformações socioespaciais**, 2009, Santa Maria - RS.
- BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisa de survey**. 1ª ed. Belo Horizonte, MG: Edições UFMG, 1999.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: edições 70, 1977.
- CAPPELLE, M. C. A. **O Cotidiano de Trabalho de Policiais Femininas: Relações de Poder e de Gênero no Policiamento Operacional da Polícia Militar de Minas Gerais**. [s.l.] Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.
- CARVALHO, S. N. Estatuto da Cidade: aspectos políticos e técnicos do plano diretor. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 4, p. 130–135, 2001.
- CASTELLS, M. **A Questão Urbana**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983.
- DA SILVA, W. R. **Centro e centralidade: uma discussão conceitual**. Formação (Online), v. 1, n. 8, 2001.
- DOWBOR, L. **O que é Poder Local?** Imperatriz, MA: Ética, 2016.
- DUARTE, F. **Planejamento Urbano**. Curitiba: Editora Ibepex, 2009.
- ENDLICH, A. M. **Território e Morfologia urbana em pequenas cidades: o que revelam?** Revista Geográfica de América Central, Costa Rica, Número Especial EGAL, p. 1-14, 2011.
- ENTREVISTA FISCAL URBANISTA: entrevista ao servidor da prefeitura [jan. 2019]. Entrevistador: Pedro Torres de Melo Pedrosa. 2019. 1 arquivo . mp3 (35 min.). A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice IX desta dissertação. (consta na íntegra no Apêndices F).
- FAÇANHA, A. C. **Gestão Urbana e Dilemas no Poder Local: internidade e dispersão em Teresina (PI)**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, IX. **Anais...**Manaus: 2005
- FÉLIX, R. R. DE O. M. **Avaliação De Áreas Urbanas Baseada No Desenvolvimento Orientado Ao Transporte Sustentável (Dots) Desenvolvimento Orientado Ao Transporte**. [s.l.] Universidade Federal de itajubá, 2016.
- FERNANDES, E. **Estatuto da cidade: o grande desafio para os juristas brasileiros**. CONGRESSO BRASILEIRO DE DIREITO URBANÍSTICO. **Anais...**2002.
- FERREIRA, S. C. **Contribuição ao debate acerca de pequenas cidades na rede urbana**. In: Anais do 1º Simpósio sobre pequenas cidades e desenvolvimento local, XVII Semana da Geografia, Maringá, 2008.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FREY, K.; DUARTE, F. Auto-Segregação e a Gestão das Cidades. **Ciências Sociais em Perspectiva**, v. 5, n. 9, p. 109–120, 2006.
- FURTADO, C. **O Mito do Desenvolvimento Econômico**. 2 ed. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GODOY, A. S. **Refletindo sobre Critérios de Qualidade da Pesquisa Qualitativa**. **GESTÃO.Org - Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 3, n. 2, p. 80-89, maio/ago. 2005.
- GONÇALVES, F. E. Cidades Pequenas: Um tema para apreciação. In: OLIVEIRA, José Aldemir (Org.). **Cidades Brasileiras: territorialidades, sustentabilidade e demandas sociais**.

- 1ed. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009, v. 1, p. 196-220.
- HARVEY, David. **A Justiça social e a cidade**. Editora Hucitec. São Paulo. 1980.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAJUBÁ. Site da prefeitura. Disponível em <<http://www.itajuba.mg.gov.br/cidade/economico.php>> Acessado em: 25 de março 2019.
- KOWARICK, Lucio. **Viver em risco. Sobre a vulnerabilidade no Brasil urbano**. Novos Estudos. CEBRAP. N. 63. P.9-33. 2002.
- LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Junta Nacional de investigação Científica e Tecnológica. Fundação Calouste Gulbenkian. 1989.
- LEÃO, Fredmarck Gonçalves (org.). **Universidade Federal de Itajubá: 1913 – 2004**. Itajubá; Viçosa: Divisão Gráfica da UFV, 2004, 340 p.
- LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: 2008.
- LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. Itapevi, SP: Nebil, 2016.
- LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (ORGS. . **Cidades Médias e Pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Salvador: SEI, 2010.
- LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins, 1997.
- MALTAURO, R. DE F. **Aplicação conjunta de modelo de projeção urbana e mapeamento de áreas aptas à urbanização sustentável no município de Itajubá (MG)**. [s.l.] Unifei, 2018.
- MARCONI, M. DE A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. ed. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARICATO, Ermínia. **Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras**. São Paulo em Perspectiva, 2000.
- MASCARÓ, J. L.; YOSHINAGA, M. **Infraestrutura Urbana**. Porto Alegre: Masquatro, 2005.
- MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000. 269 p.
- NASCIMENTO, E.; MATIAS, L. F. Expansão Urbana e Desigualdade Socioespacial: uma análise da cidade de Ponta Grossa (PR). **RA'E GA - O Espaço Geográfico em Análise**, n. 23, p. 65–97, 2011.
- NOVO, E. M. L. **Sensoriamento Remoto: princípios e aplicações**. 4 ed. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2010.
- OLIVEIRA JÚNIOR, G. A. DE. Redefinição da Centralidade, Urbana em Cidades Médias. **Sociedade & Natureza**, v. 20, n. 1, p. 205–220, jun. 2008.
- PEIXOTO, M. C. D. **Expansão urbana e proteção ambiental: um estudo a partir do caso de Nova Lima/MG**. COSTA, GM, 2006.
- QUESTIONÁRIOS AOS MORADORES DO BAIRRO ESTIVA [outubro a março de 2019]. Entrevistador: Pedro Torres de Melo Pedrosa, 2019. 59 arquivos .mp3 (4,3 horas). (consta na íntegra no Apêndice G).
- RITTER, C.; FIRKOWSKI, O. L. C. D. E. F. **Novo conceitual para as periferias urbanas**. Revista Geografar, 2009.
- SACHS, I. **Desenvolvimento Includente, Sustentável Sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- ROSSI, Aldo. **Arquitetura da cidade**. São Paulo. Martins Fontes. 2001.
- SANTORO, P. F. **Perímetro urbano flexível, urbanização sob demanda e incompleta: o papel do Estado frente ao desafio do planejamento da expansão urbana**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 16, n. 1, p. 169, 2014.
- SANTOS, F. L. **Conflitos da Ocupação Urbana de Itajubá/MG com Base na Legislação Municipal Usando SIG**. [s.l.] Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, 2013.
- SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. **A Natureza do espaço: Técnica e tempo, Razão e Emoção**. 4 ed. São Paulo. Editora

da Universidade de São Paulo. 2006.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: NOBEL, 1985. Revista Geonorte, v. 7, n. 27, p. 78-84, 2017.

SANTOS, R. S. **Da Urbanização do Território ao Urbanismo da Requalificação dos Espaços Centrais: a reprodução do espaço urbano como fronteira interna da expansão**.

GEOUSP - Espaço e Tempo, v. 24, p. 28–49, 2008.

SELLTIZ, C. **Métodos de Pesquisa das Relações Sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

SCHMIDT, L. P.; LOBODA, C. R. **A Cidade Enquanto um Espaço Desigual: o caso de Guarapuava-PR**. Caminhos de Geografia, v. 12, n. 39, p. 21–30, 2011.

SINGER, P. **O Uso do Solo na Economia Capitalista**. Boletim Paulista de Geografia, v. 55, n. 77, p. 77–92, dez. 1980.

SPOSITO, M. E. B. Novas Formas Comerciais e Redefinição da Centralidade Intra-urbana. In: **Textos e Contextos Para a Leitura Geográfica de uma Cidade Média**. Presidente Prudente: Pós-graduação em Geografia da FCT/UNESP, 2001. p. 235–254.

SPOSITO, M. E. B. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. **Revista Território**, v. 3, n. 4, p. 27–37, 1998.

TUAN, Y.F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

VAINER, C. B. As Escalas do Poder e o Poder das Escalas: o que pode o poder local.

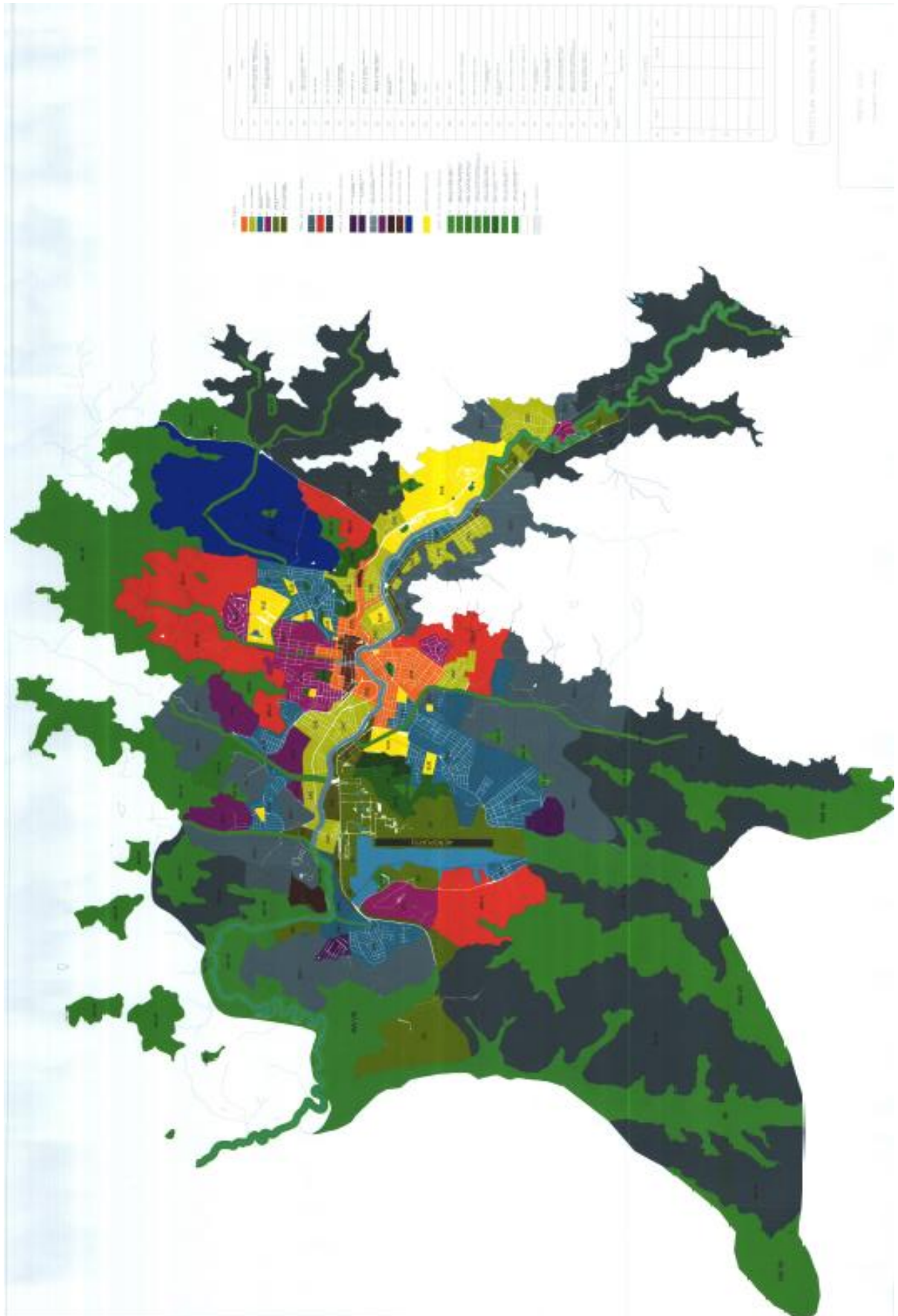
Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 13–32, 2002.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 3. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.

VILLAÇA, F. **Espaço intraurbano no Brasil**. São Paulo: Studio Novel, 1998.

ANEXOS

ANEXO A - Zoneamento Municipal de Itajubá (MG)



APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos moradores do bairro Estiva

NÚMERO DE SÉRIE DO QUESTIONÁRIO: __

DATA: __/__/__

HORA: __:__

LOCAL: _____

NOME COMPLETO: _____

IDADE: __

SEXO: 1.() **FEMININO** 2.() **MASCULINO**

OCUPAÇÃO: _____

NÍVEL DE ESCOLARIDADE? _____

HÁ QUANTO TEMPO MORA NA CIDADE? _____

NASCIDO OU RESIDENTE EM OUTRA CIDADE ANTES DE VIM PARA

ITAJUBÁ: _____

EM QUAL BAIRRO VOCÊ MORA?

1.() **ESTIVA** 2.() **OUTRO:** _____

HÁ QUANTO TEMPO MORA NO BAIRRO? _____

VOCÊ JÁ FREQUENTOU ALGUM DESSES LUGARES?

1.() **PREFEITURA** 2.() **PARQUE MUNICIPAL** 3.() **TEATRO MUNICIPAL**

ATUALMENTE, QUAL A PRINCIPAL REFERÊNCIA DA REGIÃO EM QUE VOCÊ MORA? _____

QUESTÕES ABERTAS

1. RELATE SUAS MEMÓRIAS SOBRE AS MUDANÇAS QUE OCORRERAM NO SEU BAIRRO NOS ÚLTIMOS ANOS?

2. QUAIS PONTOS POSITIVOS E PONTOS NEGATIVOS DO ATUAL CRESCIMENTO DO BAIRRO ESTIVA?

3. O CRESCIMENTO DO BAIRRO ESTIVA AFETA SUA VIDA DE ALGUMA FORMA? E SEU BAIRRO? COMO?

4. SEGUNDO SUA PERCEPÇÃO, PORQUE INSTALARAM A PREFEITURA MUNICIPAL, O PARQUE MUNICIPAL E O TEATRO MUNICIPAL DE ITAJUBÁ NESTA REGIÃO?

5. HOUVE AUMENTO DE IPTU E/OU ALUGUEL NA SUA RESIDÊNCIA NOS ÚLTIMOS ANOS?

APÊNDICE B – Roteiro final da entrevista com fiscal urbanista da prefeitura

NOME COMPLETO: _____

CARGO/: _____

EMAIL/ TELEFONE: _____

VÍNCULO COM A PREFEITURA: _____

TEMPO DE SERVIÇO NO CARGO: _____

TEMPO DE SERVIÇO NA DEPARTAMENTO PREFEITURA: _____

ÁREA FORMAÇÃO: _____

PERGUNTAS

1. QUAL A DELIMITAÇÃO IDEAL DO BAIRRO ESTIVA? PORQUE? E DOS OUTROS BAIRROS ADJACENTES? (UTILIZAR MAPAS E LEIS PARA AJUDAR NO DESENHO)
2. QUAL A EXPANSÃO PREVISTA PARA AQUELA ÁREA?
3. COMO É REPRESENTADA NO PLANEJAMENTO URBANO MUNICIPAL?
4. QUAL PAPEL DA PREFEITURA NESSA EXPANSÃO?
5. PODE ABORDAR A HISTÓRIA DO BAIRRO ESTIVA?
6. COMO FOI ADQUIRIDO PELA PREFEITURA AS TERRAS DA ESTIVA, POR DESDOBRO, DESMEMBRAMENTO OU LOTEAMENTO? (UTILIZAR A LEI DE PARCELAMENTO E USO DO SOLO)
7. ONDE SERÃO INSTALADAS AS EMPRESAS DO PCTI?
8. EXISTEM ESTUDOS DE EIA-RIMA (CASO HAJA NECESSIDADE) PARA ESTAS OBRAS?
9. COMO ESSAS OBRAS AFETAM O MUNICÍPIO?
10. COMO ESSAS OBRAS AFETAM OS MUNÍCIPES DO BAIRRO ESTIVA?
11. INDIQUE MAIS ALGUÉM QUE ENTENDA DOS ASSUNTOS CONTIDO NESTAS ENTREVISTAS.

APÊNDICE C - Ofício nº 1 de solicitação de informações à prefeitura

Itajubá, 11 de junho de 2018

Ofício

À Secretaria de Planejamento,
Ref. Pedido de Informações

Eu, Pedro Torres de Melo Pedrosa, CPF 089218116-80, RG 15026264, solteiro, residente à Rua Bartolomeu Tadei, nº 168, estudante do Programa de Pós-graduação Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade, da Unifei, venho solicitar algumas informações a respeito do desenvolvimento urbano da nossa cidade.

Desde já, gostaria de solicitar uma conversa com alguns funcionários da Secretaria de Planejamento (Sr. Galdino, Sr. Alexandre Raponi ou Sr. Carlos), e com o prefeito Excelentíssimo Senhor Rodrigo Rieira, a fim de explicar sobre o meu projeto de mestrado e obter informações sobre o desenvolvimento urbano do nosso município, especificamente no tocando área dos bairros da Estiva, Nossa Senhora da Agonia, Cruzeiro e Pinheirinho.

Segue uma lista de solicitações que pretendo saber, perguntas vitais para minha pesquisa. Minha pesquisa versa sobre o desenvolvimento e expansão urbana, especificamente o surgimento de uma nova centralidade no nosso município. Primeiramente, gostaria de entender se é possível a obtenção de documentos e projetos da prefeitura para esta área compreendida entre os bairros citados.

1. Como era a urbanização da área da prefeitura antes da implantação do novo prédio, em termos de zoneamento?
2. Quando as áreas atrás do Pinheirinho se tornou ZEU II?
3. Quando a área nas proximidades do prédio novo da prefeitura se tornou ZEU III?
4. Quando essa urbanização/expansão começou e como se deu essa orientação espacial dessa expansão?
5. Porque aquela região foi escolhida para ser expandida?
6. Quais ações de planejamento territorial voltadas para expansão urbana?
7. Qual o papel da prefeitura neste processo?
8. Como o prefeito enxerga essa expansão nesse eixo da cidade?
9. Quais os principais vetores desse fenômeno na região dos bairros da Estiva?
10. Há possibilidade de solicitar os zoneamentos anteriores de Itajubá?
11. Quando aquela área da prefeitura “nova” e entornos virou Área de Interesse Tecnológico?
12. O que significa a zona de Área de Interesse Tecnológico (AIT), e porque a prefeitura, e outros equipamentos urbanos localizam-se nessa região?
13. Qual o papel da prefeitura no projeto do Parque Científico e Tecnológico de Itajubá, especificamente com relação ao terreno e obras de infraestrutura urbana?
14. Qual a perspectiva da prefeitura com relação aos empreendimentos na região, principalmente os condomínios fechados, empresas privadas e empreendimentos públicos?

Certo da importância desses assuntos para a Prefeitura e para nossa cidade, e do interesse assim como o interesse em colaborar com pesquisas que buscam entender as dinâmicas urbanas de Itajubá, aguardo o contato para uma entrevista/conversa.

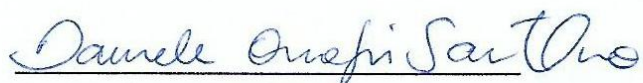
Atenciosamente,



Pedro Torres de Melo Pedrosa

Mestrando em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade

Universidade Federal de Itajubá



Daniele Ornaghi Sant'Anna

Coordenadora do Curso de Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade

Universidade Federal de Itajubá

APÊNDICE D - Ofício nº 2 de solicitação de informações à prefeitura

Itajubá, 30 de Agosto de 2018

Ofício

À Secretaria de Planejamento,

Ref. à Solicitação de Informações

Eu, Pedro Torres de Melo Pedrosa, CPF 089218116-80, RG 15026264, solteiro, residente à Rua Bartolomeu Tadei, nº 168, estudante do Programa de Pós-graduação Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade, da Unifei, venho solicitar algumas informações a respeito do desenvolvimento urbano da nossa cidade. Gostaria de reiterar a minha solicitação de uma conversa com o Secretário de Planejamento, a fim de explicar sobre o meu projeto de mestrado e trocar ideias sobre o desenvolvimento do bairro Estiva.

Para finalidade de pesquisa acadêmica, solicito os Anexos do Plano Diretor Municipal de Itajubá, especificamente os Anexos II, Volume II, sendo eles:

- Anexo II.I – Compartimentação do Município
- Anexo II.II – Macrozoneamento do Município
- Anexo II.III – Perímetro Urbano
- Anexo II.IV – Zoneamento Urbano
- Anexo II.V – Parque Tecnológico
- Anexo II.VI – Sistema Viário do Município

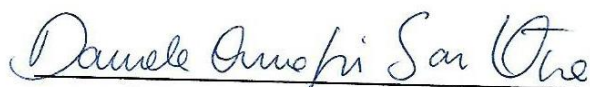
Solicito também arquivos *shapefile* da malha viária Itajubense, da divisão administrativa dos bairros, do relevo de Itajubá, dos rios de Itajubá, do zoneamento de Itajubá, do adensamento previsto no Plano Diretor, do Parque Tecnológico, de forma a abrir em Sistemas de Informação Geográfica.

Aguardo o contato para uma entrevista/conversa.

Atenciosamente,



Pedro Torres de Melo Pedrosa
Mestrando em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade
Universidade Federal de Itajubá



Daniele Ornaghi Sant'Anna
Coordenadora do Curso de Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade
Universidade Federal de Itajubá

APÊNDICE E - Ofício nº 3 de solicitação de informações à prefeitura

Itajubá, 04 de janeiro de 2019

**Ofício ao setor responsável pela arrecadação de IPTU
Ref. Pedido de Informações**

Eu, Pedro Torres de Melo Pedrosa, estudante do Programa de Pós-graduação Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade, da Unifei, solicito à prefeitura municipal de Itajubá dados demográficos referentes ao bairro Estiva, especificamente:

- A informação com a quantidade de residências no bairro;
- Uma imagem e um arquivo executável em Sistemas de Informações Geográficas divisão oficial e atual dos bairros de Itajubá,-

Certo da compreensão e do interesse da administração municipal em colaborar com pesquisas acadêmicas que envolvem questões urbanas da cidade de Itajubá, agradeço desde já.

Atenciosamente,



Pedro Torres de Melo Pedrosa
Mestrando em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade
Universidade Federal de Itajubá

Apêndice F - Transcrição da entrevista com o fiscal urbanista da prefeitura de Itajubá

(0:00) Esse trecho daqui, da cerca que desce pro parque, era tudo fazenda do Dr. Cicrano, que foi uma desapropriação do município.

A desapropriação inicial em 2005 houve um embargo judicial, e foi liberado em 2006, em 2006 começou a construção, e foi inaugurada no meio de 2007. Eu vim pra cá em junho, estava fazendo uma obra no centro.

Esse trecho aqui é do Fulano, dono da Loja Tal. Da cerca que sobe faz essa volta, isso era a fazenda do Dr. Cicrano.

O município só fez o parcelamento da parte onde é a prefeitura, tem a gleba do cinema (doação da prefeitura), a gleba do teatro.

(3:30) Toda vez que há interesse público em algum local, ele utiliza o direito de preempção, que está posto no Estatuto das Cidades. Ele dá ao município o primeiro direito de aquisição do local, nesse caso, a partir do momento que houve interesse na área, ele fez um decreto de desapropriação, o decreto de utilidade pública, daí há a avaliação por parte de engenheiros e uma equipe técnica, para avaliar o local, uma vez criado o decreto é briga judicial.

O acesso é com o diretor de arquivo e patrimônio do município. O decreto desapropriou essa área, a família não aceitou, houve a briga, e foi feito o depósito em juízo, feita a correção do valor, mesmo assim a família contestava, porém o juiz foi favorável ao município, o município só aguardou o termo de posse.

(6:30) A iniciativa da transferência do centro administrativo pra cá foi do ELS ele que idealizou, inclusive desapropriar o local. Mas não tem nada de terras dele ali, tirando a gleba toda onde foi feita a Vila do Arco, era tudo de terceiros. Vila do Arco era uma vila antiga que tinha. Tem que ver o nome do loteamento, eu não sei, tem que pegar com a Viviane, é mais o menos de 74 ou 75.

Em decreto lei o bairro é uma coisa, na prática é outra. Isso aqui é a parte do Beltrano já foi feita a escola aqui, aqui ele tem empreendimento pra fazer depois. Ele tem um parcelamento em estudo, mas como a área de interesse tecnológico não tem parâmetros urbanísticos ainda definidos ainda não dá pra aprovar o parcelamento, então tem que esperar sair o novo Plano Diretor.

O zoneamento foi feito por uma equipe de técnicos contratados que fizeram um estudo da cidade, de 2003 (que ele não acompanhou), só participou do processo de revisão.

(12:30) Na terra do Beltrano não pode parcelar, por que tem um brejo e uma mina d'água, 50 metros. Antes quando foi aterrado não tinha lei federal pra isso, em 1970 e 1972. O ELS doou o terreno pra construção da Unifei.

(O bairro BPS) Vem parte da Francisco Masselli, Av. Bps, a R. São Judas Tadeu, a Simão Mauad, a Tigre Maia e Rua sem fim.

Aqui na verdade era um brejão, e foi sendo tudo aterrado. (ele doou) ele não tinha interesse nessa área, era muito aterro pra fazer. Na verdade ele aterrou pq o Rio José pereira passava pra trás da Tigre Maia, à Simão Mauad é tudo aterro, inclusive a Unifei.

(16:30) Se o poder público tiver interesse ele tenta desapropriar, mas não tem nada previsto. O teatro é PPP, tem que ver na secretaria de CeT, lá eles tem a informação mais

precisa. A região do lago é do município, já a região do autódromo é concessão, através de licitação, com direito de explorar por 30 anos.

A prefeitura já instalou toda a infraestrutura de acesso pro parque científico, do outro lado do rio (ribeirão José Pereira) é da Unifei, falta só a finalização do prolongamento, quando a Unifei começar a implantar.

A infraestrutura só foi implantada pensando no trecho do município, pra implantar isso lá tem que ter contato da prefeitura.

(20:20) Pelo visto não teve EIA-RIMA nas obras da prefeitura.

Muda todo o sistema viário (a NCU), você já tem uso maior da Rua da Floresta (coletora) e uma arterial, a Av. Bps continuando pela Av. Pontoneiros da Mantiqueira, dando uma sobrecarregada, aumentando o fluxo, tendo mais quebra molas.

Foi um grande atrativo essa parte de lazer, muda todo o foco. Antes tudo era centrado na praça central e as ruas que são comércio. Agora não, com a reforma da praça houve um deslocamento para a praçanha, pra fumar maconha. Agora o parque gerou outro foco. Quem mora na região vai na Unifei, mas quando mora longe, tem medo, devido ao confinamento e aos portões, é outra realidade.

Muitos reclamam do deslocamento, mas essa centralidade é só administrativa, mas temos um serviço próximo à matriz, se você precisa abrir uma empresa, você vai no Minas Fácil, não vem aqui. Há um cérebro aqui, mas o corpo está na cidade. Precisava centralizar, antes você cruzava a cidade pra ir nas secretarias diversas. Acabou esse deslocamento, agora a prefeitura tem uma unidade. Serviços essenciais estão presentes na cidade, se fosse tudo ali só, seria transtornante.

(27:44) Aqui você tem tipologia C e D, antigamente tinha esse preconceito com periferia, no Rio e São Paulo você vê bastante, aqui não. Há linha tradicional de pai pra filho que passa as residências nas casa do loteamento da Vila do Arco. Característico na subida do Arco, Poli – Igreja tem a características de passar de pai pra filho.

O bairro está isolado disso, não tem uma valorização do cadastro imobiliário do local. Quem tá ali não tem interesse. Quem comprou a casa do BNH antigo, são casa de 49 m2, quarto, sala e cozinha e banheiro. Hoje 30 anos depois, a configuração é outra, houve a ampliação do negócio, entendeu?!

(33:00) Aqui no caso não houve (gentrificação), gerou uma área de lazer muito próximas, você percebe que as pessoas vem caminhando e fazem uso do local, não gerou essa expulsão, houve um favorecimento muito grande pra cá, é muito próximo pra eles. Sobre PPP é nas CeT, Meio Ambiente é na Secretaria do Meio Ambiente.

APÊNDICE G - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O SENHOR(A) ESTÁ SENDO CONVIDADO(A) PARA PARTICIPAR DA PESQUISA DE MESTRADO INTITULADA: “IMPLICAÇÕES DE UMA NOVA CENTRALIDADE URBANA EM ITAJUBÁ/MG”, QUE TEM COMO OBJETIVO ENTENDER QUAIS IMPACTOS DO SURGIMENTO DE UM NOVO CENTRO URBANO NO FORMATO DA CIDADE E NA SEGREGAÇÃO ESPACIAL DO MUNICÍPIO DE ITAJUBÁ (MG). ESTE ESTUDO ESTÁ SENDO REALIZADO PELO PESQUISADOR PEDRO TORRES DE MELO PEDROSA, ALUNO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO, TECNOLOGIA E SOCIEDADE, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ (UNIFEI), SOB ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA DOUTORA DANIELE ORNAGHI SANT’ANNA.

AS ENTREVISTAS OCORRERÃO DURANTE OS MESES DE JULHO A OUTUBRO DE 2018. SUAS RESPOSTAS SERÃO TRATADAS DE FORMA ANÔNIMA E CONFIDENCIAL, DE FORMA QUE OS DADOS COLETADOS SERÃO UTILIZADOS NA PESQUISA, HAVENDO A POSSIBILIDADE DA DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS EM EVENTOS OU REVISTAS CIENTÍFICAS. SUA PARTICIPAÇÃO NESTA PESQUISA CONSISTIRÁ EM RESPONDER AS PERGUNTAS QUE SERÃO REALIZADAS SOB A FORMA DE ENTREVISTA ESCRITA E GRAVADA EM ÁUDIO.

OS BENEFÍCIOS DESTE ESTUDO CIENTÍFICO GIRAM EM TORNO DA MELHOR PERCEPÇÃO DA SOCIEDADE DO MUNICÍPIO QUANTO AOS IMPACTOS DA CRIAÇÃO DE UM NOVO CENTRO NA BAIRRO ESTIVA, EM ITAJUBÁ/MG.

ESTE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO É UM DOCUMENTO QUE COMPROVA A SUA PERMISSÃO PARA UTILIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES FORNECIDAS. PARA POSSÍVEIS INFORMAÇÕES E ESCLARECIMENTOS SOBRE O ESTUDO, ENTRAR EM CONTATO COM O AUTOR NO E-MAIL PTMPEDROSA@GMAIL.COM. RESSALTA-SE QUE A SUA COLABORAÇÃO É MUITO IMPORTANTE, POIS SEM A SUA RESPOSTA A PESQUISA NÃO ACONTECERIA.

DECLARAÇÃO

DECLARO ESTAR CIENTE DO INTEIRO CONTEÚDO DESTE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO E ESTOU DE ACORDO EM PARTICIPAR DO ESTUDO PROPOSTO, SABENDO QUE DELE PODEREI DESISTIR A QUALQUER MOMENTO, SEM SOFRER QUALQUER PUNIÇÃO OU CONSTRANGIMENTO.

NOME COMPLETO DO(A)

PARTICIPANTE:

ASSINATURA DO(A) PARTICIPANTE: ITAJUBÁ, ____ DE _____ DE _____

ASSINATURA DO PESQUISADOR


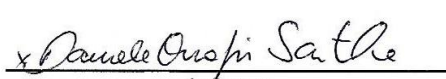
RESPONSÁVEL:

APÊNDICE H - Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: IMPLICAÇÕES DE UMA NOVA CENTRALIDADE URBANA EM ITAJUBÁ/MG: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR SOBRE A MORFOLOGIA DA CIDADE E SUAS VIVÊNCIAS			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 120			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 6. Ciências Sociais Aplicadas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: Pedro Torres de Melo Pedrosa			
6. CPF: 089.218.116-80		7. Endereço (Rua, n.º): Rua Bartolomeu Tadei cruzeiro 168 ITAJUBA MINAS GERAIS 37504018	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: 35992156822	10. Outro Telefone:
		11. Email: ptmpedrosa@gmail.com	
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que <u>essa</u> folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>28</u> / <u>06</u> / <u>18</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Federal de Itajubá		13. CNPJ: 21.040.001/0001-30	14. Unidade/Órgão:
15. Telefone: (31) 3834-3544		16. Outro Telefone:	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>PROFA. DRª DANIELE ORNAGHI SANTI'ANNA</u> CPF: <u>x 261.986.988-90</u>			
Cargo/Função: <u>x PROFESSOR DE MAGISTÉRIO SUPERIOR</u>			
Data: <u>28</u> / <u>06</u> / <u>18</u>		 Assinatura	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

APÊNDICE I - Mapa A3 da expansão da mancha urbana de Itajubá (MG) nos períodos entre 1986-2001 e 2001-2017

